

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**Juventudes: uma leitura sobre a interação entre estudantes universitários
em Ouro Preto/MG**

Juliano de Carvalho Fonseca

Belo Horizonte

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**Juventudes: uma leitura sobre a interação entre estudantes universitários
em Ouro Preto/MG**

Juliano de Carvalho Fonseca

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Léa Freitas Perez

Belo Horizonte

2016

Nome: Juliano de Carvalho Fonseca

Título: Juventudes: uma leitura sobre a interação entre estudantes universitários em Ouro Preto/MG

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Aprovada pela seguinte banca examinadora:

Professora Léa Freitas Perez- FAFICH/UFMG (orientadora)

Professora Regina de Paula Medeiros- PPGCS-PUC Minas.

Professora Danielle Cireno Fernandes – FAFICH/UFMG

Belo Horizonte

2016

RESUMO

Este estudo é o resultado de quase três anos de pesquisa realizada em uma cidade histórica e, universitária, distante a 100 km da capital mineira. A transformação de Ouro Preto, ainda no século XIX, em um importante polo formal de qualificação profissional provocou um intenso e crescente fluxo migratório de jovens procedentes de outras regiões do país que, atraídos sobre tudo pela oferta de formação superior de qualidade e gratuita, alterou significativamente a configuração social da antiga cidade colonial. Essa transformação, ora devagar, ora acelerada, não veio desacompanhada de pequenos des-arranjos interacionais, impulsionado, sobretudo, pela ausência de equipamentos públicos de sociabilidade e, pela forma encontrada pelos novos moradores para escapar na monotonia e do *bad*, para interagirem entre si e estreitarem os laços sociais, a festa. Assim, o *rock* e o *sociais* são festas importantes entre a juventude de Ouro Preto, de modo mais evidente, entre os moradores de uma das mais de 400 repúblicas existentes na cidade. Assim, destas frequentes festas, parece ter se desenvolvido um tipo específico de fantasia coletiva na cidade, por um lado, a crença local é a de que tais forasteiros não respeitam a cidade e, nem muito menos, os seus moradores “legítimos” e, por outro, a crença entre os estudantes é a que os moradores locais vivem do passado e não se abrem ao novo, dificultando assim, a interação entre os jovens moradores. Dito isso, este estudo traz como foco principal, esta relação social [imaginada, difícil] entre os jovens de 18 a 29 anos, moradores locais e moradores flutuantes, estes últimos, estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, objetivando, sobretudo, apreender a lógica que rege as relações sociais desenvolvidas na cidade.

Palavras-chaves: fluxo migratório, relação social, juventudes, Ouro Preto, festa.

RÉSUMÉ

Cette étude est le résultat de près de trois années de recherches menées dans une ville historique et universitaire, distant de 100 km de la capitale de l'Etat. La transformation de Ouro Preto, au XIXe siècle, dans un centre de qualification académique a provoqué une migration intense et croissante des jeunes d'autres régions du pays, attirés surtout par la hausse de la formation de la qualité de l'offre et gratuite, a changé de manière significative le contexte social de la vieille ville coloniale. Cette transformation, parfois lent, parfois rapide, ne sont pas venus de petits arrangements des-interactionnelles non accompagnés, tirée principalement par l'absence d'équipements publics de sociabilité et de la façon trouvée par les nouveaux résidents pour échapper à la monotonie et le *bad*, d'interagir les uns avec les autres et les liens sociaux étroits, le parti. Ainsi, le *rock* et le *sociais* sont très importants entre les jeunes de la ville, plus évidente parmi les habitants de l'une des plus de 400 républiques existantes à Ouro Preto. Ainsi, ces fêtes fréquents, semble avoir développé un type spécifique de la fantaisie collective dans la ville, d'une part, la croyance locale est que ces étrangers ne respectent pas la ville et, beaucoup moins, ses habitants «légitime» et, d'autre part, la croyance parmi les étudiants est que les habitants vivent dans le passé et non ouvert à la nouvelle, entravant ainsi l'interaction entre les jeunes résidents. Cela dit, cette étude a pour objectif principal, cette relation sociale [imaginé, difficile] chez les jeunes âgés de 18-29 ans, les habitants et les résidents flottants, ce dernier, les étudiants de l'Université fédérale d'Ouro Preto, visant surtout à saisir la logique qui régit les relations sociales développées dans la ville.

Mots-clés: migration, relation sociale, les jeunes, Ouro Preto, fête.

SUMMARY

This study is the result of nearly three years of research conducted in a historic town and university, distant 100 km from the state capital. The transformation of Ouro Preto, in the nineteenth century, an important center of academic training provoked an intense and increasing migration of young people from other regions of the country, drawn above all by higher offer quality training and free , significantly changed the social setting of the old colonial city. This transformation, sometimes slow, sometimes fast, did not come unaccompanied small interactional des-arrangements, driven mainly by the absence of public facilities of sociability and the way found by the new residents to escape the monotony and bad, to interact with each other and narrow social ties, the party. Thus, the *rock* and the *sociais* parties are important between Ouro Preto youth, more evident among the residents of one of the more than 400 existing *republics* in the city. Thus, these frequent parties, seems to have developed a specific type of collective fantasy in the city, on the one hand, the local belief is that these outsiders do not respect the city and, much less, its residents "legitimate" and, on the other, the belief among students is that the locals live in the past and not open to the new, thus hindering the interaction between the young residents. That said, this study has as its main focus, this social relationship [imagined, difficult] among young people 18-29 years old, locals and floating residents, the latter, students of the University of Ouro Preto, aiming above all to grasp the logic that governs social relations developed in the city.

Keywords: migration, social relationship, youths, Ouro Preto, party.

AGRADECIMENTOS

“As coisas não saem do nada, elas possuem uma proveniência”.

Léa Perez

Como isso ou aquilo se tornou possível é, talvez, a pergunta inicial de muitos trabalhos sociológicos, porém, desta vez, a utilizarei para iniciar a minha gratidão à tantas pessoas que, de modo especial, direta ou indiretamente, possibilitaram a realização desta presente escritura e, confesso que, nestes dois árduos anos percorridos em nenhum momento estive só. Para chegar até aqui, me tornei devedor de inúmeras pessoas e, acredito piamente que, sem o suporte oferecido, eu não seria capaz de prosseguir.

Em primeiro lugar, por ordem cronológica, gostaria de mencionar a pessoa que de modo sempre tão especial, carinhoso e gratuito, me incentivou ainda durante a graduação, a prosseguir pelo trajeto acadêmico. Sou imensamente grato à professora Regina Medeiros a qual, por tantas dádivas sou devedor. Aos meus amigos e aos meus professores da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, o meu eterno reconhecimento.

Em seguida, noutro tempo e, também em primeiro lugar, meus eternos agradecimentos a minha orientadora Léa Perez que, desde o primeiro momento, foi tão generosa, paciente e atenciosa, mesmo em meio a toda a minha inabilidade. Confesso que, as nossas aulas das sextas-feiras à tarde me instruíram, me ensinaram e me instigaram muito mais dos que todos os livros lidos nestes mais de seis anos na academia. Talvez, por isso, a minha escritura esteja inteiramente marcada por suas palavras e pelos seus passos.

Sou grato a todos os meus queridos amigos da turma de 2014, especialmente, Pichilinga, Mariana e a Cris. Agradeço a todos os mestres, de modo especial, as professoras Yumi e Ana Marcela pela cumplicidade e pelo carinho, sobretudo durante o estágio docente. A todos estes, o meu eterno reconhecimento.

Aos professores Juarez Dayrell e Daniele Cireno que com tanto carinho e atenção, mesmo em meio a tantos compromissos, se disponibilizaram a ler meu texto e

compor a minha banca na ocasião da minha qualificação, interceptando os meus passos e convertendo-os de modo tão brilhante. A eles, os meus sinceros agradecimentos.

A todos que, ao longo destes dois anos de modo tão solícito e generoso, se colocaram a disposição desta pesquisa durante o processo de coleta dos dados em Ouro Preto. A Flávia Alves, amiga de todas as horas e, a todos os moradores da república Cruz Vermelha que de modo tão atencioso abriram as portas da república a longas horas da noite. A todos meu muito obrigado.

Sou agradecido ao CNPq pelo apoio financeiro concedido desde os primeiros passos desta pesquisa.

Aos meus pais, aos meus irmãos e aos meus amigos que sempre foram pacientes e compreensíveis mesmo em meio a tanta ausência. De modo especial, agradeço ao Glayson, companheiro de longas datas e de muitas jornadas e cujos passos estiveram sempre junto aos meus.

Lista de Figuras

Figura 1 Quadros com as fotos dos ex-alunos	28
Figura 2 Semana Santa- Procissão do encontro	37
Figura 3: Estoque de 300 caixas de cerveja para o carnaval na República Favela.....	48
Figura 4: Rock intitulado Castelão	52
Figura 5 Programação da Festa do Santo no distrito de São Bartolomeu.....	60
Figura 6: Fachada da casa que abriga há 15 anos a República Cruz vermelha.....	71
Figura 7: Placa da homenagem realizada pelos moradores e ex-moradores da República Cruz Vermelha em comemoração ao 40º aniversário da casa, comemorado em 2011. [Refletido no fundo da placa, a parede dos ex-alunos].....	73

Lista de Tabelas

Tabela 1: Crescimento das matrículas de ensino superior por dependência administrativa: 1980- 2013	41
Tabela 2 Moradia x Classificação Econômica (%).....	45
Tabela 3 Participação no sustento da família (%)	46
Tabela 4 Consumo de Substância Psicoativas x Moradia (%).....	47

ANEXOS

Anexo 1 Texto sobre a Lei Municipal do Silêncio	98
Anexo 2 Projeto de Lei 041/ 98	112
Anexo 3 Fotografia da Rua Direita, Centro	116
Anexo 4 Fotografia da fachada do bar Satélite	116
Anexo 5 Fotografia da Rua Paraná, Centro	117
Anexo 6 Fotografia da fachada do Bar Barroco, largo da Barra.....	117
Anexo 7 Fotografia da Manifestação contra o aumento das passagens, Praça Tiradentes, 2013.....	118
Anexo 8 Fotografia da Praça Tiradentes durante o Festival de Inverno 2015	118
Anexo 9 Fotografia da Praça Tiradentes, Centro	119
Anexo 10 Fotografia de alunos da UFOP na Cachoeira da Chapada	119
Anexo 11 Reportagem sobre os bastidores do processo de batalha em repúblicas de Ouro Preto	120
Anexo 12 Roteiro elaborado como referência para grupo focal.....	123
Anexo 13 Roteiro de entrevista utilizado como referência nas entrevistas	124
Anexo 14 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	126

A gente não consegue deixar de lado os rastros da nossa proveniência, além do mais, a gente não escolhe recebê-la, ela é uma herança. A única coisa que nos resta é o dispêndio [...] [bate papo em uma tarde de sexta-feira na FAFICH, Perez, 2015].

Sumário

Apresentação	13
Parte 1 - De cidade colonial à cidade-universitária	22
1.1 A hi[e]stória ouro pretana.....	24
1.2 Lugar de efervescência.....	26
Parte 2 – A cidade e a ausência de equipamentos de sociabilidade.....	33
2.1 A[s] juventude[s].....	39
2.2 Aspectos gerais dos estudantes da UFOP	44
2.3 Aspectos gerais dos jovens locais	54
Parte 3 - Nem só isso, nem só aquilo.....	55
3.1 Os sujeitos da pesquisa	56
Considerações Finais	80
Referências Bibliográficas	90
Anexos.....	98

Apresentação

Repúblicas estudantis: Ouro Preto não é a casa da Mãe Joana!

Cresce a cada dia *o conflito entre algumas repúblicas estudantis e os seus vizinhos*. Moradores da Bauxita e do Centro Histórico *não aguentam mais*. Som no talo até às 5 da manhã, porta batida na cara de fiscais da Prefeitura, consumo de drogas, agressão a moradores próximos e destruição de bens públicos. Isto é o que fazem pessoas que vieram a Ouro Preto para estudar.

O que podemos esperar de um profissional que se forma com esta folha-corrída? O que podemos esperar de uma elite privilegiada (só 4% dos brasileiros chega à universidade!) que agride quem paga os seus estudos? O que os outros 96% do povo que paga impostos pode esperar de um meliante destes?

E você sabe quem acaba tendo que pagar as multas das repúblicas federais pela bagunça? Nós, palhaços e babacas, que pagamos impostos e temos que levantar cedo pra trabalhar, pois a casa é do Governo Federal e ele vai a pagar a multa com nosso dinheiro. A UFOP, inclusive, está inadimplente com o Município por que não concorda em pagar estas multas.

Todos [nós] reconhecemos a importância da UFOP, do seu crescimento, da ampliação das vagas, dos recursos financeiros que ela e os seus alunos trazem pra cá. Sabemos do compromisso da Direção da Universidade com a nossa região e dos importantíssimos projetos da instituição para melhorar nossas condições de vida. Temos certeza de que a imensa maioria dos estudantes são sérios e *cumprem o seu papel*.

Mas, infelizmente, há uma banda podre que atrapalha tudo isto. *Eles não respeitam quem os acolhe. São pessoas que estudam de graça, pagam dois reais por uma refeição balanceada no bandejão, moram às vezes em casa do Governo e vêm perturbar o nosso sono!!!*

São falsos estudantes, que não merecem sentar nos bancos de uma universidade pública. São a escória da UFOP. Esforços estão sendo feitos pela comunidade da Bauxita, pela Direção da UFOP, pela Prefeitura, pelo Ministério Público e pela Câmara para mudar esta situação.

Se nos unirmos, a bagunça pode acabar. Acho que uma medida interessante seria a UFOP mandar uma cartinha para os pais dos baderneiros informando o que o filho deles faz por aqui. Da minha parte, estou propondo mudanças na lei municipal do silêncio para enquadrar as repúblicas.

O mandato que tenho me dá direito de dar algumas sugestões a estes baderneiros. *Voltem pra sua cidade e façam zona na sala da casa do pai e da mãe de vocês! Nós não queremos vocês aqui! Vocês não contribuem em nada para nossa cidade. Vocês só dão prejuízo ao Governo e amolação para os ouro pretanos. Deixem-nos em paz (grifos meus).*

Este relato, publicado no jornal O Liberal, no dia 26 de novembro de 2011, é quase que a transcrição integral do discurso proferido dias antes, numa reunião da Câmara Municipal de Ouro Preto por um vereador do município. Três dias depois da publicação, de forma parecida disse o mesmo vereador:

há alguns anos, os moradores da Bauxita lutam contra a bagunça de algumas repúblicas estudantis da região. Em setembro de 2011, como o problema piorava, as três associações de moradores do bairro se uniram para intensificar o esforço. Fui procurado em dezembro e me envolvi no trabalho. Na ocasião, as entidades promoveram uma grande reunião no Pró Melhoramentos, com mais de 200 pessoas, e que foi um marco no movimento. Foi como um grito de indignação de pessoas que não conseguem dormir em função da algazarra de algumas repúblicas¹. (Segue na íntegra no anexo 01, grifos meus).

Por já morar em Belo Horizonte, acompanhei pelas redes sociais a grande repercussão que causou em Ouro Preto a fala do então vereador. Este fato trouxe-me a recordação uma inquietação que guardava desde a infância, quando eu ainda morava na cidade em que nasci. Tal inquietação provinha da conturbada relação social vivida entre os moradores locais e os moradores flutuantes, estes últimos, universitários da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), procedentes de outras cidades e que, também por isso, muitos se tornaram moradores das tradicionais repúblicas estudantis da cidade.

¹ O Pró Melhoramentos é o nome dado a Associação de Moradores do Bairro Vila Itacolomi, atual Bauxita.

A partir desta inquietação me dediquei nos anos de 2012 e 2013, a uma pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas, intitulado *Os encantos e desencantos de Ouro Preto, uma leitura socioantropológica sobre as repúblicas estudantis*, orientado pela professora Dra. Regina Medeiros. Naquele momento, procurei resgatar o processo de instituição das primeiras moradias estudantis na cidade, buscando apreender o contexto do surgimento das primeiras desavenças entre estes dois grupos de moradores, os moradores locais e os moradores flutuantes.

Como acreditamos que os processos sociais não surgem aleatoriamente e que, inclusive por isso, utilizamos, na sociologia e em outras áreas das ciências humanas, o termo processo, me atentei para a quebra de pequenas regras das chamadas de “boa vizinhança”, desde a chegada dos primeiros estudantes a Ouro Preto ainda no século XIX. As queixas, muitas delas narradas com humor no livro de um ex-morador de uma das primeiras repúblicas criadas em Ouro Preto, eram frequentes e envolviam desde o roubo de galinhas, a desfile de estudantes nus nas ladeiras da pequena cidade religiosa².

O que pode soar como brincadeira típica da juventude, não era assim compreendida por considerável parte dos moradores locais, que acionavam constantemente as instituições policiais para dar jeito “nos baderneiros”. Algo similar ao que fez o vereador, em nome de alguns moradores locais, ao propor uma maior rigidez na já em vigor Lei Municipal do Silêncio “para enquadrar [os estudantes moradores das] repúblicas”.

O fato é que como morador local, ou seja, nascido e criado em Ouro Preto, percebi por muitas vezes uma difícil e conturbada relação entre o morador local e os novos moradores. Atualmente, por serem recorrentes os encontros comemorativos nas casas de estudantes, as chamadas repúblicas, quase sempre marcados pela música em alto volume, risos, cantorias e bebidas alcoólicas, o famoso *rock*, como são chamadas as festas estudantis, parece contribuir para reforçar a ideia típica de alguns moradores locais em relação aos estudantes que para estes são uns “baderneiros” e “maconheiros” que vivem “desrespeitando” a cidade e seus moradores “legítimos”.

Diante disso, ao iniciar o mestrado em 2014, dei curso à outra pesquisa, tomando como foco principal, a interação social experienciada entre estes moradores, objetivando

² O livro referido é do Dequeck, David. *Isto Dantes em Ouro Preto; Crônicas*. Belo Horizonte, 1984.

compreender a lógica da configuração social e das relações que se verificam na cidade. Imaginei que, observando as interações sociais habituais, poderia identificar possíveis indicadores de discriminação e de exclusão social resultante principalmente de um processo de rotulação em curso há mais de um século.

Em conversas informais realizadas com os estudantes republicanos no pré-campo, ao perguntar sobre o tipo de relação que mantinham com os moradores locais, um dos entrevistados disse que tem muitos problemas com os vizinhos e que já tinham sido [os moradores da sua república] autuados duas vezes naquele ano por fiscais da prefeitura, consequência direta das reclamações de vizinhos. “Já pagamos multas de mil e três mil reais, por causa de reclamações. Se tiver mais alguma ocorrência dentro do prazo de 36 meses, a multa poderá ser de seis mil” concluiu, se referindo a punições referentes à nova Lei Municipal do Silêncio, que prevê multas que variam entre R\$ 3.434,50 à R\$ 34.345,00, podendo ser multiplicada por até 100 vezes em casos de reincidência. Outro estudante disse:

O povo daqui é muito estranho, não se misturam, só sabem bisbilhotar a vida dos outros. A relação não tem como ser boa. A verdade é que o povo daqui não gosta da gente. Ainda quando calouros, somos ensinados a isso, já vamos ouvindo os casos desta relação e da forma que os moradores nos tratam. A gente chega e já é assim, não tem o que fazer. (Marcos, República particular X, 10/07/14).

Por outro lado, ao entrevistar alguns dos moradores locais, especificamente moradores próximos às moradias estudantis, a visão sobre a população dos moradores flutuantes parecia refletir a imagem compartilhada por boa parte dos entrevistados que, em síntese, era a de que os estudantes não respeitavam a cidade e, nem muito menos, os seus moradores locais.

Percebi que, basicamente, falar de estudante em Ouro Preto é falar de república. Quando eu perguntava qualquer coisa sobre os universitários, a resposta sempre vinha acompanhada por algum caso acontecido em alguma das mais de 400 moradias estudantis. Casos que, em sua grande maioria, relatavam algum incidente que se ajustava a alguma das imagens depreciativas já aceitas e compartilhadas por muitos dos moradores locais.

Neste contexto, tudo parecia confirmar aquilo que eu já imaginava sobre o campo de pesquisa, especificamente sobre o tipo de relação social e os atores envolvidos, até que eu voltei ao campo mais uma vez. Desta vez, no intuito de entrevistar os estudantes em busca de mais informações sobre as festas e a frequência em que elas realmente aconteciam. Até mesmo porque, as reclamações contra os estudantes giravam em torno das festas que, segundo os entrevistados, eram frequentes e aconteciam sempre nas moradias estudantis, o que a meu ver, contribuíam para sustentar a imagem depreciativa em relação aos estudantes.

As entrevistas ocorreram no campus principal da universidade e foram agendadas com o intermédio de três amigas, moradoras locais e estudantes da UFOP. Cheguei ao campo com o intuito de entender as dificuldades de interação entre dois grupos já citados, entretanto, durante as entrevistas me deparei com uma infinidade de outros grupos, como os pensionistas, os moradores das repúblicas federais, os moradores de repúblicas particulares e, ainda, os moradores locais que também eram estudantes universitários. Foi a partir daí que percebi que a mesma imagem depreciativa presente na relação entre os moradores locais e os estudantes universitários era também frequente dentro da população universitária.

Outro fato que chamou à atenção foi à frequência com que perguntas tais como: “você é nativo?” ou, “de qual república você é?” surgiam já nos primeiros contatos com os estudantes ufopianos, mesmo quando eu me apresentava como pesquisador e estudante da UFMG. Percebi que o tipo de resposta poderia definir ou, pelo menos marcar, como a interação inicial prosseguiria. Esta percepção foi também partilhada (meio que como uma queixa) por diversos moradores locais durante as entrevistas.

A princípio, ao perguntar a alguns moradores das repúblicas sobre as principais festas nas moradias estudantis e quem costumava participar, a maioria afirmou que as festas são abertas e qualquer pessoa poderia participar. Entretanto, no desenrolar da conversa, um dos entrevistados afirmou ficar furioso quando descobre algum pensionista no *rock*. Para ele, a festa é só pra quem sabe conviver com os outros, “sabe dividir as coisas e seguir regras” tal como é feito nas moradias estudantis e, que “os *rock* da casa não é lugar para filhinhos de papai que não conseguem nem mesmo dividir um quarto”. De forma parecida, outro entrevistado, morador de uma república particular disse: “se vem pensionista aqui nos *rock* aqui de casa, a gente põe pra fora”.

Para esses jovens, os chamados pensionistas, aqueles que não se adaptaram ou simplesmente não se propuseram seguir ao modelo de moradia estudantil tradicional da cidade, fazem parte de outro grupo que não o deles. Algo parecido com o discurso proferido por alguns dos moradores das repúblicas federais sobre os moradores das repúblicas particulares e vice-versa.

Dito isso, apresentei os primeiros dados no seminário da disciplina de metodologia, no final do primeiro semestre de 2014, em torno de duas questões principais, a saber, 1) a pluralidade de agentes, 2) a centralidade da festa nas configurações sociais. Estava convencido de que a mesma festa que unia, separava, afinal, aparentavam ser os momentos de efervescência os marcadores da vida coletiva, eram nos encontros festivos que as configurações sociais eram organizadas, confirmadas, definidas, em meio a movimentos ora de inclusão, ora de exclusão.

Ainda no seminário, fui questionado se era o barulho ao invés da festa, o ponto principal das desavenças entre os moradores. Embora acreditando que o barulho é também uma consequência direta da festa, já que não existe festa que seja festa sem, sem barulho, retornei a campo para conversar mais uma vez com os moradores locais em busca de me aprofundar nessa questão. Sem citar palavras como barulho, desavenças e nem muito menos festa, conversei com alguns moradores locais, tentando focar a relação cotidiana com os vizinhos de modo geral. Desta vez, uma das entrevistadas relatou:

Os vizinhos daqui são todos amigos, moro aqui desde que nasci e não tenho nada a reclamar de ninguém. Todo mundo se conhece e todo mundo se respeita, né. A única coisa que atrapalha Ouro Preto são os estudantes. Esse povo de república só sabe fazer festa. Não respeita ninguém. Outro dia, acho que foi semana passada, em plena terça-feira, acho que umas 11 horas da noite, tava eu aqui esperando Maria [filha de 7 anos] dormir e de repente ligaram o som na maior altura. Quando chegou meia-noite, eles desligaram o som. Dei graças a Deus e, de repente, eles começaram a gritar do nada e ficaram berrando igual doido durante uns 15 minutos e, depois, ligaram o som de novo. Ô raiva que me deu. Esses folgados só pensam em festa, a gente tem que levantar cedo pra trabalhar enquanto eles ficam enchendo a cara (Cristina, 32 anos, casada e mãe de uma filha. 10/07/14).

De forma muito parecida outro disse:

O único problema aqui é morar perto de república. Tem até estudante que é bacana, é sério e tal mas, esses bandos aqui da rua parecem que veio pra Ouro Preto pra fazer festa. Tem outra república ali, acho que é do povo de teatro. Não conheço ninguém lá não. Mas o povo de lá parece ser tudo bacana sabe. Deve ter uns três anos que mudaram pra lá e nunca vi eles fazendo festa. Mas aquela outra ali, não. É bebida, música alta e uma risaiada danada. Se fosse de vez em quando, a gente até aguentava sabe. Mais é direto. Toda semana tem festa. (Helton, 29 anos, solteiro, mora com a mãe e uma irmã de 19 anos).

Como se pode notar na fala destes moradores, falar de estudante é falar de república que, por sua vez, é remetida a ideia de fazer festa. Como pensado anteriormente o barulho era uma das fontes principais de reclamações contra alguns grupos de estudantes. Entretanto, o barulho era uma das consequências direta dos frequentes encontros comemorativos que ocorriam dentro de algumas das moradias estudantis espalhadas pela cidade.

Finalmente, no mês de abril deste ano, apresentei o projeto de pesquisa atualizado, acompanhado de alguns relatórios de campo, à banca de qualificação, composta por Juarez Dayrell, professor-associado da Universidade Federal de Minas Gerais e, fundador do Observatório da Juventude da mesma instituição, e pela professora associada, também da UFMG, e coordenadora do Centro de Capacitação e Pesquisa em Programas Sociais - CECAPS-UFMG, Danielle Cireno.

Esta etapa foi absolutamente fundamental e decisiva para o meu processo de pesquisa. Resultando em uma considerável mudança na minha perspectiva de abordagem. Dentre várias questões levantadas, Dayrell me atentou para a fragilidade em trabalhar com os dois grupos de moradores como se fossem grupos homogêneos. Afinal, falar da população local em Ouro Preto é falar de aproximadamente 70 mil pessoas, assim como falar da população flutuante é falar de mais de 16 mil estudantes, ou seja, seria um universo enorme para trabalhar em tão pouco tempo.

Entre outras sugestões, a primeira foi fazer um recorte intergeracional. Por exemplo, em vez de focar na ampla população, entrar pelo foco da juventude. Considerando esta perspectiva, seria possível, por exemplo, lançar um olhar sobre a

própria expressão da festa. Assim, a festa poderia se tornar um dos objetos de análise, como expressão, por exemplo, de uma cultura juvenil. De forma similar, Cireno me atentou para a amplitude do universo e para a limitação do tempo e me aconselhou a utilizar o recorte da juventude através de um estudo de caso, utilizando a metodologia de grupos focais. Desta forma seria possível coletar dados mais aprofundados e estudar as especificidades sobre a relação entre a juventude local e sobre a juventude flutuante.

A partir destas sugestões, fui conduzido a trabalhar com a juventude de Ouro Preto através do estudo de caso. Para isso, optei de um lado, em privilegiar os estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), moradores da República Cruz Vermelha, por diversos motivos e, também, por abarcar uma expressiva representatividade dentro do grupo considerado de moradores flutuantes. Inicialmente, eu já tinha tido contato com alguns dos seus moradores durante o pré-campo, o que facilitaria o meu acesso, além disso, estes moradores estão inseridos em diferentes áreas de conhecimento dentro da universidade, são procedentes de várias outras cidades e chegaram a Ouro Preto em momentos distintos. Em relação à casa, a República Cruz Vermelha, é considerada a república particular mais tradicional na cidade por ser a moradia estudantil particular mais antiga ainda em funcionamento.

Por outro lado, optei por selecionar jovens de 18 a 29 anos, estudantes e não estudantes, inseridos e não inseridos no mercado de trabalho, que fossem moradores locais, ou seja, nascidos e criados em Ouro Preto, situados em diferentes bairros do distrito sede (central) que, de certa forma, pudessem abarcar diferentes interpretações e visões sobre os moradores flutuantes e, ainda, sobre as diferentes possibilidades de experienciar a juventude na cidade.

Em relação ao método de pesquisa, optou-se pela técnica de grupos focais, por ser ela capaz de abarcar múltiplos agentes (como proposto acima) e fazer emergir diferentes pontos de vista e debates a partir de trocas interacionais realizadas dentro do próprio grupo que, no caso, foram agrupados considerando, de um lado, os moradores locais e, do outro, os moradores flutuantes, para que não haja nenhum tipo de intimidação. Para que fosse possível captar diferenças e similitudes em relação aos temas considerados relevantes por eles, optei por dois diferentes grupos focais.

Para isso, fiz outras viagens posteriores, efetivamente, ao longo do segundo semestre de 2015, no intuito de organizar os grupos focais, utilizando critérios que fossem capazes de abarcar uma ampla variedade de agentes. A primeira dificuldade foi

em relação à greve que, iniciada em julho pelos servidores da Universidade Federal de Ouro Preto, encerrou-se somente no final de setembro, impossibilitando qualquer contato próximo com os estudantes flutuantes no período, apesar de alguns permanecerem na cidade durante greves e até mesmo durante as férias, a grande maioria volta para a casa dos pais, esvaziando a cidade.

Assim, o primeiro focal grupo foi organizado com alguns dos moradores locais, no mês de agosto para realizar-se no mês de setembro. Neste momento, tentei contemplar moradores de diversas idades, utilizando os critérios já referidos. Para isso, foram contactados 14 participantes, entre homens e mulheres, com idades que variavam entre 18 e 29 anos, estudantes e não estudantes da UFOP, inseridos e não inseridos no mercado de trabalho. Entretanto, no dia da realização do grupo focal, compareceram 6 mulheres e 2 homens, o mais novo tinha 19 anos e o mais velho, 22. Dos 8 participantes, 7 eram estudantes da UFOP e 1 estava em preparação para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A princípio, o plano era fazer apenas um grupo focal com a juventude local, entretanto, apesar de ter conseguido coletar preciosas informações neste primeiro grupo, senti a necessidade de ouvir outros jovens, principalmente alguns que não estivessem inseridos no meio acadêmico e que, talvez por isso, tivessem outro olhar sobre a sua condição e sobre a própria concepção da realidade. Dito isso, voltei a Ouro Preto em novembro para conduzir outro grupo focal, desta vez, foram convidados 12 moradores nativos com idades que variavam entre 18 e 29 anos, preferencialmente não estudantes da UFOP. Como o grupo focal anterior teve em sua maioria, nativos universitários, pensei que ouvir moradores não universitários poderia contribuir para ampliar o alcance da pesquisa.

Finalmente, no mês de novembro conduzi o último grupo focal, desta vez com moradores flutuantes, especificamente, os moradores da República Cruz Vermelha. O objetivo era conhecer estes jovens e apreender a rotina de cada um, para isso, alguns tópicos foram sugeridos, tais como: proveniência, critérios de escolha da universidade, o processo de mudança para cidade, o cotidiano destes sujeitos (incluindo rotina de estudos, estágios, trabalhos, organização da casa, lazer, horários de tarefas), regras de funcionamento da república, formas de convivência com os vizinhos e, por fim, o funcionamento das festas na casa.

Dado esse cenário, essa escritura mantém a sua divisão em três partes organizadas da seguinte forma: na parte 1 - *De cidade colonial à cidade-universitária*, tem-se a proposta de iniciar a análise do objeto a partir da inserção do contexto social e geográfico, apresentando os elementos de causalidade entre a realidade espacial da cidade e sua população juvenil, tomando como foco inicial, o processo de transformação de Ouro Preto através do tempo. Em seguida, na parte 2 - *A cidade e a ausência de equipamentos de sociabilidade* apresenta-se a limitação de equipamentos de sociabilidade na cidade e de que forma esta limitação contribui para modelar o cotidiano da população em geral e impulsionar a juventude local e flutuante a criar outras formas de experimentar à juventude. Por fim, na última parte - *Nem só isso, nem só aquilo*, apresenta-se a limitação e, também, o equívoco de se pensar juventude como uma categoria fechada, sustentada, quase que sempre, por um ideal de juventude. Conquanto, ser jovem vai muito, além do isso e do aquilo, pode ser tudo isso e aquilo junto, simultaneamente e, *à la fois*.

Importante frisar que os nomes dos informantes foram substituídos para salvaguardar seu anonimato.

Parte 1 - De cidade colonial à cidade-universitária³

Falar sobre a cidade de Ouro Preto, especialmente por se tratar da minha terra natal, é um grande desafio, é como debruçar-se sobre a minha própria hi[e]stória, fazendo o esforço por transformá-la em conhecimento formal e acadêmico⁴. Para tal, faz-se necessário, buscar autores e clássicos pensadores sobre o assunto, para dar suporte a uma leitura mais analítica. Assim sendo, busquei teóricos das ciências sociais que se destacaram sobre estudos da vida em cidade, tal qual Simmel, um típico analista da cidade moderna. Em seu estudo sobre tudo as metrópoles, percebeu a forma constante com que se alteram os fundamentos sensoriais da vida psíquica dos indivíduos

³ Parte desse capítulo já foi abordado no meu Trabalho de Conclusão de Curso, que foi apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 2013.

⁴ O termo história aqui grafado como hi[e]stória, é tal qual, utilizado por Perez, “para ressaltar o *double bind* [o duplo vínculo, em uma palavra: indecidibilidade] que o tropo comporta e solicita como fato e artefato histórico, como evento e acontecimento socioantropológico, como real factual e construção imaginário e/ ou discursiva” (2011, p. 23).

transformando significativamente os valores tradicionais e as formas de interação social, levando os a assumir uma atitude de indiferença e de *blasé*⁵ (1976, p. 12).

Embora a cidade aqui tratada não se enquadre, aparentemente, no modelo típico de grande metrópole, a impessoalidade do homem “metropolitano”, característica principal da atitude *blasé*, pode ser facilmente encontrada nas ladeiras da antiga Vila Rica, especialmente nos moradores flutuantes da Universidade Federal de Ouro Preto que, em sua grande maioria, procedem de grandes metrópoles da região sudeste, sobretudo, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

Em sintonia com o termo *multiverso*, Agier (2001) chama a atenção para os problemas que surgem ao se adotar uma definição normativa e estreita sobre a “cidade”, ora pelo risco etnocêntrico de reproduzir modelos europeus e ocidentais, ora pela utilização de critérios urbanísticos, estáticos ou administrativos que não são capazes de alcançar a “cidade viva”, as relações sociais e os conflitos aí existentes⁶. Dito isso, no intuito de evitar definições fechadas e limitadas, os conceitos utilizados neste estudo serão norteados pela ideia do *à la fois*, tal como proposto por Perez em sala de aula. Dito de outro modo, a cidade de Ouro Preto é aqui pensada através da ideia do “ao mesmo tempo”, ou seja, reconhecer que a antiga Vila Rica é, ao mesmo tempo, pacata e intensamente agitada, vale dizer, portanto, que não será aqui caso de trabalhar com nenhuma contradição, mas com plêiades de paradoxos.

Afinal, apesar de Ouro Preto não ser uma grande metrópole, é uma cidade-universitária, turística e histórica, que recebe mais de 500 mil visitantes todos os anos e é, também, ao mesmo tempo, uma cidadezinha religiosa do interior de Minas Gerais com menos de 100 mil habitantes. Por tudo isso, tem uma importância fundamental no

⁵ Para Simmel, “a essência da atitude blasé encontra-se na indiferença perante as distinções entre as coisas [...] não são percebidas como significantes”. Ela caracteriza principalmente a “impessoalidade do homem urbano em diversas situações. Muitas vezes, essa impessoalidade, quase o equivalente a indiferença, é vista negativamente como descaso” (1976, p. 35).

⁶ O uso do termo multiverso é utilizado a partir de Léa Perez, “no senso que lhe é atribuído pela física quântica, relativamente ao movimento de um sistema que, tendo num certo instante duas alternativas de percurso, seguirá ao mesmo tempo, as duas. Cada uma compo um mundo diferente e irreduzível um ao outro. Em uma palavra: indecidibilidade” (2011, p. 30). Dito isso, acredito ser Ouro Preto uma cidade de pequeno porte carregada de características típicas das grandes metrópoles: grande e intenso fluxo de pessoas, brasileiros e estrangeiros, uma expressiva população flutuante vinculada a UFOP, assim como um importante polo industrial, haja vista as instalações de duas importantes mineradoras, ademais, um importante polo intelectual com instituições de ensino superior centenárias.

cenário nacional e se torna objeto privilegiado para pensarmos as relações sociais no Brasil, em meio a suas pluralidades, suas particularidades e suas diferenças.

1.1 A hi[e]stória ouro pretana

Localizada a 95 km da atual capital mineira e fundada em 1711, Ouro Preto tem hoje segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, uma população estimada em 70.281 habitantes, sendo 42% deles, moradores de algum dos 13 distritos municipais da cidade e os outros 58% moradores do distrito sede. A estimativa é que destes 40.583 moradores do distrito sede, 9.000 são estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, perfazendo aproximadamente 22, 17% da população total, e, em sua grande maioria, procedentes de outras localidades do país, o que contribuiu para que a cidade alcançasse com notoriedade o status de cidade-universitária, notoriedade esta que se iniciou bem antes da criação da UFOP em 1969.

Cidade tricentenária e uma das mais importantes cidades do Brasil Colônia, alcançou destaque especial graças à grande riqueza mineral encontrada em seu solo, e foi por isso considerada a “galinha dos ovos de ouro” pela coroa portuguesa desde a sua fundação. Após a independência do Brasil, tornou-se oficialmente capital da então província das Minas Gerais, passando a ser designada como Imperial Cidade de Ouro Preto por Dom Pedro II, em 1823. Essa situação de destaque contribuiu para que recebesse, em 1839, a primeira escola de ensino superior do Estado e a primeira do Brasil dedicada exclusivamente ao ensino de farmácia (Prograd, 2013). Poucos anos depois, em 1876, a pedido do próprio imperador Pedro II foi criada a sexta instituição de ensino superior do país, a intitulada Escola de Minas, pioneira na formação de geólogos.

Finalmente, em 1969, foi criada a Universidade Federal de Ouro Preto que, incorporando as duas instituições já existentes, conta hoje com aproximadamente 27 departamentos, 37 cursos de graduação presencial, 13 cursos de especialização, 5 programas de mestrado profissional, 17 programas de mestrado acadêmico e 9 programas de doutorado, com um total aproximado de 16 mil alunos distribuídos no campus principal em Ouro Preto e nas cidades de Mariana e de João Monlevade. O corpo docente da instituição é composto por 963 professores, contando ainda com 800 funcionários referentes ao corpo técnico e administrativo (Revista Escolha, 2012).

Para além da fama de cidade-universitária, Ouro Preto também é Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1980, o que contribuiu para atrair turistas de todas as

partes do mundo, fato determinante para que conquistasse o *status* globalizado e se tornasse referência internacional, legitimando sua importância como patrimônio histórico mundial e, com efeito, passar ao longo dos anos por diversas valorações físicas e/ou urbanísticas.

Para Malta,

Ouro Preto avançou no que se refere à dimensão física e demográfica, ao entrar no fluxo turístico e nos processos de concorrência intercidades através de dois fatores: sua consolidação como patrimônio Cultural da Humanidade conferido pela UNESCO e pelas intervenções urbanísticas que resultou no enobrecimento do seu centro histórico, reconhecido pelo rico acervo cultural e arquitetônico (2010, p.17).

Em consequência, a administração da cidade também sofreu alterações que repercutiram até os dias atuais. Para Queiroz (1984), por exemplo, a forma de gerenciamento do patrimônio da cidade de Ouro Preto foi alvo preferido pelo discurso de intelectuais da cultura nacional, de arquitetos e de militantes preservacionistas, evidenciado com o movimento modernista de 1922. Nesse aspecto, a importância de Ouro Preto, além do forte apelo paisagístico urbano, histórico e natural, teve a sua inserção na rede de oferta de bens e de serviços, sobretudo, por interesse dos mercados turísticos que, estimulando e divulgando a cidade, através dos meios de comunicação, outdoors e sites, tornou-a ainda mais conhecida, especialmente para a juventude, que já habituada com a fama de cidade-universitária, passou acompanhar na TV as ladeiras da cidade lotadas nos dias de festa, especialmente nos dias de carnaval.

A junção entre qualificação profissional e festa contribuiu para atrair cada vez mais um número maior de jovens para a cidade, principalmente depois de 2007, com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) que, entre 2007 e 2012, expandiu a oferta de cursos de graduação da UFOP e, conseqüentemente, dobrou o número de vagas aos estudantes que, já em 2012, representavam 22% dos moradores do distrito sede da cidade.

O intenso e o crescente fluxo migratório de estudantes e de professores contribuíram para o desenvolvimento urbano da cidade, alterou significativamente o fluxo das redes locais, abrindo as fronteiras da cidade para uma interação constante e diversificada. Contudo, o primeiro desafio colocado com a chegada dos novos moradores foi a questão da moradia. Onde abrigar um número cada vez maior de pessoas numa cidade construída num vale em que cerca de 60% dos moradores vivem em encostas? O desenho urbano de Ouro Preto é protegido por Tombamento Federal desde 1938, o que o impede de ser descaracterizado e limita a utilização do seu espaço geográfico, transformando a questão habitacional um desafio de difícil solução⁷.

A ausência de uma política pública habitacional eficiente, que oferecesse moradia estudantil a uma população cada vez mais expressiva, contribuiu para desenvolver na cidade um modelo de moradia bastante peculiar. Porquanto, se criaram através das denominadas repúblicas, um sistema muito além da mera divisão de quartos e de despesas, são modos de vida compartilhada e lugares privilegiados de observação das redes de relações dos jovens entre si e entre os outros, digo, os moradores locais.

Para melhor compreensão sobre o modo de vida compartilhada destes jovens moradores de república e inclusive sobre o que designa a própria palavra, retomarei a questão do surgimento das primeiras casas de estudantes no município e, para isso, utilizarei os dados do meu trabalho de conclusão de curso de graduação, já mencionado.

1.2 Lugar de efervescência

O surgimento das primeiras repúblicas estudantis em Ouro Preto é consequência direta da relação entre a cidade e a universidade. Com a transferência da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte, em 1897, a antiga Vila Rica, que já sofria com a decadência econômica devido à escassez do ouro, viu suas ruas e seus casarões se esvaziarem do dia para a noite. Com exceção de professores, de funcionários e de alunos da Escola de Minas e de Farmácia, inúmeras famílias, principalmente aquelas componentes da estrutura organizativa da cidade, funcionários públicos, oficiais e vários comerciantes, deixaram a cidade, resultando em diminuição de prestígio e de importância política, econômica e social.

⁷ O tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados.

Com a cidade repentinamente esvaziada, houve um expressivo aumento de imóveis vazios e, conseqüentemente, queda nos preços dos aluguéis, o que impulsionou a ocupação dos imóveis (ora via aluguel mais barato, ora via invasão) pelos estudantes procedentes de outras regiões do estado de Minas Gerais ou de outros estados brasileiros. Segundo ex-morador da República Federal Aquarius e historiador Otávio Luiz Machado (2007), as famílias nessa época, preferiram liberar as casas a um preço baixo e deixá-las nas mãos dos estudantes, do que ter que gastar com manutenção dos casarões ou arriscar perdê-las via invasão⁸.

Para o escritor, criou-se assim, um sistema de moradia, através do qual as repúblicas assumiriam papéis importantes na conservação e na divulgação do patrimônio histórico. Os estudantes que, antes alugavam quartos em casas de famílias, ao estilo pensionato, passaram a ocupar os imóveis vazios, dando início ao surgimento das primeiras moradias estudantis, com destaque a Castelo dos Nobres que, criada em 1919, é considerada a primeira república de Ouro Preto.

Ao estudar a estrutura das repúblicas de Ouro Preto em sua dissertação de mestrado, Sayegh (2009) concluiu que, elas têm características funcionais e estruturais muito semelhantes das adotadas pelos alunos da Universidade de Coimbra, algo facilmente explicado devido ao tradicional intercâmbio entre os universitários de Ouro Preto e os de Coimbra desde a época imperial. Os estudantes brasileiros já faziam intercâmbio nas universidades europeias, devido principalmente ao baixo número de instituições de ensino superior no Brasil. Durante muito tempo, Minas Gerais liderava a lista de alunos brasileiros admitidos na Universidade de Coimbra que, junto com as universidades de Paris, foram os principais destinos dos estudantes⁹.

Ainda que cada uma das repúblicas gozem de autonomia e de lógica própria, os trotes, as festas, a hierarquia interna de funcionamento e a parede do ex-aluno, funcionam como uma forma de tradição compartilhada nas diversas casas, tal qual a ocupação de imóveis públicos, das chamadas repúblicas federais, considerados

⁸ A República federal Aquarius existe desde 1969. Está localizada na Rua Paraná no centro da cidade num casarão com mais de 32 quartos distribuídos em 5 andares (excluindo sótão, cozinha, boate, copa e quintal). É considerada a maior república estudantil da América Latina.

⁹ Em *Isto Dantes em Ouro Preto*, Dequech (2012), escreve uma crônica sobre “os capas pretas”, episódio de trocas de capas (pretas) e de lençóis (brancos) entre os alunos de Coimbra e os da Escola de Minas, em uma das visitas dos universitários portugueses a Ouro Preto, em 1951, em meio ao processo de interação.

patrimônio histórico e cultural da humanidade, que são geridos e administradas pelos próprios estudantes moradores¹⁰.

Figura 1 Quadros com as fotos dos ex-alunos



Fonte: <http://facebook.com/refop>

Certamente, esse modelo de moradia, bem como a própria denominação república, foi importado de Portugal. Como observa Sayegy, há fortes indícios que o sistema de repúblicas ouro pretano

inclusive o nome repúblicas, foi fortemente influenciado pelas repúblicas de Coimbra, em Portugal, onde diversos brasileiros iam fazer seus estudos, situação que perdurou durante vários séculos, já que no Brasil [...] as instituições de ensino superior só começam a ganhar relevante consistência durante o século XIX (2009, p.111).

De forma similar, Sardi (2000) explica que a literatura brasileira tem atribuído três explicações para a adoção da expressão república. A primeira diz respeito ao fato delas se considerarem soberanas e autônomas em relação à UFOP e adotarem a autogestão administrativa independente, mesmo as ocupantes de imóveis pertencentes à União, confiadas a princípio à UFOP. Fato questionado frequentemente, inclusive por

¹⁰ A parede do ex-aluno é uma tradição comum entre os moradores das repúblicas em Ouro Preto. Na sala principal de cada república, numa parede reservada, é fixado o quadro com a foto do morador depois de formado. Segundo um estudante entrevistado, é obrigação dos moradores guardar o rosto e o nome de cada um dos ex- moradores, afinal, sempre que um ex- morador retorna à casa é preciso que todos saibam quem ele é e um possível esquecimento pode resultar em duras penalidades.

parte de órgãos judiciários e pelo Tribunal de Contas da União¹¹. A segunda diz respeito ao fim da monarquia no Brasil e à implantação do Regime Republicano em 1889. Os estudantes teriam se manifestado contra a visita de representantes do gabinete parlamentar do Império, expondo cartazes com a palavra “República” nas fachadas das moradias estudantis, consolidando uma tradição que perdura até os dias atuais. A terceira e última hipótese, é a herança do termo que, desde a idade média, já aparecia nas principais cidades europeias para denominar as moradias estudantis, a exemplo de Coimbra (Machado, 2007).

De qualquer modo, parece haver um consenso sobre a proveniência do termo em Ouro Preto e ele estaria diretamente relacionado à influência de Coimbra. Fato realçado também em Gomes que, ao destacar a imagem de Coimbra como cidade histórica e universitária,

aponta igualmente para uma vasta riqueza monumental que, lhe permite reunir um conjunto de interessantes testemunhos do passado. Para esta riqueza muito contribui outra imagem, a de cidade-universitária, que resulta de uma universidade antiga e famosa que coloca Coimbra no centro das rotas do conhecimento e da cultura (2008, p.70).

Observa-se na década de 1930, registros de seis repúblicas na cidade, a saber: Castelo dos Nobres, já citada, Arca de Noé, Canaã, Vaticano, Consulado e Pureza. No ano de 1982, a UFOP construiu catorze casas próximas ao campus – Morro do Cruzeiro – subdivididas em quatro alas, para se tornarem repúblicas federais (Barbalho, In: Sayegh, 2009, p. 120-121). Com a fundação da Casa do Estudante e à fundação da Casa de Estudante da Escola de Minas na década de 1940, foi organizado, no meio da Praça Tiradentes, um grande movimento, no qual se reivindicava à Escola de Minas a construção de novas moradias estudantis e a compra de alguns imóveis, que já abrigavam por meio de locação, ou invasão, algumas repúblicas. Desta forma, com a criação da Comissão Moradia pelo Diretório Central dos estudantes,

¹¹ Em 1990, o Tribunal de Contas da União (TCU) pediu explicações ao reitor sobre o fato das ocupações das residências de propriedade da União estarem acontecendo de maneira não onerosa, sem uso direto da UFOP, sua responsável. O reitor da época, Fernando Antônio Borges, respondeu por meio de ofício publicado no site da instituição, que a história das repúblicas na cidade já carregava por longo tempo uma tradição que as institucionalizaram não como simples casas de estudantes, mas como uma instituição.

foram levadas adiante sucessivas invasões às casas do centro histórico, algumas inclusive, pertencentes ao patrimônio da UFOP, mas que encontravam subutilizadas, a fim de reivindicar a transformação dessas casas em novas Repúblicas, o que realmente se efetivou (Sayegh, 2009, p.122).

Alguns anos após estas manifestações, as repúblicas já gozavam de status de estruturas autônomas perante administração da UFOP, conforme descrito pelo ex-aluno da UFOP, tornado reitor da mesma instituição, Fernando Antônio Borges Campos

A administração da UFOP, em 75/76, cedeu o espaço a estudantes de graduação, alojamento implantado nos moldes convencionais. A prática demonstrou a inadequação sistemática, condenada por estudantes, professores, administração e cultura local. [...] Esse processo cultural, tradicional, gerou inevitavelmente, um forte sentimento de repúdio a qualquer iniciativa externa contra suas estruturas formais [das repúblicas]. A instituição escolar compreendia estas razões e mesmo durante os governos militares respeitou esta cultura local, que nunca admitiu sequer interveniência do DCE e/ou de Diretórios Setoriais (Diretório Acadêmico das Escolas da Universidade) [...]. O assunto “república estudantil” em Ouro Preto integra há muito tempo os relatórios de auditoria sobre a UFOP, é raiz na história da Instituição, tornando-se necessário mostrar em linguagem não processual que “república estudantil” em Ouro Preto não é somente residência de estudantes, mas uma Instituição. (Campos, 1990, apud Sayegh, 2009, p. 122-123).

Em suma, as tradicionais repúblicas são organizadas obedecendo a determinados critérios como gestão (federais e particulares), divisão sexual (masculinas, mistas e femininas) e a continuidade das casas, o que, segundo Malta (2010), revela os aspectos tradicionais e não tradicionais de cada casa. Como dito anteriormente, cada república possui lógica e vida própria, a começar pelo nome, pelas placas, pelas bandeiras, pelos hinos, pelos símbolos, pelas rezas, e pelas linguagens, próprios, visto que há necessidade de distinção entre elas.

Esta lógica de distinção através das placas, das bandeiras, dos hinos, dos símbolos, das rezas e das linguagens, implica, ao mesmo tempo, em aviltamento. Ao mesmo tempo em que separa, une e, define o “parentesco” e os laços sociais a partir do lugar de moradia. O que faz lembrar o princípio totêmico, segundo o qual,

todos os seres que comungam do mesmo princípio totêmico se consideram, por isso, moralmente ligados uns aos outros; têm deveres definidos de assistência mútua, e são esses deveres que constituem o parentesco (Durkheim, 1996, p.192).

Essas especificidades são transmitidas aos calouros em rituais de iniciação e de conservação da cultura estudantil naquele território específico, seguindo uma lógica hierárquica, e exigida para admissão em determinada casa, afinal, é preciso se enquadrar a suas regras e aos seus costumes.

Nestes espaços criados pelos estudantes, desenvolveu-se uma cultura própria de relacionamentos e de gestão das moradias, denominada por muitos como “espírito republicano”. Percebe-se que esta relação dificilmente se perde, os antigos moradores são considerados verdadeiros “anciãos” pelos novos estudantes e, também por isso, são homenageados e “venerados” sempre que retornam à casa. Nas palavras de Pinto,

em Ouro Preto não é importante saber em que ano você se formou, mas em que República você morou. Não são seus colegas de bancos escolares seus grandes amigos, mas seus companheiros de casa (2007, s/p.).

O modelo de espaço doméstico tradicional, como os lares construídos em família, parecem se reproduzir nas repúblicas ouro-pretanas, afinal, muitos dos seus jovens moradores, recém-saídos de suas casas, encontram nestes lugares, pilares importantes para esta nova fase de transição, como a segurança e a solidariedade.

Ainda sobre moradia estudantil, de forma geral e quantitativa, a UFOP disponibiliza atualmente 64 quartos individuais em alojamento, dentro no campus Morro do Cruzeiro, 96 vagas divididas em 24 apartamentos, localizados no bairro

Saramenha, além de 750 vagas distribuídas nas 58 repúblicas federais espalhadas pelo centro da cidade. Os dois primeiros são geridos pelo Programa de Assistência Estudantil da Universidade Federal de Ouro Preto que, utiliza para critério de ocupação, a classificação socioeconômica, regulada por edital específico, publicado de acordo com a liberação de vagas. Já as repúblicas federais, mesmo sendo de propriedade da União, têm asseguradas a autogestão, com cada casa seguindo regimento interno e critério de seleção próprios.

Graças à limitação do programa público de moradia estudantil, existem, ainda, mais de 300 repúblicas particulares, onde diversos estudantes se unem e alugam imóveis particulares, dividindo os custos referentes à locação e à manutenção das casas. Salta aos olhos como estas casas, muitas com mais de um século de história, através do modo de vida compartilhada por esses novos moradores, acabam evidenciando uma alternativa ao conservadorismo da cidade, visto que

de um lado, [há] a vida tradicional dos “nativos”. Igrejas, barroco, rococó, Aleijadinho, os Inconfidentes e demais costumes de seus moradores. No outro extremo, a vida universitária. A agitação e toda irreverência dos estudantes. Quem ganha com este contraste é o turista, que ao visitar Ouro Preto, nota a diferença entre o tradicional e o moderno, ou seja, as duas faces de uma mesma cidade que se revela a casa esquina” (Jacobina, 2002, s/p).

O fato é que, os novos moradores, muitos vindos de cidades importantes e populosas como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, desacompanhados dos pais, e sem nenhum ou quase nenhum laço afetivo ou moral com os moradores locais, estabelecem uma outra forma de ocupação dos espaços públicos e instituem um lugar a serviço da interação e da regeneração da vida social. Criam um lugar de efervescência e de festa, com um espaço e tempo próprios, onde os papéis sociais tomam outra dimensão¹².

¹² Penso aqui efervescência como em Durkheim: “nos momentos /situações de efervescência os indivíduos procuram-se mais e reúnem-se mais, de modo que, vive-se mais e de maneira diferente da normalidade” (1985, p. 301). Ainda a este respeito, falarei mais tarde sobre o denominado *rock* e o *sociais*, festas e/ou encontros organizados pelos estudantes em dias comuns no intuito simples de se reunirem e socializarem em festa.

Parte 2 – A cidade e a ausência de equipamentos de sociabilidade

Festa, religião e cidade são três formas fundamentais de ligar, três formas eminentes de sociação, por intermédio das quais se realizam a *troca e a comunicação, dois fundamentos essenciais da experiência humana em coletividade* (Perez, 2011, p. 26, grifos meus).

A junção entre qualificação profissional e festa é uma crença já há tempos, muito difundida em relação à cidade de Ouro Preto, inclusive, sua própria notoriedade acadêmica se arrasta desde o século XIX, assim como as festas como as do carnaval, da semana santa e do *Doze* que parecem confirmar a imagem tradicional de cidade festeira.

Antes, porém, de me contrapor a essa imagem típica, discorrerei sobre as principais festas de Ouro Preto, pensando-as, “como vias reflexivas privilegiadas para se penetrar no coração da sociedade brasileira” (Perez, 2011). Seguirei os passos do calendário e, sem uma análise pormenorizada, descreverei em sequência temporal os pontos principais destas festas ditas tradicionais, a começar pela primeira e mais esperada da folhinha cultural da cidade, o carnaval.

Costumo dizer que Ouro Preto tem três carnavais, *o de rua, o dos blocos e o das repúblicas*. Em relação ao de rua, nas íngremes ladeiras do centro histórico, entre casarões centenários, a prefeitura monta pequenos palcos em pontos estratégicos para apresentação de bandas locais e de som mecânico, responsáveis por tocar desde as tradicionais marchinhas até o axé. Na noite de segunda-feira e início da terça, a Praça Tiradentes se torna a “avenida” do desfile das cinco escolas de samba do grupo especial que, patrocinadas pela prefeitura e organizadas pelos moradores locais, envolvem moradores de diferentes bairros para a disputa do prêmio de campeã.

Em relação aos blocos, os ouro pretanos muito se orgulham em preservar, até os dias atuais, o mais antigo bloco carnavalesco do Brasil – O Zé Pereira dos Lacaio que, fundado em 1867, desfila pelas ladeiras da cidade com bonecos gigantes, homenageando personagens típicos do imaginário popular local, que são renovados constantemente. Outro tradicional bloco nativo, acostumado a desfilar pelas ruas da cidade, é a Bandalheira que, criado através de uma sátira à ditadura militar em 1972, reúne anualmente uma média de 200 pessoas de conhecidos e de familiares que

marcham todos os anos com penicos na cabeça, com rolo de papel higiênico na cintura, vestidos com calça preta e camisa branca, tocando instrumentos de todo tipo.

Apesar de existirem outros blocos nativos que desfilam nas ruas (como o Vermelho e Branco, Diretoria, Perigosas Peruas, etc.), atualmente estes são a minoria, haja vista os numerosos blocos que ficam concentrados em espaços privados. Divididos entre blocos estudantis, organizados pelas repúblicas e blocos nativos, organizados por moradores locais, acontecem todos os dias de carnaval, simultaneamente oferecendo aos seus foliões, no mínimo, cerveja, vodka e água, liberados através de ingressos que variam entre R\$ 50,00 e R\$ 300,00.

Concomitantemente, acontece o chamado carnaval de república ou carnaval universitário, onde os estudantes moradores das tradicionais repúblicas “abrem as portas da casa”, oferecendo pacotes que incluem alojamento, café da manhã, almoço, bebida (cerveja, ice, pinga, vodka), churrasco, festas temáticas, abadás de blocos, canecas e camisas da república, shows, DJs, boate e muito mais, através de pagamento que pode ser parcelado via cartão de crédito.

Vale lembrar que muitos dos imóveis que abrigam estas Repúblicas são casarões enormes e caracterizados por amplas instalações. A República Federal PIF-PAF, por exemplo, uma das que oferecem pacotes para a folia de carnaval, têm 11 quartos, 4 banheiros, cozinha, sala de TV, biblioteca, área de churrasqueira, boate, sala de som e campinho de futebol. Em um dos carnavais chegou a anunciar 400 caixas de cerveja. Por tudo isso, o carnaval de Ouro Preto é considerado um dos mais tradicionais carnavais de rua do país e o maior carnaval universitário do Brasil, fama que contribui por atrair, cada vez mais, a atenção dos turistas e principalmente dos jovens.

E como toda festa tem hora para acabar, o findar do carnaval se dá oficialmente no dia das cinzas, dia marcado para o arrependimento e para a conversão, da passagem da desordem à ordem. A cidade parece se calar, com exceção do pontual badalar dos sinos, os únicos a quebrar o silêncio. Na festa brasileira da transgressão e do excesso por excelência, a suspensão da ordem e da regra é chegada ao fim, pelo menos por enquanto, afinal, é preciso de um tempo para se recompor e se preparar para o ano seguinte, ou simplesmente para a próxima festa. Assim, a festa pagã do carnaval cede lugar à festa cristã. Como bem nos lembra Perez,

carnais e orgiásticas, nossas festas revelam uma sociedade que, desde o seu começo, vive de

espetáculo, das mudanças, dos contrastes, das misturas, e da fusão das coisas e das pessoas, de deuses e homens (2011, p. 119).

E desta “fusão das coisas e das pessoas, de deuses e homens”, é chegado o tempo ordinário, quero dizer, da regra. Numa cidade em que, segundo dados do Censo Demográfico de 2010, 89% da sua população se autodeclara católica, a quarta feira é santa e, também por isso, dia que marca profundamente o calendário e a rotina dos ouro-pretanos. Dia em que a cidade retorna a sua normalidade, pelo menos aparente.

Logo nas primeiras horas da manhã, exatamente nos últimos minutos que antecedem as sete, os poucos foliões, que ainda se recuperam dos intensos dias de carnaval, cedem lugar aos fiéis a caminho da igreja matriz Nossa Senhora do Pilar. A celebração fúnebre da missa católica decreta o fim do excesso, convidando a todos ao arrependimento e à conversão dos pecados. Passa-se da festa alegre para a festa triste, tudo permanecendo em festa.

Quem conhece Ouro Preto somente nos dias de festa, se surpreende com tanta calma. Nas palavras de um morador local, a cidade se transforma num deserto, “depois das oito da noite cê num vê uma alma viva na rua”. E não somente por ser quaresma, a vida regular em Ouro Preto não se diferencia muito do cotidiano de inúmeras cidadezinhas religiosas do interior de Minas, onde a vida parece se resumir em casa e em trabalho durante a semana e, missa aos domingos. E assim, os próximos quarenta dias são marcados por celebrações religiosas intensas, muitas de cunho fúnebre, contemplativas e silenciosas, refletindo a paixão e a morte de Cristo, lotando as igrejas, convidando os fiéis ao arrependimento. Entre mudanças e contrastes, o cheiro de cerveja cede lugar ao do incenso e o som mecânico ao badalar constante e pontual dos sinos.

Após os quarenta dias do ciclo da paixão, as janelas dos casarões históricos são ornadas com colchas de seda para receber a procissão do Santíssimo Sacramento. Antes, porém, partindo do domingo anterior ao da ressurreição, a procissão de Ramos dá o início à semana marcada para ser santa e momento em que a Igreja Católica expõe todo o seu poderio, desfilando com toda a sua riqueza cultural e também material. Nos festejos, que são celebrados simultaneamente em várias paróquias, os padres, os bispos e os cardeais se vestem com paramentos centenários, muitos reluzem os fios bordados em ouro.

E, de procissão em procissão, é chegado o cortejo de passagem e no dia mais importante do calendário católico, a páscoa, o tapete de serragem liga a cidade de um ponto ao outro, atravessando o centro. É um verdadeiro espetáculo que envolve uma multidão de fiéis e, também por isso, merece um estudo aprofundado não como uma festa fato, mas festa em questão, como proposto por Perez¹³. Eis uma agenda que se abre para futuros pesquisadores, aliás, fica, pois, aqui, registrado que Ouro Preto é uma cidade extremamente religiosa e que a Igreja Católica está intimamente presente desde os seus primórdios, inclusive em seus pilares.

Vale lembrar que a matriz Nossa Senhora do Pilar, ainda hoje, uma das mais importantes na cidade, foi erguida em torno de uma capela construída, em 1696, antes mesmo da fundação oficial do município, que ocorreu em 1711. Aliás, se é de festa que se trata, “um dos eventos sociais mais exuberantes da América Portuguesa” aconteceu, em 1733, em Ouro Preto. Trata-se do Triunfo Eucarístico

celebrado em comemoração ao traslado do Santíssimo Sacramento da igreja do Rosário, onde estava provisoriamente, para a igreja do Pilar, matriz da paróquia. A festa foi cuidadosamente preparada durante vários dias. Luminárias enfeitaram a cidade, colchas de seda e damasco ornavam as janelas. Arcos foram dispostos ao longo das ruas. A personagem principal era Ouro Preto que, na descrição de Simão Machado, desfilava acompanhada de pajem e vestido de roupas de ouro, trazendo á cabeça um turbante, “tão rico que não se via nele mais que ouro e diamantes, rematado em um precioso cocar de várias plumas” (Perez 2011, p. 103).

Ainda segundo Perez a festa barroca, como a descrita acima,

opera o *double bind* [ou seja, o “duplo vínculo”, a dupla postulação, a diferença e a indeterminação] entre a comunidade política [a cidade] e a comunidade de sentimentos [a religião], produzindo

¹³ Perez propõe que mais do que descrever a festa como usualmente se faz, ou mesmo explicá-la, o caminho mais rentável é compreendê-la, talvez mais ainda apreendê-la, de modo que é preciso, segundo a autora, tratar a festa como questão, ou seja, como perspectiva e não unicamente como fato (2012).

uma terceira comunidade [a de desejos e sonhos].
Encontro das três figuras da alteridade (2011, p 105).

Acredito que a terceira comunidade de que trata Perez, pode ser facilmente encontrada em Ouro Preto, aliás, é da arte do encontro que se trata.

Através do ciclo festivo, a comunidade se reencontra e se mistura, autoridades políticas e eclesiásticas se desvelam diante dos olhos do povo. E o povo se desvela a si mesmo. E de sorriso em sorriso, o clima é de harmonia aparente, ou talvez, de reconciliação. Ali, em meio a rosários, às velas e em passos, a antiga ordem colonial se desvela, promovendo o encontro entre a religião e a cidade, e, talvez, “pro-vocando” o encantamento e a alucinação e, nesta recomposição/renovação da sensibilidade religiosa e da experiência do mistério, a comunidade se autoafirma tradicionalmente religiosa e católica.

Figura 2 Semana Santa- Procissão do encontro



Fonte: <http://ouropreto.com.br/> Eduardo Trópia

Vale dizer que, as festas acima descritas são por excelência, as festas em que a comunidade mais se envolve, onde, tal como já mencionado, “os indivíduos procuram-se mais e reúnem-se mais, de modo que, vive-se mais e de maneira diferente da normalidade” (Durkheim, 1985, p. 301). Entretanto, outros eventos acontecem nos meses seguintes, com muito menos pompas, aliás, são, em sua grande maioria, festas

organizadas pelos estudantes e a eles direcionadas, mesmo que de forma indireta, a exemplo, o Festival de Inverno, em julho, a festa do Doze, em outubro e o Fórum das Letras, em novembro¹⁴. Estas são as festas mais marcantes e, por isso, as destacadas no calendário ouro pretano, pelo menos, no distrito central, que é onde se encontram muitos dos bairros e o centro da cidade.

Contudo, embora as festas descritas acima envolvam profundamente a comunidade local, o que se percebe, sem muito esforço, é que a cidade em si, através dos seus serviços públicos ou privados, não oferece muitos equipamentos de sociabilidade. Fazendo um exame atento, encontramos um cinema que, diga-se de passagem, exhibe somente filmes desatualizados, e alguns bares, sendo os principais, o Bar das coxinhas e o Satélite, estabelecimentos muito similares a qualquer boteco de bairro.

Outra opção é o Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), localizado no prédio do antigo Fórum, na Praça Tiradentes. Considerado uma boate por alguns, é gerido por alguns estudantes da Escola de Minas, funcionando normalmente aos fins de semana. Com ingressos que variam entre R\$ 5,00 e R\$ 15,00, lá acontecem os *rock*, como são chamadas as festas promovidos que, começam normalmente às três horas da manhã, são uma das poucas alternativas oferecidas a quem quer curtir a balada. E, para

¹⁴ Sobre o Festival de Inverno existe um ótimo trabalho da turismóloga e minha amiga, Flávia Alves. *Turismo e Cultura: as representações sociais do Festival de Inverno na perspectiva dos moradores de Ouro Preto, Minas Gerais*. 2013. Em linhas gerais, o Festival de Inverno de Ouro Preto é organizado pela UFOP com o apoio da Prefeitura Municipal e, ocorre anualmente durante as férias escolares do mês de julho, normalmente entre os dias 8 e 30 do mês. A estimativa do evento em 2015, foi atrair em média 150 mil pessoas as ruas da cidade, através da oferta de diversas atrações culturais espalhadas por diferentes locais das cidades, como shows, exposições, oficinas, peças de teatro e de dança, mostras de cinema e atividades para as crianças. Em relação ao Fórum das Letras, também promovido pela UFOP, tem como objetivo principal, segundo dados do site oficial do evento, “a valorização da identidade e da diversidade da literatura dos países de língua portuguesa, através da cooperação mútua entre África, Brasil e Portugal”. Acontece anualmente, no mês de novembro e divide-se em Programação Principal, Ciclo de Jornalismo e Literatura, Ciclo de Debates, Fórum das Letrinhas e a programação artística, que inclui exposições e diversos outros tipos de manifestações artísticas e folclóricas. Desde sua primeira edição, em 2005, o evento vem recebendo os mais importantes autores da literatura contemporânea nacional e internacional. Apesar de aberto a população em geral, envolve em sua grande maioria, representantes diversos do meio acadêmico, principalmente de dissidentes da universidade provedora do evento. Por fim, Sobre a festa do Doze, há um estudo maravilhoso da socióloga Rosa Jaqueline Teodoro, *Fazendo festa, criando história(s) e contando estória(s): o Doze em Ouro Preto, MG*. 2003. Adianto, sucintamente, que o Doze é uma festa tradicional realizada anualmente em Ouro Preto no dia 12 de outubro por alunos e ex-alunos da engenharia da UFOP, onde se comemora a criação da Escola de Minas, reunindo estudantes moradores e ex-moradores das repúblicas federais e seus familiares.

quem têm “espírito aventureiro”, restam algumas caminhadas ecológicas como a do Parque Estadual do Itacolomi ou um mergulho em algumas das cachoeiras emolduradas pela Serra de Ouro Preto, a exemplo da cachoeira das andorinhas¹⁵.

Dito isso, resta nos perguntar o que sobra para fazer numa cidade que oferece poucos espaços de lazer e de vida em comum, principalmente a uma juventude que está na idade de fazer festa e barulho, afinal, a festa é também, o barulho. Vale lembrar que, trata-se de uma cidade-universitária e com um grande fluxo de jovens. E por se tratar de uma população jovem, fluida, diversa, plural, composta por moradores locais e por moradores flutuantes, por trabalhadores e, ou, por estudantes e consciente de que, a própria definição de “juventude” traz em si conceitos que não são universais ou estáticos e, que podem variar no tempo e significar uma série de elementos e atitudes adotaremos neste estudo o termo juventudes, como proposto por Dayrell, para assim, enfatizar a “diversidade de modos de ser jovem na nossa sociedade” (2013).

2.1 A[s] juventude[s]

Compartilho com Paes que “o primeiro desafio que os cientistas sociais enfrentam ao tratar do ‘problema juventude’ é justamente perguntar o que os jovens têm a dizer sobre isso”, logo, trata-se de “compreender como os jovens experienciam a própria representação social do ‘ser jovem’, para que, dessa forma, possamos ultrapassar a sua suposta homogeneidade” (apud Tavares, 2003, p. 21).

Nesse grupo tão marcado pela diversidade, especialmente no Brasil, um país de grandes dimensões territoriais, grandes contrastes econômicos e sociais e, também por isso, fortemente desigual (quer seja na distribuição de renda e/ou consequentemente nas oportunidades de escolhas), entender e delimitar a categoria juventude se torna um desafio enorme para as ciências humanas e, quiçá, para a sociologia. A orientação de Barral, por exemplo, é a de que a sociologia deve

empenhar a conhecer o universo dos jovens, os seus espaços de vivência e encontro para compreender, enfim, os múltiplos fatores relacionados *à forma como os jovens usarão seu tempo livre, os valores*

¹⁵ A caminhada de 7 km ao parque, pertence ao Circuito Estrada Real e tem como principal atrativo o Pico do Itacolomi, uma pedra de 1.700 metros de altura, acompanhada de outra menor, que pode ser vista do Centro de Ouro Preto. O Circuito Estrada Real, consiste num projeto turístico, criado em 2001 pelo Instituto Estrada Real, que baseia-se na rota utilizada durante o período colonial para o escoamento do ouro do interior de Minas Gerais para o mercado internacional, via o Rio de Janeiro.

que estes atribuirão, e assim fazer uma sociologia mais presente e atualizada (2004, p. 8, grifos meus).

Sendo assim, por se tratar de um tema tão desafiador como o da juventude, resgatar algumas perspectivas teóricas que se dedicam ao estudo do tema é válido para demonstrar a complexidade do objeto em discussão e nos ajudar a compreender os jovens para além da imagem típica, ora de uma condição de transitoriedade, ora de um problema (de fase difícil, e ou, de momento de crise) que resolvido quase que só pelo tempo.

No Brasil, com a aprovação, em 2010, da Proposta de Emenda Constitucional nº 65, conhecida como PEC da Juventude, o termo jovem passa a ser incorporado ao texto da Constituição Federal e designar os brasileiros com idade entre 15 e 29 anos completos. Contudo, apesar de utilizar nesta pesquisa um corte geracional, digo, jovens moradores de Ouro Preto (nativos e estudantes da UFOP) com idades que variam de 18 a 29 anos, os jovens são compreendidos aqui como uma categoria social sendo, ao mesmo tempo, uma representação cultural e uma situação social.

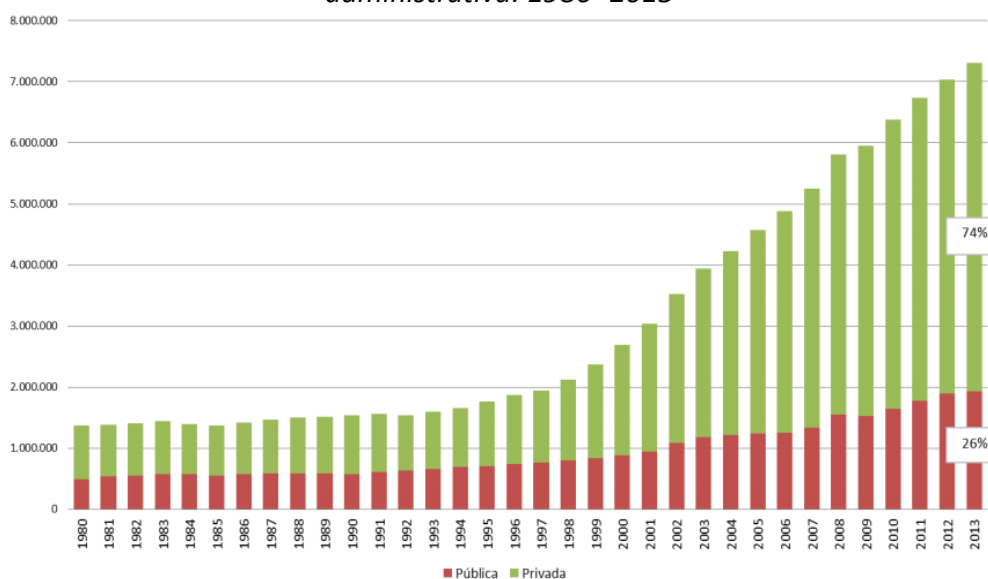
Como bem lembrou Lima (2013), na literatura sociológica são mobilizadas, com frequência, duas perspectivas teóricas para lidar com o tema da juventude, sendo elas: a corrente geracional e a corrente classista. A primeira lida com o fenômeno considerando um período biológico e cronológico. Já a segunda, busca considerar a juventude como um fenômeno não unívoco mas, resultante de diferentes oportunidades vivenciadas pelos jovens de distintas classes sociais. Segundo essa concepção, os valores compartilhados pelos jovens seriam reflexos dos valores de suas correspondentes classes sociais e fruto das relações sociais por eles vivenciadas.

Vale ressaltar que, apesar de a corrente classista ter ganho mais espaço no meio acadêmico, inclusive pela semelhança com o pensamento de Bourdieu, o pertencimento a uma geração específica, por apresentar condições sociais, econômicas e culturais específicas de um período, não pode deixar de ser, mesmo que, minimamente, observado. A dinamização da economia, a situação do mercado do trabalho ou ainda, a oferta de capacitação profissional e a expansão do sistema educacional, por exemplo, podem afetar diretamente as aspirações dos jovens e, assim, limitar ou ampliar as oportunidades decisórias e os papéis disponíveis de ser jovem.

Pensando o Brasil como exemplo, pode-se mencionar que foram oferecidos aos jovens nascidos na década de 1980 e início dos anos 1990, oportunidades totalmente distintas dos nascidos nos fins dos anos 1990 e início de 2000, a começar pela educação formal, que se alterou significativamente a partir dos anos 1990. Como observado por Andrade (2004), houve a universalização do ensino fundamental, o crescimento do ensino médio e também do ensino superior, cujas matrículas triplicaram, graças ao aumento significativo no número de universidades privadas e públicas no país¹⁶.

Apesar desse intenso crescimento, quando colocamos lado a lado a situação brasileira com a de outros países mais desenvolvidos, vemos que o acesso ao ensino superior, em 1997, já atingia 45% dos jovens de 18 a 21 anos nos EUA e 69% na Coreia do Sul, enquanto por aqui, o percentual de acesso dos jovens abrange apenas 19% na faixa etária de 18 a 24 anos (PNAD, 2009)¹⁷.

Tabela 1: Crescimento das matrículas de ensino superior por dependência administrativa: 1980- 2013



¹⁶ Tomei como referência a faixa etária de 18 a 24 anos por ser o contingente populacional considerado como demanda adequada para o ensino superior e ser o indicador utilizado pelas agências internacionais (embora, no Brasil, as faixas etárias mais velhas tenham grande representação entre aqueles que frequentam o ensino superior). De acordo com os dados do Censo, atualmente Brasil tem 2.391 mil instituições de ensino superior que oferecem mais de 32 mil cursos de graduação. Os universitários estão distribuídos em 32 mil cursos de graduação, oferecidos por 2,4 mil instituições de ensino superior – 301 públicas e 2 mil particulares. Lembrando que, nos últimos doze anos, foram criadas 18 Universidades Federais.

¹⁷ *Digest of Education Statistics* 2010, Tab 406 (NCES, 2010). Disponível em: http://nces.ed.gov/programs/digest/d10/tables/dt10_406.asp

Dado esse cenário, vale lembrar que, no Brasil, o contingente jovem, de idade entre 15 e 24 anos, corresponde a 17,04% da população, percentagem que chega a 16,47% em Minas Gerais e 18,01% em Ouro Preto. Indo um pouco além, considerando o entendimento da PEC da juventude, o contingente jovem, de idade entre 15 a 29 anos, passa a corresponder no Brasil, a 25,76%, em Minas 25,12% e em Ouro Preto, 26,9% da população (IBGE, 2010).

No caso de Ouro Preto, embora a cidade já possa ser considerada um importante polo de qualificação profissional de nível superior desde a década de 1970, eram raros os ouro pretanos a frequentar a universidade. Inclusive, por longo tempo, a maior aspiração dos pais da terra era ter um filho diplomado técnico e, dos filhos, ingressar na Escola Técnica de Ouro Preto (anos depois transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) e, atualmente, Instituto Federal Minas Gerais (IFMG). Aparecer no carnaval com a cabeça raspada por ter sido aprovado na Escola Técnica era grande sinal de status e de prestígio e, por isso, os/as carecas eram exaltados (as) ¹⁸.

Com a reestruturação da rede federal de educação superior, iniciada em 2007, a UFOP ampliou consideravelmente o número de vagas e a oferta de cursos na universidade e, com isso, ampliou as chances dos moradores locais ingressarem na instituição, abrindo as portas para que se alterassem as aspirações dos filhos locais e ampliar significativamente o modo de ser jovem dos nativos. Se, antes, o maior sonho dos adolescentes ouro pretanos era se formar em mineração ou em metalurgia na Escola Técnica e se tornar operário da mineradora Samarco, atualmente, o sonho de muitos pais, realçado pela aspiração de muito dos filhos, é ser aluno da UFOP¹⁹.

¹⁸ A Escola Técnica Federal de Ouro Preto foi instalada em 1944 com os cursos técnicos de metalurgia e de mineração. Mais tarde, foram criados os cursos edificações e de automação. Em 2002, a Escola Técnica Federal de Ouro Preto transforma-se no Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto, tornando-se apta a oferecer cursos superiores de tecnologia. Pouco depois, em 2008, o CEFET Ouro Preto tornou-se parte do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, instituição que nasceu a partir da junção de três autarquias federais: o CEFET Ouro Preto, a Escola Agrotécnica de São João Evangelista e o CEFET Bambuí.

¹⁹ A Samarco é uma mineradora brasileira sediada em Belo Horizonte, com campos de exploração mineral em Mariana/MG e em Anchieta/ES. Foi fundada em 1977 e é controlada através de uma *joint-venture* entre a Vale S. A. e a anglo-australiana BHP Biliton, sendo atualmente a 10ª maior exportadora do país. No mês de novembro de 2014, após o rompimento de duas de suas barragens de resíduos de minérios localizadas no distrito de Bento Rodrigues em Mariana, foi responsabilizada pelo maior desastre ambiental do Brasil. Como destacou Jardim (2015), “A lama, contendo uma parcela apreciável de sílica, devastou as matas ciliares e

Sendo assim, com o número cada maior de moradores nativos estudando na universidade, o instituto federal deixou de ser um fim, tornando-se um meio mais eficaz de garantir boas notas no ENEM para conseguir escolher um bom curso de graduação, haja vista a qualidade do ensino oferecido, marcadamente, um dos melhores da região²⁰.

Como se pode notar, apesar da concepção geracional ter passado a ser vista como uma concepção ultrapassada e extremamente simplificadora, o pertencimento a uma geração determinada pode revelar diferentes percepções do que é ser jovem e diferentes formas de vivenciar este período da vida. Como frisado por Tavares, da mesma forma que a infância e a família, também a percepção da juventude sofre transformações ao longo do tempo, constituindo assim, uma questão importante a ser pensada sociologicamente, visto que,

a juventude não é um conceito universal, ou seja, também partilhado por outras culturas, mas principalmente porque a própria ideia de juventude, assim concebida como uma etapa específica da vida, com seus problemas e questões peculiares, simplesmente não existia enquanto tal alguns séculos, mais precisamente até o século XVII ou XVIII (et al., 2009, p. 23).

Compartilho com Peralva (1997), Groppo (2000), Dayrell (2003), que a juventude é uma condição social e, ao mesmo tempo, uma representação. Em vista disso, para a coleta de dados e, posteriormente para efeitos de análise, buscou-se neste trabalho, apreender os aspectos de sociabilidade, as formas de lazer, a organização do tempo/espaço e maneira como os jovens moradores de Ouro Preto, preenchem as suas

ali se depositou, pelo menos em pontos mais próximos à barragem, e deve impedir a recomposição destas matas se não for removida ou recoberta com solo fértil. O leito do rio Doce recebeu uma quantidade de rejeito que deve atuar como se fosse um selo físico, impedindo trocas na interface água/sedimento, processo esse de vital importância para a saúde do sistema aquático”. Até o momento, 16 corpos de moradores mortos foram identificados e as atividades da empresa seguem suspensas após o Governo do Estado de Minas Gerais ter embargado o licenciamento de funcionamento da empresa logo após a negligência.

²⁰ Graças à implantação do Reuni a UFOP ampliou consideravelmente a oferta de cursos de graduação e dobrou o número de alunos na instituição. Em 2008, por exemplo, foram criados os cursos de Arquitetura, de Educação Física, de Museologia, Licenciatura em Química e Estatística em Ouro Preto; Administração, Comunicação Social e Pedagogia em Mariana. Os programas de auxílio, como Bolsa Alimentação e Bolsa Transporte, facilitam a permanência do aluno das redondezas na universidade. Segundo dados oficiais da UFOP, em 2007, cerca de 10% dos alunos matriculados eram de Ouro Preto e de Mariana. Só no primeiro semestre, o quadro subiu para 23,1% de alunos da região, enquanto 17,1% eram da capital.

horas vagas, dado o seu restrito leque de equipamentos de sociabilidade. Em suma, vale deixar claro que, a juventude é entendida aqui como

parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem: ela assume importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (Dayrell, 2003, p. 42).

Citando Dayrell (2003), é importante marcar que as transformações pelas quais passam os indivíduos em determinada faixa etária lhe conferem um caráter universal, entretanto, a forma como cada sociedade se relaciona com esse momento é muito variada, posto que esta diversidade se concretiza em condições sociais, culturais, de gênero, regionais, geográficas, entre outras; ou seja, juventude (s) é parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, que tem especificidades que marcam a vida de cada um. Por tudo isso, importa também pontuar alguns aspectos gerais da população jovem considerada neste estudo que, longe de homogeneizá-la, nos auxiliam a pensar nas especificidades que marcam a vida de cada um.

2.2 Aspectos gerais dos estudantes da UFOP

Para compreender melhor a população universitária em Ouro Preto, tomei como referência a pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) que, apesar de ter sido publicada em 2010, já abarca os alunos ingressos pelo REUNI e é o último dado publicado pela UFOP. Elaborei uma descrição pormenorizada do perfil médio do estudante a partir de resultados mais expressivos.

Com um panorama mais geral nota-se que segundo os dados, 79,60% dos estudantes da UFOP são jovens entre 18 e 24 anos, cujo seu principal mantenedor é o pai (86,68%), 43,63% são provenientes de escola privada, 48,73% pertencem à classe B, enquanto 12,75% pertencem à classe A. Esses estudantes são, em sua maioria, do sexo feminino (55,81%), brancos (66,86%), solteiros (92,35%) e sem filhos (94,05%). Grande parte não exerce atividade remunerada (75,07%) e são provenientes do estado de Minas Gerais (79,60%); 30% são de Ouro Preto ou de cidades vizinhas. Esse dado é

importante à medida que mostra o quanto a comunidade, que sedia a UFOP, consegue nela se colocar.

Sobre a situação de moradia, observa-se que mais da metade dos discentes da UFOP (52,97%), residem em repúblicas, sendo federais ou particulares. Na segunda posição, com 17,85% do total, estão os estudantes que residem com o pai, com a mãe ou com ambos. É baixíssimo o número de estudantes que residem em moradias pertencentes ou mantidas pela UFOP (4,25%). A meu ver, uma evidência da ineficiência da política de moradia estudantil da universidade, algo já constatado no meu trabalho de conclusão de curso, já citado.

Tabela 2 Moradia x Classificação Econômica (%)

	A1	A2	B1	B2	C1	C2	D	E
Sozinho(a)	–	–	14,29	21,43	42,86	14,29	7,14	–
Com o pai, a mãe ou ambos	–	9,52	14,29	31,75	22,22	19,05	3,17	–
Com o cônjuge	–	–	15,00	25,00	35	20	5	–
Casa de familiares	–	42,86	–	–	14,29	28,57	14,29	–
Casa de amigos	–	–	14,29	14,29	28,57	28,57	14,29	–
Pensão/Hotel/Pensionato	–	14,29	28,57	14,29	28,57	–	14,29	–
República	1,07	14,44	27,27	27,81	17,65	7,49	4,28	–
Moradia mantida pela família	–	17,86	25	25	28,57	3,57	–	–
Moradia pertencente e/ou mantida pela UFOP ¹⁰	–	6,67	13,33	26,67	26,67	20	6,67	–
Outras moradias coletivas (religiosa, pública, entre outros tipos)	–	–	40	–	20	–	20	20

Fonte: ANDIFES (2010, p. 42)²¹

Ainda sobre moradia estudantil, a tabela 02 permite observar que a maioria dos alunos residentes em república (70,59%), pertence às classes A e B. Estes dados, infelizmente não nos permitem saber se a percentagem é mesma considerando o tipo de república, dito de outro modo, qual diferença de classe entre os moradores das repúblicas privadas e os moradores das repúblicas públicas, as chamadas federais. Lembrando que, apesar das repúblicas federais serem de propriedade da União que, as outorgaram à gestão para a Universidade, as casas públicas são geridas pelos próprios

²¹ “Sobre as moradias pertencentes a UFOP, faz-se necessário ressaltar que o número de residentes em ‘Moradia pertencente e/ou mantida pela Ufop’ pode estar subestimado, devido à nomenclatura das opções disponíveis no questionário. Por ser uma pesquisa aplicada nacionalmente, as opções de resposta foram disponibilizadas de acordo com a denominação de tipos de moradia mais frequentes em todas as universidades brasileiras. Os estudantes da UFOP, contudo, tradicionalmente denominam as residências pertencentes à Universidade como ‘repúblicas federais’. Nesse sentido, acredita-se que parcela significativa dos respondentes residentes nessas ‘repúblicas federais’, tenha optado pela resposta República em detrimento da opção ‘Moradia pertencente e/ou mantida pela UFOP’” (2010, p.17).

alunos que, como já referido, utilizam critérios próprios (que excluem ou pelo menos desconsideram, por exemplo, critérios socioeconômicos) para a seleção dos novos moradores.

Ainda sobre os estudantes da UFOP, sabe-se que 70,82% são sustentados pela família ou por outras pessoas e, talvez seja por isso que, 75,07% não exercem atividade remunerada, dedicando-se exclusivamente aos estudos.

Tabela 3 Participação no sustento da família (%)

Sustentado pela família ou por outras pessoas	70,82
Recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas	13,60
Responsável apenas pelo seu próprio sustento	8,78
Responsável pelo seu sustento e contribui para o sustento da família	4,25
Responsável principal pelo sustento da família	2,55

Fonte: ANDIFES (2010, p. 17)

No que se refere ao uso de substâncias psicoativas, observa-se que as bebidas alcoólicas são as mais presentes, sendo consumidas por 82,15% dos estudantes da UFOP. Já as drogas não lícitas são consumidas por 15,01%. O que salta aos olhos é a relação do uso de substâncias psicoativas, à exceção de remédio para controle de dificuldades emocionais, todas as demais substâncias são consumidas, em sua maioria, por estudantes moradores de repúblicas. Destacam-se, na tabela abaixo, as drogas não lícitas, em que 85,71% dos usuários periódicos e 100% dos que sempre usam essas substâncias são moradores de república.

No tocante à qualidade de vida, observa-se que a maior parte dos estudantes pratica alguma atividade física (65,16%), porém, apenas 33,14% o fazem regularmente. Em relação à saúde mental, a maioria nunca tomou medicação psiquiátrica (85,84%) e nunca passou por atendimentos psicológico (64,59%) ou psiquiátrico (90,08%). Nota-se que a ansiedade é a principal ocorrência no âmbito das dificuldades emocionais, atingindo parcela significativa dos estudantes (73,09%).

Em relação às substâncias psicoativas, segundo dados divulgados pela pesquisa da ANDIFES, a federal de Ouro Preto tem o maior consumo de álcool entre os estudantes de universidades federais do país. De acordo com a pesquisa, 29,8% dos alunos da Universidade Federal de Ouro Preto assumem consumir bebidas alcoólicas periodicamente ou sempre, índice que representa o dobro da média nacional. Lembrando que, mais de 52,97 % dos discentes da UFOP são moradores de repúblicas e destes, 75% afirmaram ser consumidores frequentes de bebidas alcoólicas.

Tabela 4 Consumo de Substância Psicoativas x Moradia (%)

	Bebida alcóolicas		Tabaco		Remédio para controle de dificuldades emocionais		Drogas não lícitas	
	P	S	P	S	P	S	P	S
Sozinho(a)	2,82	–	–	4,76	7,69	–	–	–
Com o pai, a mãe ou ambos	11,27	9,38	–	14,29	23,08	28,57	–	–
Com o cônjuge	5,63	–	–	9,52	7,69	28,57	–	–
Em casa de familiares	–	–	7,69	–	–	–	–	–
Em casa de amigos	1,41	–	–	4,76	–	–	–	–
Pensão/Hotel/Pensionato	–	–	–	–	–	–	–	–
República	67,61	75	76,92	57,14	38,46	14,29	85,71	100
Moradia mantida pela família	1,41	6,25	–	–	23,08	–	14,29	–
Moradia pertencente e/ou mantida pela UFOP ¹²	8,45	9,38	15,38	9,52	–	28,57	–	–
Outras moradias coletivas (religiosa, pública, entre outros tipos)	1,41	–	–	–	–	–	–	–

Legenda: P=Periodicamente; S=Sempre

Fonte: ANDIFES (2010, p.19)

É comum, inclusive durante o dia e, em dias comuns, ver estudantes com copos de cerveja nas mãos em frente às repúblicas. Um dos estudantes de engenharia que entrevistei me disse que, o freezer da república federal onde ele mora, sempre está carregado de cerveja e para os *rock* organizados para 100 convidados, o freezer tem um “carregamento mínimo” de 500 litros de cerveja, 6 de pinga e 4 de vodca. Em festas especiais, como nas de aniversário das repúblicas, ele disse que o estoque sobe até oito vezes. “Somos festeiros e queremos manter a liderança”, diz o estudante e morador da república dos Deuses.

A turismóloga Flávia, moradora local, formada na UFOP, atualmente com 28 anos, lembra que não bebia antes de entrar na universidade, porém, hoje bebe de tudo.

“Não tem como não entrar no clima” disse ela, “aqui se você quiser beber todos os dias, você bebe e, detalhe, sem pagar um centavo”. Ela disse que, mesmo tendo concluído seu curso no final de 2013, não deixou de frequentar os *rock* das repúblicas. “A gente acaba fazendo muita amizade, e como Ouro Preto não ajuda, ou vai pro *rock* de república ou fica em casa curtindo *bad*, eu optei por ir pro *rock*”, concluiu.

Figura 3: Estoque de 300 caixas de cerveja para o carnaval na República Favela



Fonte: <<http://mg.quebarato.com.br/ouro-preto/carnaval-ouro-preto-2009>>.

Em 2012, após ter sido constatado a morte de dois universitários de Ouro Preto, vítimas, sobretudo, do uso abusivo do álcool dentro das repúblicas, o reitor da universidade reconheceu o elevado consumo de bebidas alcoólicas dentro das moradias estudantis e atribuiu ao fenômeno, notadamente, à “carência de oportunidades de cultura, lazer e esportes na cidade”, ou seja, devido à ausência de equipamentos públicos de sociabilidade, os jovens foram conduzidos à bebedeira, ao barulho e à festa²².

De acordo com uma das páginas virtuais de um destes encontros festivos organizados pelos universitários da cidade, o *rock* tem como principal objetivo, a

²² Sobre o a morte dos universitários, na época, houve ampla divulgação nos principais meios de comunicação do país. Para mais informações, há uma reportagem detalhada *online* no site: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/12/universidade-de-ouro-preto-abre-sindicancia-apos-mortes-de-alunos.htm>. Acessado em ago. 2015.

“confraternização e [a] diversão entre os mesmos”²³. No entanto, as festas são variadas e, os encontros festivos acontecem mesmo sem motivo aparente, podem ocorrer de forma casual ou esporádica. Algumas são marcadamente especiais, consideradas tradicionais por uns, repetidas por outros, porém, não as mesmas, Afinal,

por uma que desaparece, reforçam-se dez, quantas novas festas surgem um pouco por toda parte! As mesmas? Ou semelhantes? Não completamente. E, se desaparecem algumas particularidades, criam-se outras e estabelece-se nova diversificação (Sanchis, 1983, apud, Perez, 2011, p.109).

Para iniciar descrição das principais festas dos jovens universitários de Ouro Preto, preciso deixar explícito duas pré-visões ou, dito de outro modo, duas percepções elementares, que tive sobre o estilo de vida da juventude ufopiana, provenientes da experiência de dois momentos distintos em vivência pessoal. O primeiro, ocupando o papel de morador local e o segundo, mais recente, no papel de universitário estrangeiro. Confesso que tanto pra mim, quanto para muitos outros ouro pretanos, falar em juventude ufopiana é falar em morador de república.

Assim, no papel de morador local, cresci acompanhando as quatro repúblicas situadas próximas a minha casa, sendo abastecidas com dezenas de caixas de cervejas toda semana e, talvez por isso, ouvindo reclamações constantes dos vizinhos sobre a bebedeira, os gritos e o alto som consequentes dos frequentes encontros festivos. Por ter nascido e crescido num bairro marcado por grande número de moradias estudantis, acompanhava de longe (ou talvez perto, mas, mantendo distância), os estudantes (moradores das casas vizinhas a minha) por longos anos desde a entrada na UFOP e confesso que me assustava a transformação aparente, digo, física desses estudantes. A rápida perda de peso, a adoção de um estilo mais largado se refletia tanto nas roupas e nos cabelos, quanto na postura menos rígida. Em síntese, a minha percepção era a de que a festa desviava.

Anos mais tarde, já cursando ciências sociais na PUC de Minas, fui convencido por um amigo, aluno da mesma universidade, a participar pela primeira vez de um *rock*

²³ Existem várias *fanpages* (que nada mais são do que, uma página específica dentro do Facebook direcionada para empresas, marcas, produtos, associações, ou eventos) de festas organizadas pelos estudantes da UFOP, normalmente os moradores de repúblicas. No caso, a consultada foi a *fanpage* da festa do bafômetro, que pode ser consultada em: https://www.facebook.com/bafometrofeira/info/?tab=page_info. Acessado em nov.2015.

de república em Ouro Preto. Nascido na cidade de Frutal em Minas e cursando relações internacionais em Belo Horizonte, esse amigo disse que, desde a época em que fez cursinho pré-vestibular em São Paulo, ouvia dizer que a melhor cidade-universitária para morar era Ouro Preto, porque lá tinha república e as melhores festas universitárias do país. Por isso, e já sabendo que minha família ainda morava por lá, ele insistiu para que fossemos atrás de festa.

Confesso que no primeiro momento resisti em aceitar o convite, afinal, eu era considerado nativo e temia ser considerado um intruso na festa. Desde muito pequeno, ouvia dizer que república não era lugar de gente direita frequentar e, por outro lado, talvez pelas inúmeras queixas que os moradores locais faziam contra os estudantes, principalmente por causa do barulho, nunca fui convidado a sequer, entrar em alguma. Por tudo isso, a impressão que eu tinha era a de que os nativos não eram bem-vistos pelos estudantes.

Como citou Carla, uma moradora local e estudante de nutrição, durante uma das entrevistas: “até frequento *rock* de república, mas como estudante de nutrição. Se eu falar que sou nativa, o povo já fica me olhando com olho torto”. De forma similar, Luísa, também moradora local e estudante de educação física na UFOP, disse que não participa de festa em república porque o “povo de lá” é muito preconceituoso, e que, “Eliana, por exemplo, vai nos *rock* tudo, mas ela fala que é de Belo Horizonte. Se ela falar que é nativa não pega ninguém”, concluiu rindo se referindo a sua prima, que está cursando o 5º período engenharia de produção e mora desde que nasceu na mesma rua que ela.

Durante a pesquisa, ouvi inúmeros relatos de moradores locais jovens dizendo que odiavam serem identificados com o termo nativo, e que a primeira coisa que eram perguntados ao conhecer um estudante dito de fora, era se eram nativos. “Eu tenho cara de índia? Qual a importância de ter nascido em Ouro Preto ou não? Eu também sou da UFOP. Odeio que me perguntam se sou nativa”, disse a turismóloga Flávia.

Dito isso, adianto que a percepção que irei expor sobre as festas nas repúblicas, ou, *rock* de república como dito por lá, é compartilhada por várias outras pessoas que conversei nesses últimos quatro anos (sendo os dois nos anos finais da minha graduação e os dois desta pesquisa), inclusive por alguns estudantes repúblicos. De modo geral, a festa é, em síntese, um encontro de bate papo, onde não se fala outra coisa que de *rock*. Fala-se do *rock* passado, do *rock* presente e do *rock* porvir.

Nas nove festas que participei como observador, não consegui me aprofundar em nenhum outro assunto que não fosse a própria festa. No primeiro momento, me questionava sobre a finalidade ou o significado dessas festas em que não se falava de professores, nem de disciplinas, nem muito menos de outros assuntos comuns ao meio acadêmico, como por exemplo, economia, política, ou talvez, de algum movimento social. Não que esses temas não fizessem parte das preocupações dos festeiros, embora, sobre isso, nada tenho a dizer, entretanto, nesses encontros, a conversa sempre começava e terminava em um gole de cerveja e em torno de um mesmo assunto, a festa. Assim, comecei a me questionar sobre a minha habilidade como pesquisador e constantemente me perguntava o que fazia ali, afinal, mudavam-se os rostos, mas eu não conseguia me aprofundar em nenhum outro assunto [que não fosse a própria festa].

Recordo-me que, voltando a Belo Horizonte, para assistir uma das aulas de sexta à tarde, sem saber sobre tal inquietação, Perez disse:

quando estamos buscando sentido e finalidade, a vaca foi pro brejo. A vida, assim como a festa, não tem sentido algum nem tão pouco finalidade. Serve pra que? Por isso que eu adoro [pesquisar] a festa, porque, qual o sentido da festa? Nenhum [concluiu].

Destas palavras, realmente me convenci que a festa é o outro nome da vida e, se, por um acaso, existisse algum sentido nesses encontros festivos, o sentido era não ter [perder o] sentido, em outras palavras, invalidar a rotina e fugir um pouco da dureza da vida. Esquecer um pouco o dever e simplesmente ser. Afinal, o *rock* é o lugar por excelência de se despojar dos papéis preestabelecidos, esquecer as responsabilidades e o dever ser constantemente imposto pela rotina. Não que haja uma suspensão [completa] dos papéis sociais, todavia, nas festas, os papéis sociais se tornam menos rígidos, mais flexíveis e mais facilmente negociáveis. Por isso, mais que os movimentos sociais,

que as ideologias, que os partidos, na festa o homem muda a sai mesmo porque ele se inventa (Duvignaud, 1994, apud, Perez 2011, p. 109).

Ainda sobre o *rock*, quero dizer, o ato de fazer *rock*, assume uma conotação particular entre a juventude universitária de Ouro Preto, não somente, mas também,

entre a juventude local. A palavra em si normalmente identificada a um gênero musical, balada e ou festa, foi neste contexto, ampliada a tantos outros fatos, digo, atos, que propiciem a esta juventude sedenta de des-cobertas a arte do encontro. Mas não qualquer encontro, para ser tratado como *rock* é preciso envolver mais de duas pessoas, ter bebida alcoólica e um lugar, normalmente uma república, um bar ou o CAEM.

Beber uma pinguinha no bar das coxinhas; ir para o CAEM na festa do miss-bixo; ir num churrasco numa república qualquer; reencontrar um amigo de turma na escadaria; comemorar o aniversário da república; ir beber na rua direita; passar numa república antes de ir para o CAEM; a festa junina das repúblicas; participar de blocos de carnaval; tudo isso está envolto no ato de fazer *rock*²⁴. Desta forma, os frequentes *rock* são naturalizados na cidade e são vistos pela comunidade local como prática típica de moradores de repúblicas. Ainda que as frequentes festas provoquem diversos incômodos para os moradores locais, o fato pode ser compreendido, visto que a cidade, como já dito, não oferece muitas alternativas de lazer e de eventos culturais onde os jovens possam, além de buscar outras formas de entretenimento, de participação, estabelecer laços sociais.

Figura 4: Rock intitulado Castelão 2011



Fonte: <<http://facebook.com/rocksouopreto>> acessado em 15/05/2015

²⁴ Os *bixos* são os calouros da universidade e os novos moradores das repúblicas. Eles ainda não foram efetivados como moradores oficiais e passam por uma espécie de teste (período de batalha), para se adaptarem às regras da casa. *Miss bixo* é uma festa organizada no CAEM pelos moradores das repúblicas. Consiste num *rock* em que os moradores que estão “batalhando” vaga em alguma das repúblicas (os chamados *bixos*) desfilam normalmente bêbados e fantasiados com as bandeiras e com os temas da república de que faz parte.

Os *rock* acontecem constantemente e simultaneamente em diversas repúblicas e, como descrito na página virtual da República Área 51, muitos destes *rock* (sejam eles, pagodes, bate-papos, churrascos) embora sejam alguns, marcadamente especiais, são realizados “até mesmo sem ter motivo algum”. Dos primeiros, destacam-se a festa do dia 21 de abril, onde se comemora o aniversário das repúblicas (federais) construídas ao lado do campus da UFOP no Morro do Cruzeiro, a Festa do Bafômetro que, organizada pelas repúblicas Sua Mãe, Alcateia, Os Bartira, Skulaxu, Mata Virgem e Cêkisabe, acontece uma vez a cada semestre e gira em torno de uma competição entre mulheres por uma garrafa de Absolut. Destacam-se ainda, a Festa do Miss Bixo e a Festa do Doze, já citadas anteriormente, a festa de aniversário de cada uma das mais de 400 repúblicas, além da Ceia, que é uma festa restrita aos moradores das repúblicas e seus familiares, além de amigos mais próximos, onde se comemora entre os moradores, o natal com aqueles que permaneceram na cidade durante as celebrações natalinas.

Outra forma criada pelos moradores das repúblicas para estabelecer e estreitar os laços sociais é o *sociais*, que nada mais é do que uma festa celebrada entre duas repúblicas, normalmente entre uma masculina e outra feminina. Geralmente acontece nas quintas-feiras e envolve convite prévio e tanto a organização quanto o financiamento do encontro, fica por conta dos anfitriões. O intuito primeiro é de conhecer e ser conhecido por moradores de outras repúblicas. A não adesão ao convite é uma hesitação, afinal, “ou se aceita a festa ou se declara a guerra” como nos ensinou Marcel Mauss (1991).

Dito isso, os famosos *rock* e ou *sociais* são festas importantes para a interação e para a sociabilidade entre os estudantes, de modo mais evidente, entre os moradores das repúblicas, haja vista que, estes jovens estão longe de seus familiares e de eixos de referência efetiva, como exemplo, a vizinhança, a escola, dentre outros. Como disse Pinto (2000), ex-morador da República Formigueiro,

as repúblicas sempre se constituíram como uma família mais verdadeira que a consanguínea, isto porque cada um escolhe seu irmão. Não há o grupo familiar, imposto e muitas vezes detestável, e se o escolhido não é o ideal você o substitui. A comunidade assim formada convive durante anos e

anos [...] e a dignidade de cada um é o que conta para nivelar a vida em comum.

2.3 Aspectos gerais dos jovens locais

Por serem os dados do IBGE extremamente gerais, tenho procurado desde o ano de 2012, dados mais aprofundados sobre a população jovem de Ouro Preto. Por se tratar de uma cidade de pequeno porte e com uma população jovem significativa (nota-se que só de moradores flutuantes no distrito sede, digo, discentes da UFOP são quase 22% da população total) acreditei que, para desenvolver as políticas públicas direcionadas a este segmento específico da população, o poder público municipal tivesse em mãos algum dado mais específico.

Entretanto, apesar de vigorar há mais de 10 anos o projeto de lei 041/98 (anexo 2), que trata da criação do Conselho Municipal da Juventude, que tem por uma de suas atribuições, pelo menos oficialmente, “desenvolver estudos e pesquisas relativas à juventude objetivando subsidiar o planejamento das ações públicas para este segmento no município”, a informação que poder público local possui sobre sua população jovem da cidade é a publicada no IBGE, ou seja, números gerais que, no caso, pouco nos diz. Talvez isso explique a ineficiência e a incapacidade do governo municipal em planejar e em oferecer serviços públicos que atendam minimamente as demandas de tal segmento.

Embora os jovens aqui sejam pensados muito além de simples números, dados quantitativos mais detalhados poderiam nos auxiliar a traçar um perfil mais geral sobre a população jovem local, a exemplo do que foi feito aqui com a população jovem flutuante, isso poderia nos ajudar a confrontar os dados. Pensando nisso, entrei em contato com agentes administrativos, com secretários municipais e com vereadores, porém, sem sucesso. Nem o secretário de Desenvolvimento Social, muito menos, o de Esporte e Lazer souberam me informar qual é o perfil geral da juventude ouro pretana. Diante disso, a questão que me ocorreu, foi justamente a de questionar qual seria o papel atribuído a esses jovens pelas autoridades locais.

Assim, comecei a perguntar aos moradores se tinham algum conhecimento sobre alguma política pública no município direcionada à população juvenil e as respostas giravam em torno da ausência do poder público local, que não apoiava sequer, a premida equipe de ginástica artística e de trampolim, ao contrário das equipes de futebol

da cidade, que eram prontamente apoiadas pelo secretário de Esporte e Lazer. A primeira, precisava constantemente paralisar suas atividades por não conseguir honrar seus compromissos financeiros, devido à falta e o atraso de repasse de verbas da prefeitura, para manutenção das atividades esportivas, a segunda, era aos olhos de muitos, a queridinha do secretário municipal ²⁵.

Enfim, sugiro que os jovens em Ouro Preto, quer sejam, os moradores locais ou os moradores flutuantes, são considerados quando estão em festa, quando fazem barulho, quando incomodam, especialmente os que fazem das moradias estudantis o lugar de lazer e de festa por excelência.

Parte 3 - Nem só isso, nem só aquilo

A principal privação sofrida pelo grupo de outsiders não é a privação de alimento. Que nome devemos dar-lhe? Privação de valor? De sentido? De amor-próprio e auto-respeito? A estigmatização, como um aspecto da relação entre o estabelecido e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido (Elias, 2000, p. 35, grifos meus).

A minha primeira entrada ao campo, após definido o estudo de caso e escolhida a técnica de coleta de dados, me deixou pasmo. Como já dito na apresentação deste trabalho, a motivação primária deste estudo foi uma suposta relação de estabelecidos e outsiders, bem aos moldes do estudo de Elias (2000). Acreditava que em Ouro Preto, assim como na pequena comunidade inglesa estudada por Elias, existia uma rede de relações marcadamente dividida e, composta, neste caso, em dois setores que,

apesar de não diferirem tanto quanto ao aspecto econômico, sustentavam uma pluralidade latente em suas práticas e preceitos de socialização, reproduzindo sentimentos de discriminação, delinquência e exclusão entre os moradores de diferentes grupos (Elias, 2000. p.45).

²⁵ A Ginástica Olímpica e Trampolim é um Projeto da Fundação Aleijadinho/Esporte e Cidadania, gerenciado pela Fundação desde junho 2002. Atualmente atende de forma gratuita, mais de 300 crianças e adolescentes de Ouro Preto nas modalidades de futebol, futsal e ginástica de trampolim e artística. Faz parte de uma política não governamental e atende gratuitamente crianças de 10 a 15 anos. Mantém parceria com a Prefeitura Municipal, entretanto, vivem constantemente em problemas financeiros devido a atrasos dos repasses da prefeitura.

Acreditei que em Ouro Preto, a juventude era marcadamente dividida entre os sujeitos nativos e os sujeitos flutuantes, uns constrangidos por uma configuração social cultivada desde a infância através de uma forte rede de relações sociais, digo, de familiares e de vizinhança e, outros, ao contrário, por serem recém-chegados na cidade e procedentes de outras regiões e, talvez por isso, eximidos da coação social e conformados por outras configurações sociais, outros valores afetivos e sociais, eram desassistidos de qualquer controle social estável, o que de certa forma, contribuía para um maior relaxamento em relação às regras já preestabelecidas na comunidade local. Aliás, bastava perguntar a qualquer morador da cidade (seja ele estudante ou nativo) se existiam divisões e conflitos entre os dois grupos de moradores, para ouvir que sim. Posteriormente, no transcorrer da pesquisa, aprendi que dentro de pesquisas sociológicas perguntas de cunho jornalístico podem se tornar uma armadilha de difícil escapatória.

Enfim, meu contato com os jovens, deixou muito nítido o aparentemente óbvio: antes de serem discriminados por sua procedência ou de serem divididos por este ou por aquele grupo, eles são, também, muitas outras coisas, são eles seres humanos, são filhos, fazem parte de uma família (tanto biológica quanto social, como visto no grupo focal realizado com os moradores da República Cruz Vermelha), cultivam, também, valores, códigos de conduta, projetos pessoais e tantos outros projetos coletivos.

Percebi que estes jovens, iam muito além do isso ou aquilo e, aliás, muitos eram, ao mesmo tempo, isso e aquilo, a exemplo dos moradores locais que eram também, *à la fois*, nativos, universitários da UFOP e frequentadores assíduos dos *rock* de república. Enfim, existem muitas distinções apesar de existirem, também, muita afinidade. Nunca é demais lembrar que se trata de sujeitos, com muitas características típicas da coletividade [principalmente as comuns à própria juventude], mas, também, algumas singularidades típicas de qualquer agente e, também por isso, impossível de rotular.

3.1 Os sujeitos da pesquisa

Para desenvolver a análise, realizei três grupos focais, sendo 2 com moradores locais, e 1 com os moradores da República Cruz Vermelha. Foram selecionados jovens, homens e mulheres, moradores locais e moradores flutuantes, com idades que variavam entre 18 e 29 anos, como já dito anteriormente.

O primeiro grupo focal: moradores locais

Fui para Ouro Preto numa sexta feira à noite, com o intuito de dirigir um grupo focal com jovens que fossem moradores nativos, encontro esse que já tinha sido agendado para acontecer no sábado. Foram contactados anteriormente 14 participantes, entre homens e mulheres, com idades que variavam entre 18 e 29 anos, estudantes e não estudantes da UFOP. Contudo, no dia da realização do grupo focal, na segunda feira, compareceram 6 mulheres e 2 homens, o mais novo tinha 19 anos e o mais velho, 22. Destes, 7 eram estudantes da UFOP e 1 estava em preparação para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Destes, somente Carla e Cíntia já tiveram experiência no mercado de trabalho. A primeira, atualmente com 21 anos de idade, mora com a mãe e a irmã numa kitnet no fundo da casa da sua avó. Logo após ter ser formado técnica em mineração, no IFMG, Carla trabalhou como caixa em um supermercado próximo a sua casa. Como já tinha a intenção de continuar os estudos, decidiu-se por “pegar qualquer serviço” até que conseguisse ser aprovada na UFOP. Assim, quando foi aprovada no curso de engenharia de produção, pediu demissão do trabalho com o intuito de dedicar-se integralmente aos estudos. Atualmente, Carla vive com uma bolsa oferecida pela Fundação Gorceix, algo em torno de R\$ 300,00 ²⁶.

Já a Cíntia, que está se preparando para fazer o seu segundo ENEM, tem 22 anos e, mora com a sua avó desde que nasceu. Na época, sua mãe que, era solteira, ainda morava em Ouro Preto, até que anos mais tarde se casou e mudou-se para um sítio em Sete Lagoas com seus outros dois filhos. Como Cíntia não quis mudar-se para outra cidade, permaneceu morando com a sua avó. Apesar dela não trabalhar atualmente, já trabalhou como vendedora em diversas lojas do comércio local, entretanto, fez questão de frisar que o seu maior sonho é “entrar” na UFOP:

To cansada de ficar em casa, todos os meus amigos estão na UFOP. Cê já viu né, cabeça vazia oficina do diabo. A mãe do meu namorado tá me dando maior força. Ela disse que vai pagar cursinho pra mim. Ele

²⁶ A Fundação Gorceix é uma instituição filantrópica sem fins lucrativos, cujo objetivo básico é amparar o aluno carente da Escola de Minas de Ouro Preto em suas necessidades, não só educacionais mas, também, as de alimentação, moradia e cuidados com a saúde como médicos e dentistas.

já faz [engenharia] civil lá. Eu tenho certeza que este empurrãozinho é que eu tava precisando pra mudar de vida [concluiu Cíntia].

Natali mora com os pais e uma irmã de 12 anos no andar acima do bar da família. Apesar disso, disse que raras vezes desce para ajudar seus pais no boteco que funciona no mesmo lugar há mais de dez anos. Disse preferir “ficar por conta dos estudos”. Ela está cursando o 4º período de administração e está com 21 anos.

Os outros participantes, como já dito, ainda não exerceram nenhuma atividade remunerada, pelo menos, de modo formal. É o caso de Marcos que está com 19 anos e cursa o 2º período de história. Ele mora com sua mãe e suas duas irmãs, uma está com 12 anos de idade e a outra, com 22. Segundo ele, sua mãe trabalha há anos no presídio da cidade como técnica de enfermagem. E seu pai que é policial reformado, mora em Barbacena e, também por isso, eles raramente se veem.

Caso parecido com o do Maxsuel que, também, raramente vê seu pai, outro policial aposentado. Ele está cursando o 4º período de engenharia de alimentos e mora com a mãe que é diarista. Maxsuel está com 22 anos, mesma idade que as outras três participantes do grupo, a Ana Cláudia, a Isadora e a Vânia.

A Ana Cláudia mora com sua mãe e dois irmãos mais novos do que ela. Ela disse que quando nasceu, sua mãe que, já foi diarista e hoje é estudante de serviço social, tinha apenas 16 anos e o seu pai, 19 anos de idade. Quanto a ele, também, policial reformado, ela disse conviver pouquíssimo. Disse visitá-lo, às vezes, durante as férias em Barbacena, onde ele mora com a esposa e outra filha mais nova.

Ademais, a Isadora mora com a mãe, uma enfermeira já aposentada e têm outros cinco irmãos, todos casados. Ela está no 4º período de licenciatura em educação física e faz estágio de docência numa escola estadual através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Ela ainda dá aula de ginástica olímpica numa ONG três vezes por semana²⁷. Já a Vânia que, também está com 22 anos de idade, está

²⁷ O Pibid é um programa do governo federal que “oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa

cursando o 4º período de nutrição e, mora na mesma casa em que seus avós, já falecidos, moraram. Ela mora com seus pais e sua irmã mais velha. Seu pai trabalha como motorista de táxi e sua mãe é professora de uma escola estadual.

A princípio, o grupo tinha sido marcado para acontecer na quarta-feira, todavia a pedido de um dos participantes, que me ligou em nome dos demais, foi transferido para o sábado. Todos já se conheciam anteriormente, até mesmo porque, utilizei da técnica de seleção via bola da neve, técnica em que um participante indica outro, e assim sucessivamente, até completar o número de participantes que se almeja. Assim seria formado um grupo coeso apesar das particularidades de cada agente.

No sábado, já em Ouro Preto, me pediram mais uma vez o cancelamento pois, estava acontecendo (a festa do santo) uma festa na Chapada, distrito de Ouro Preto, distante a 25 km do centro da cidade e muitos dos convidados a participar do grupo acabaram alugando uma van para levá-los a festa, que tinha iniciado na sexta-feira e terminaria no domingo. Em acordo, marquei para o domingo às 15 h, entretanto, 3 outros participantes tinham ido para um sítio no sábado à noite e me ligaram dizendo que não conseguiram chegar a tempo de participar no domingo. Enfim, devido aos inúmeros inesperados, remarquei mais uma vez para a segunda-feira e, assim, enfim, o grupo focal ocorreu.

Nesta aparente dificuldade, me atentei para outras formas de diversão vivenciadas por estes jovens. Confesso que, mesmo sendo nascido e criado em Ouro Preto, mudei para Belo Horizonte há quase dez anos e, talvez por isso, cometia o erro de pensar diversão como uma categoria fechada, sintetizada no *habitus* do estudante, branco e de classe média metropolitana. Até então, admitia que Ouro Preto não oferecia atividade alguma para a juventude se entreter.

Entretanto, existem outros modos de vivenciar a juventude, para além das boates, dos bares, dos restaurantes, dos parques, dos cinemas e dos shoppings. Em Ouro Preto, por exemplo, acontecem anualmente, nos treze diferentes distritos, as tradicionais festas dos padroeiros. Festas essas dedicadas aos santos do povoado, que envolve não só os moradores locais, mas a população da cidade como um todo, a exemplo da Festa de São Bartolomeu e o Império do Divino Espírito Santo, que é festejada no mês de agosto

iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais” (<http://portal.mec.gov.br/pibid>).

no distrito de mesmo nome e que, além da programação religiosa, oferece shows com artistas locais, rodeios, rua de lazer, etc. Para além das festas religiosas, existem também, várias cachoeiras abertas ao público e alguns sítios particulares, onde acontecem, com frequência, encontros comemorativos. Talvez, isso explique a necessidade de ter que cancelar o grupo focal por três vezes.

Figura 5 Programação da Festa do distrito de São Bartolomeu

FESTA DE SÃO BARTOLOMEU E DO DIVINO ESPÍRITO SANTO 2015
DE 15 A 24 DE AGOSTO

*** 15 a 23 de agosto de 2015 - Novena a São Bartolomeu**

Dia	Horário	Grupo
15/08/2015	19h30	Pastoral de Amarantina
16/08/2015	19h30	Pastoral de Santo A. do Leite
17/08/2015	19h30	Pastoral de Glaura
18/08/2015	19h30	Pastoral de Rodrigo Silva
19/08/2015	19h30	Pastoral Familiar Cachoeira do Campo
20/08/2015	19h30	Terço dos Homens - Filhos de Maria
21/08/2015	19h30	Pastoral de São Bartolomeu
22/08/2015	19h30	Pastoral de São Bartolomeu
23/08/2015	19h30	Pastoral de São Bartolomeu




21/08/2015 (Sexta-feira)
19h30 – Missa. Logo após, procissão da Bandeira de São Bartolomeu, seguida do levantamento de mastro com participação da Banda de Santa Cecília de Passagem de Mariana. – Mordomos: Thiago Xavier Costa Guimarães, e Ana Paula Araujo Costa
22h – Show

22/08/2015 (Sábado)
08h – Missa e apresentação da Fanfarra no Adro da Igreja de São Bartolomeu.
14h – No Campo, apresentação de Cavalhadas de Amarantina e Banda Santa Cecília de Passagem de Mariana.
19h30 – Missa. Após, procissão da Bandeira do Divino Espírito Santo seguida do levantamento de mastro com participação da Banda de Santa Cecília de Passagem de Mariana. – Mordomos: Vinicius Fortes da Silva e Vanessa Fortes da Silva Santos.
22h – Show

23/08/2015 (Domingo)
06h – Alvorada festiva com a Banda Santa Cecília de Passagem de Mariana.
08h – Missa das Crianças.
09h – Apresentação da Folia do Divino no adro da Igreja de São Bartolomeu.
10h30 – Cortejo do Imperador e missa com participação do Coral Canarinho de Itabirito.
16h30 – Procissão de São Bartolomeu e Divino do Espírito Santo com a divulgação dos Festeiros e Rainha 2016.
18h – Show

24/08/2015 (Segunda-feira)
 Dia dedicado ao padroeiro São Bartolomeu
16h30 – Missa e Procissão de São Bartolomeu

Imperador: José Carvalho Rainha: Yara Santos Figueiredo Princesa: Thais A. Bento
 Agradecemos a todos que de alguma forma se empenharam para a realização da festa em louvor a São Bartolomeu e o Divino Espírito Santo, em especial ao Pároco: Luiz Roberto de Sousa e a toda comunidade.

REALIZAÇÃO: Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré Conselho Paroquial da Pastoral de São Bartolomeu

APOIO: ADECOSB, POLÍCIA MILITAR, Prefeitura de Ouro Preto, Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Defesa Social

Fonte: Arquivo pessoal

O grupo focal teve a duração de 1 hora e 40 minutos e discorreu sobre assuntos variados, focalizados principalmente na trajetória de cada um, bem como na rotina pessoal e a dos familiares, a vizinhança, os tipos de confraternização entre os jovens, a religião, a visão sobre a UFOP e, conseqüentemente, sobre os estudantes de fora.

A maioria dos participantes sempre morou em Ouro Preto, com exceção da Vânia e da Cíntia. A primeira morou em Belo Horizonte por um ano, estava cursando

nutrição na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entretanto, não se adaptou com o agito da capital e retornou à cidade. A segunda, morou em Sete Lagoas por um ano e meio. Saiu de Ouro Preto para morar com a mãe, até então, desde seu nascimento, tinha morado na casa da sua avó, assim como agora. Segundo ela, precisou sair um pouco da cidade porque estava usando muita droga e pensou que saindo conseguiria manejar o uso. Concluiu ela:

amizade é tudo, se você tiver mal acompanhada você desce ladeira a baixo. Tipo, igual os meninos lá da rua. Não tem jeito, eu cresci com eles. Hoje eles são todos traficantes. Não tem como eu passar pra ir pra minha casa e não mexer com eles e isso acaba facilitando você usar e cair.

Todos os entrevistados são estudantes e não trabalham. Nos fins de semana disseram que a única coisa que tem pra fazer na cidade é o *rock* de república. “Ouro Preto não tem nada pra fazer, os poucos bares que têm fecham cedo e só tem gente feia, gente só daqui mesmo (risos)”. Outro, concordando, disse: “a única coisa que tem pra fazer aqui é *rock*. Se não fosse às repúblicas eu não aguentaria morar aqui nunca”.

Estranhei o fato de não terem sido mencionadas outras festas na cidade ou as idas as cachoeiras, que, segundo conversas informais, são frequentes durante o verão. Para Natali, por exemplo, é péssimo morar em Ouro Preto, porque, “pra quem não gosta de *rock* de república, o jeito é ir pro *rock* mesmo, mesmo sem gostar, ou então, fica de molho em casa”.

Disseram ainda que a vida dos pais é muito parecida e que, no caso, se resume em trabalho e casa, justamente porque não tem nada além disso para fazer na cidade. Como resumiu Vânia:

os pais da gente não vai ficar em boteco porque é feio, né. Daí, às vezes, a única coisa de diferente que eles fazem, é comprar uma cervejinha no SJ [Supermercado São João] e juntar na casa de um amigo. Mas, não é sempre que isso acontece. O normal é ficar em casa mesmo.

Sobre a vizinhança, falaram pouco, entretanto, todos afirmaram que a vizinhança em Ouro Preto é muito chata e que “só tem velho que não aceita a modernidade e que vive implicando” com eles. De acordo, um disse: “uai, a gente é novo, tem que se divertir, tem que fazer festa mesmo. Aqui, se liga o som, pode ser de dia mesmo, essas *veiaradas* ligam pra polícia e a polícia vem”.

Lembrei-me de um episódio que ocorreu, quando eu estacionava o carro, dias antes do grupo focal acontecer, assim que cheguei a Ouro Preto na sexta-feira, às 22 h. Vi a sirene de um carro policial ligada e os militares em frente à casa de um dos participantes do grupo focal.

Aproveitei o momento e perguntei se era por isso que tinha alguns policiais na rua dias antes e ele, prontamente respondeu que sim. Disse ainda que tinha aproveitado que sua mãe tinha viajado e organizou uma festa surpresa em sua casa para uma amiga aniversariante, entretanto, horas depois da festa iniciada, alguém ligou para a polícia reclamando do som. “Tenho certeza que foi Zélia, a vizinha aqui da frente. Qualquer coisa que acontece aqui na rua [a] incomoda”, disse ele, prosseguindo:

ô, o povo daqui tem que entender que a gente é jovem e Ouro Preto não tem nada pra fazer. Se a gente não puder fazer uma festinha de vez em quando dentro da nossa própria casa a gente vai fazer o que? [concluiu].

Relembrando que rege em Ouro Preto, desde 2011, uma lei do silêncio mais rígida que autoriza policiais e agentes da prefeitura a entrar em residências e apreender equipamentos de som, além de aplicar de multas em caso de reincidência ao desrespeito a lei em vigor. Sendo assim, a alternativa que lhes resta é o respeito à lei ou a punição, que, no caso, gira em torno da apreensão de equipamentos de som e na aplicação de multas. “Mãe fica *puta*, mas, não tem jeito. Aqui em casa não dá mais pra fazer mais festa por causa dessa vizinhada chata”, concluiu ele.

Sobre religião, todos afirmaram que rezam mas, em casa. São católicos, mas “detestam” ir à missa. “Todo domingo [é] a mesma coisa, tudo igual. Acho um tédio ficar sentada ali. Parece que o tempo não passa”, disse Cintia, despertando risadas de

todos. Destoando da maioria, Vânia afirmou ser católica e praticante por opção. Inclusive, chegou a ler o alcorão para conhecer melhor o islamismo. No entanto, não gostou da forma com que a escritura fala das mulheres e resolveu continuar sendo católica mesmo.

Eu acho que muita gente, a grande maioria dos católicos, é da religião por causa do costume. Minha mãe até participa do grupo de oração carismático, vai toda segunda feira sem falta. Meu pai diz que é espírita mas, não frequenta nada e, minha irmã fala que é católica, mas eu nunca vejo ela indo a missa. Mas eu não, eu li sobre outras religiões, fui atrás. Eu mesma queria escolher minha religião e acabei decidindo continuar sendo católica mesmo (Vânia).

Apesar desta exceção, o tema religião só empolgou quando algum dos participantes citou o papa Francisco. Ao citar o “novo” papa, a empolgação foi geral. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, para uns “ele é um fofo, veio para mudar o mundo”, e pra outros, com este papa, deu até vontade de voltar a frequentar a igreja. Neste momento perguntei o que eles achavam que tinha mudado com a eleição do novo papa. Maxsuel, o mesmo que tinha feito uma festa surpresa na sua casa, disse que este papa é mais aberto e que aceita mais as pessoas.

Apesar da admiração, a assiduidade com que os jovens participantes do grupo frequentavam a igreja católica, aparentemente, continuou inalterada e a “vontade de voltar”, parece não ter sido o suficiente para levá-los a retornar aos bancos da igreja. “Mas eu rezo em casa. Acredito em Deus e tudo” concluiu Isadora.

Encerrado bate papo sobre religião, perguntei qual era a vantagem de ser morador de Ouro Preto. E rapidamente o assunto foi direcionado a universidade. Para a maioria dos jovens, era um privilégio ter uma universidade federal na cidade e privilégio ainda maior ser aluno dela. Lembrando que este grupo era majoritariamente composto por alunos da mesma instituição e, por isso, conscientes dos benefícios. Como explicitou Carla:

Desde pequena, meu pai falava que o sonho dele era me ver na UFOP. Podia ser pra [cursar] qualquer coisa, mas tinha que ser na UFOP. Custei a passar, minhas amigas daqui tudo entraram e eu não. Daí eu acabei indo pra UNIPAC [Universidade Presidente Antônio Carlos] pra fazer educação física. Era

melhor do que ficar parada, né. Mas era muito caro e graças a Deus no meio do ano consegui passar aqui.

Os outros estudantes disseram que não prestaram vestibular em nenhuma outra universidade porque não teriam condição de se manterem fora da casa dos pais. “Minha nota até dava pra eu passar numa universidade da Bahia, mas eu não tinha dinheiro nem pra passagem” disse Maxsuel, que está cursando o 4º período de engenharia de alimentos.

Para Marcos, por exemplo, Ouro Preto não é nada sem a UFOP. Disse ele: “quando a gente tá de férias, ou a universidade entra em greve, a cidade para. Ouro Preto vira um breu”. Para Natali, a universidade movimenta não só Ouro Preto, mas toda região. “Na minha sala, por exemplo, tem gente de Mariana, Santa Bárbara, Itabirito, Catas Altas e Ouro Branco”, disse ela no final do grupo.

O segundo grupo focal: moradores locais não estudantes

Este segundo grupo foi marcado para discussão de três pontos principais, a saber: trabalho, ausência de lazer e vizinhança. Dito isso, fui a Ouro Preto numa terça-feira para conduzir o grupo focal já agendado anteriormente. Foram convidados 12 moradores nativos com idades que variavam entre 18 e 29 anos de idade, homens e mulheres e não estudantes universitários.

Como o primeiro grupo focal foi em sua grande maioria, composto por moradores locais universitários, pensei que ouvir outros moradores, que não apenas estudantes, poderia contribuir para ampliar o alcance da pesquisa. Sendo assim, como muitos dos jovens convidados eram trabalhadores e, trabalhavam durante todo o dia, acordamos que o melhor horário para nos reunirmos seria às 20 h. Deste modo, nos reunirmos numa terça-feira e, dos 12 convidados, compareceram 05, sendo dois homens e três mulheres.

Destes, 4 trabalhavam. Marcos, que tem 25 anos e o segundo grau incompleto, mora com a mãe e trabalha como motorista de caminhão e vendedor de gás, no mesmo depósito que Karina, outra participante do grupo, que, além de atendente, gerencia o depósito de gás. Ela tem 26 anos e o segundo grau incompleto e, também, sempre morou com os pais.

Outra participante é a Luana, a única do grupo que é casada e não mora mais com os pais. Ela está com 29 anos de idade e estudou até completar o ensino médio.

Luana mora com a filha de 9 anos e com o marido, de 34 anos, que é servidor público da prefeitura de Ouro Preto. Apesar de estar junto com o marido há mais de 10 anos, ela disse que os dois se casaram há poucos meses. Até então, ela morava com sua filha na casa dos seus pais. No momento, Luana disse estar à procura de emprego e que nunca trabalhou de carteira assinada.

Já Arnaldo, outro participante, tem 24 anos completou os estudos até o ensino médio e mora com os pais. Atualmente ele trabalha como jardineiro na UFOP. Disse ter orgulho do trabalho e fez questão de frisar que é fichado e que têm férias, entretanto, o melhor de tudo é que ele trabalha “apenas” de segunda a sexta, “isso quando não tem feriado durante a semana”.

Bruna, que está com 25 anos de idade, trabalha com o namorado num trailer de sanduíche e disse que nem se lembra da última vez que tirou férias. Ela mora com os pais e dois irmãos e disse trabalhar todos os dias e, sem folga, normalmente das 18 h à 1 h. Para ela, o único problema do trabalho é não ter folga porque o horário de trabalho ela adora. “O bom de trabalhar a noite é que eu fico o dia inteira em casa livre. Livre não, né”, corrigiu, acrescentando que, como todos da sua casa trabalham durante o dia, ela acaba tendo que cuidar da casa, além de ter que fazer o almoço.

Apesar de o encontro ter sido marcado para começar às 20 h, ficamos esperando alguns dos convidados chegarem e, por isso, o grupo focal iniciou-se às 21 h e durou em torno de 45 minutos. Iniciei o grupo com a explicação da pesquisa e do que seria o grupo focal. Depois de esclarecido as dúvidas, li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em voz alta e, após acordado, iniciamos com a apresentação dos participantes.

Em seguida, propus que cada um falasse um pouco do dia a dia de cada um na cidade. Apesar de ter convidado, também, estudantes que não fossem universitários e alguns não trabalhadores, eles não compareceram e, o grupo se formou com participantes exclusivamente de trabalhadores e, não (mais) estudantes. Como todos os participantes cresceram e sempre moraram em Ouro Preto, comecei perguntando o que tinha de bom para fazer na cidade. Karina foi a primeira a responder. Disse ela:

Eu acho que é bem rotineira a vida aqui. Não tem tanta opção pra fazer, assim, falo de coisas relacionadas a lazer, não [tem]. Mas eu gosto muito de morar aqui também. Eu que assim, igual, pra este povo jovem, de escola, este povo adolescente sabe,

realmente não tem nada pra fazer, mas pra gente da nossa idade, assim, não tem nada também não, mas a gente também tá a procura de outras coisas. Então, cê tá mais tranquila, já não quer mais tanta farra, não quer mais tanta festa. Então, tá bom, né.

Já Arnaldo disse concordar em partes. Para ele, os dias de semana na cidade “só serve pra trabalhar” e, fim de semana, se quiser fazer alguma coisa, tem que sair da cidade e ir procurar alguma coisa em cidades vizinhas. “Fim de semana aqui não dá nada não”, concluiu. Em sintonia, prosseguiu Marcos:

realmente é igual ele tá falando, aqui é muito difícil. Antes até que tinha alguma coisa aqui pra fazer. Tinha festa na praça, tinha festa na rua, [mas] agora acabou. É muita violência, é muita droga. Cê sai e não sabe se vai voltar.

Como Karina tinha dito no início que a vida em Ouro Preto é muito rotineira, aproveitei e pedi para que cada um falasse um pouco de como era a sua rotina. De forma mais precisa, o que cada um fazia durante a semana a começar pela segunda-feira. Marcos foi o primeiro a responder, disse ele:

Eu acordo no máximo às 6 h e vou pro trabalho e não tenho hora pra largar não. Assim que eu largo [o trabalho], vou direto pra casa, chego, janto e durmo. Todo dia é isso, é a mesma coisa. Já sábado, eu trabalho também, só que de meio dia às 13 h. Tipo, o horário normal é esse, porque às vezes eu trabalho até as 15 h, as 14 h. Aí eu chego em casa e vou lavar meu carro. Se precisar eu saio com minha mãe, isso quando ela precisa de alguma coisa, senão, fico em casa de boa mesmo. Dia de domingo eu até que vou pra casa da minha avó. Almoço todo domingo lá, ou, vou pra casa do meu pai, porque meus pais são separados. Só isso mesmo, faço mais nada não.

De forma bem similar, todos os outros narraram como era o cotidiano e, pelo menos durante a semana, o que fica exposto é que os dias se resumem ao compromisso com o trabalho. Nos fins de semana, às vezes, alguns deles se reúnem na casa de algum

amigo, de algum familiar ou, com menor frequência, num bar para bater papo, porém, o mais comum é permanecer em casa. Luana, por exemplo, disse:

sábado e domingo eu fico em casa mesmo. Como não tem nada pra fazer eu fico no *Whatsapp* mesmo. Meu marido e minha filha ficam assistindo filme. Nada demais não.

O que falou um pouco diferente foi o Agnaldo que, nos finais de semana, “às vezes”, junta com seu irmão para procurar alguma coisa para fazer em cidades vizinhas a Ouro Preto. Disse ele: “tipo, vamos pra Itabirito, Ouro Branco, às vezes, BH. Pra estes cantos aí. Aqui não tem nada pra fazer não”. Concordou Karina, completando:

Durante o fim de semana não tem muito que fazer aqui mesmo não. Se você vai pra Barra, por exemplo, aí vai pro [bar] Barroco. É boteco, aqui cê não tem outra opção. Igual semana passada, durante a semana teve um *stand up* [no cinema]. Tava lotado, mas foi dia de semana e não é sempre que tem coisa diferente aqui pra fazer não. Cê não tem muita opção de fazer aqui não. A gente, quando sai com amigos pra conversar a gente vai ou pro boteco, ou leva pra casa e é só isso. Além de bar não tem nada. Da minha parte eu prefiro ficar em casa mesmo, ficar tranquilo. É igual Arnaldo falou, aqui se você quiser sair da rotina cê tem que sair pra fora, cê tem que sair daqui. Aqui é todo mundo no mesmo barco, ou é bar ou é casa. Por mim, eu prefiro ficar em casa.

Todos se declararam católicos não praticantes. Para Karina, por exemplo, apesar de morar ao lado da igreja matriz do bairro Antônio Dias,

[ir a] missa não dá, é a mesma coisa todo domingo, não tem nenhum atrativo. O padre não motiva o povo que tá lá. Eu não vou por causa disso. Igual, eu trabalho todos os dias de 7 h às 19 h e nos sábados até 13 h. Domingo acaba que cê quer ficar em casa, cê num tem muito ânimo pra fazer muita coisa.

Eles afirmaram ainda, não terem frequentado outra religião que não a católica. Arnaldo, por exemplo, disse que gosta de ser católico e que, por isso, nunca nem se interessou em conhecer outra igreja.

Em seguida, perguntei sobre a rotina dos pais. Queria saber se o cotidiano dos pais era muito destoante do cotidiano dos filhos. Contudo, todos acederam ao que disse Bruna:

A rotina dos meus pais não é muito diferente da minha não. Eles trabalham todos os dias e quando não tá no trabalho, tá em casa. Minha mãe, meu pai e meus irmãos trabalham durante o dia e eu, como trabalho no trailer à noite, acabo vendo eles só aos domingos. No domingo a gente aproveita pra se reunir, a gente fica todo mundo em casa mesmo. O povo aqui é bem caseiro.

Como não citaram nada sobre os moradores flutuantes, perguntei sobre a economia local, no intuito de incitar o assunto. Para muitos dos estudantes da UFOP entrevistados no pré-campo, Ouro Preto não vive sem a universidade. Para alguns deles, a economia local gira em torno do dinheiro trazido pelos jovens universitários. Acreditei que, talvez, alguns dos moradores locais compartilhassem essa ideia. Entretanto, todos responderam juntos que a cidade vive é de turismo. Marcos ainda acrescentou que é também da mineração. Disse ele:

Muita gente aqui, apesar do desemprego, trabalha na mineração de Mariana né, na Samarco, ou ainda no comércio, igual aqui. Eu não trabalho no depósito de gás, ela [Karina] também não, a outra ali trabalha no sanduíche. Aqui ninguém trabalha com turismo não. Não é só turismo a cidade e nem só minério não, [mas] a gente aqui, vive é de comércio mesmo, do comércio da cidade [concluiu sem sequer citar a UFOP].

Em seguida, perguntei sobre a relação com os vizinhos e Karina foi a primeira a responder que “eles” moram há “bastante” tempo no mesmo lugar e que isso acaba ajudando na convivência. Marcos, concordando, citou o exemplo do seu vizinho e dono de um bar, logo ao lado da sua casa. Disse ele:

Tem dia que eu saio pra trabalhar e o cara tá fechando o boteco. Só que não tem como estressar com o cara porque, é um cara que passa perto de você aqui e cumprimenta. Igual, trata a minha família todo mundo superbem, então, como que você vai encrespar? O negócio é você não focar no som alto e nas *falazadas* deles lá e quando você menos assustar, cê tá dormindo na boa.

De forma similar, Karina falou em seguida:

É igual eu te falei, como a gente sempre morou no mesmo lugar, a gente acaba se acostumando. Eu, por exemplo, como eu moro no Antônio Dias [bairro com grande presença de repúblicas estudantis], moro ao lado de duas repúblicas. São repúblicas femininas e as estudantes são muito sociáveis. Assim, quando elas vão fazer festa elas avisam que vai ter festa e tal. Ainda que o som fica ligado na maior altura e até tarde, as pessoas não se incomodam tanto não, porque, não é assim todo dia, não é todo final de semana. E elas sempre chegam e falam: “ó, vai ter festa, nós vamos ficar até mais tarde um pouco e tal”. Como elas já te comprou com o carisma, né, e olha que são quase vinte mulher morando juntas. Uma [república] deve ter isso e a outra deve ter até mais [mulheres] se bobear. Então, a gente nem acha tão ruim assim não. Eu acho que é assim, você acaba aprendendo a conviver. Não é frequente, se fosse todo dia eu acho que a gente ia se incomodar, mas não é todo dia.

Como Karina citou as festas nas repúblicas, aproveitei para perguntar se alguns deles já tinham participado de alguma. Rapidamente todos disseram que não. Karina, por exemplo, disse

igual, a gente não estuda. E essas festas são tudo igual, as pessoas são todas iguais, a conversa é sempre a mesma e me cansa um pouco isso. Eu, particularmente não gosto.

Prosseguiu Arnaldo, em anuência:

é o que ela falou, o papo é sempre o mesmo. Eles são fúteis. Eu não to estudando e isso já é motivo pra eles me excluïrem do grupo. Então cê é burro? Não uai, cê só não tá estudando agora.

Em seguida Luana quis comentar. Disse ela:

Aí eles já vem te perguntar: “que curso cê faz? Ah, cê estuda o que? Que república cê mora?” Aí é aquilo, cê num faz nada, cê num estuda nada e ainda por cima é nativo, daí eles pensam: “o quê que cê tá fazendo aqui?” Juliano é assim. A primeira pergunta que elas fazem é se você é nativa. Eu sempre falo que sim e o assunto se encerra. Da parte deles, não tem mais conversa.

Apesar de aparentemente ter havido certa desconforto com os moradores flutuantes, inclusive, acompanhado pelo sentimento de não fazer parte do universo estudantil, tal qual, narrou Luana, aprovada pelos outros participantes do grupo, Bruna quis encerrar falando que, “apesar de tudo”, o movimento do trailer em que ela trabalha diminui pela metade quando os estudantes estão de férias ou quando a universidade entra em greve. Terminei acreditando que, se eu não tivesse perguntado nada sobre a UFOP, ou sobre os estudantes, eles nada fariam.

Terceiro grupo: moradores flutuantes

*Peguei meu jaleco e fui para Ouro Preto estudar.
A pinga era tão boa,
Que não dei conta de voltar,
Mas que lugar é esse que vim parar?
É a gloriosa Cruz Vermelha
Que tomei como lar
Aqui agente bebe
Aqui agente morre
Mas não deixa de Kamofar
Alkindar é pai
E a Cachaça vai
(Hino/Reza da República Cruz Vermelha²⁸)*

²⁸ Segundo um ex-morador da República Castelo dos Nobres, “a reza de cachaça, consiste em declamar versos, normalmente rimados, raras vezes improvisados, de conotação cômica e lúdica, baseados em referências temático-religiosas e que evidenciam aspectos como o enaltecimento da bebida, da sexualidade, ou mesmo da república, etc”. Cada república possui

Para realizar o terceiro e último grupo focal voltei a Ouro Preto numa terça-feira de novembro para conversar com os moradores flutuantes, especificamente 6 moradores da República Cruz Vermelha, considerada a república particular mais antiga de Ouro Preto ainda em funcionamento. Está localizada há 15 anos na mesma casa de 4 quartos, próxima ao “ponto de carona” para universidade, no bairro Barra.

O encontro foi intermediado por um dos moradores conhecido anteriormente durante a pesquisa. Por se tratar de moradores de diferentes períodos e cursos e, conseqüentemente, rotinas distintas, a escolha do horário feita pelos moradores foi às 23h na própria república. Cheguei às 22 h e 50 m e fui recebido, por três dos moradores, na sala principal da casa.

A sala que tinha aproximadamente 15 m², estava mobiliada com dois sofás (um de dois lugares e outro de três), uma mesinha com um videogame, aparelho de TV por assinatura e aparelho de internet e, de um lado da parede, uma caixa de som profissional pendurada, noutra, uma TV de 32” e, por fim, na parede principal, os quadros com as fotos dos ex-alunos.

Figura 6: Fachada da casa que abriga há 15 anos a República Cruz vermelha



Fonte: <https://www.facebook.com/republica.vermelha>

sua reza que, de modo geral, é rezada e cantada durante momentos festivos e funciona como uma saudação à bebida, uma espécie de loa, ou seja, uma conversa mole de cachaceiro.

A República foi criada em 1971 e abriga atualmente 7 estudantes em cursos de graduação variados da UFOP e 1 ex-aluno que retornou para cursar pós-graduação. Para um dos seus moradores, a casa está localizada ao lado da Lapa ouro pretana, uma alusão a um dos principais bairros boêmios do Rio de Janeiro, por estar próxima a dois botecos, sendo um deles, famosos pela cachaça e pela coxinha.

Participaram do grupo focal 6 estudantes (1 dos moradores tinha arrumado emprego numa lanchonete há pouco tempo e estava trabalhando a noite, ele chegou no final do grupo à 1 h e 30 m querendo participar da conversa). Eram todos homens, com idades que variavam entre 21 e 24 anos e nascidos no Estado de Minas Gerais. Alguns são moradores mais antigos, como é o caso do decano chamado de Felipi. Ele mora na casa desde que chegou a Ouro Preto, há quase 4 anos e, outros, ao contrário, são moradores recentes e, por isso, batalham vaga na condição de *bixos*.

Antes do grupo focal iniciar (esperamos um dos moradores chegar da aula por cerca de 30 minutos), ficamos conversando, na sala, sobre assuntos diversos como, por exemplo, jogos de videogame. Segundo os moradores, a disputa de futebol no videogame, costuma ser acirrada na casa. Batíamos papo, já em torno de 23 h e 30 m, quando o estudante que esperávamos chegou. Nisso, um dos três que já estavam na sala, levantou-se e foi chamar os outros dois moradores que estavam dormindo. Embora tenham sido acordados, foram extremamente cordiais e já entraram na sala sorrindo e cumprimentando a todos.

Já com todos os moradores disponíveis, distribuí duas folhas a cada um, sendo uma, o TCLE e a outra, uma ficha, a ser preenchida, com os dados gerais, tais como: nome, idade, graduação em curso, cidade natal, dentre outros. Frisando que, ao ser aceito na república, seja ela federal ou particular, o estudante de Ouro Preto passa a adotar outro nome que não o de batismo (uma espécie de apelido), que irá acompanhá-lo em toda a sua estadia na cidade.

Depois de lido e assinado o TCLE, pedi um copo com água e um dos moradores foi a cozinha e voltou trazendo o copo com a água e uma garrafa de café. Parece que o café ajudou a despertar, afinal, já eram 23 h e 40 m. Iniciei apresentando a pesquisa e, em seguida, pedi para que cada um se apresentasse dizendo o nome (todos disseram o

adotado a partir da *escolha*), a cidade natal, a idade e o curso, conforme descrito abaixo²⁹.

Figura 7: Placa da homenagem realizada pelos moradores e ex-moradores da República Cruz Vermelha em comemoração ao 40º aniversário da casa, comemorado em 2011. [Refletido no fundo da placa, a parede dos ex-alunos].



Fonte: foto tirada no dia no grupo focal em realizado em Nov.2015

Rafael nasceu em Barbacena, tem 24 anos e está cursando o 7º período do curso ciências biológicas. Antes de se mudar para Ouro Preto, ele cursava em sua cidade, também, o curso de ciências biológicas, porém, no CEFET. Disse que sempre teve a intenção de se mudar para longe dos pais, segundo ele, “para ser mais independente e amadurecer”.

Ele disse ainda que, como ouvia sempre falar sobre as festas nas repúblicas em Ouro Preto, começou a planejar a sua mudança para UFOP e que, em 2012, enfim, conseguiu ver “seu sonho se realizar” após a aprovação via Sistema de Seleção Unificada-SISU. Morou por dois anos e meio em uma república federal até que decidiu procurar outra casa para morar por causa do desgaste na relação entre ele e os

²⁹ A *escolha* é o nome dado no momento da admissão do estudante como morador oficial da república via unanimidade, ou seja, para ser admitido, o estudante precisa ser aprovado por todos os atuais moradores da casa. Antes da escolha, o *bixo* passa por um período de teste e adaptação às regras da casa. Já *bixo* pode intitular tanto o calouro da universidade, quanto o novo morador de república.

moradores da antiga casa. Na verdade, ele disse que teve um “baque ao conhecer a cidade de verdade”. Tinha idealizado outra coisa:

Vim pra cá pensando que aqui era só festa e zoeira mesmo. Pensei totalmente diferente [do que é]. Vi que aqui tem regra pra tudo. Igual, se você quiser ir em *rock* hoje, você vai. Tem *rock* todo dia. Cada dia numa república, basta você querer. Mas se não tiver cuidado você se perde. Um monte de neguinho se perde. Um monte de amigo meu acabou se perdendo.

Outro morador da casa é o Alex. Nascido em Conselheiro Lafaiete, ele tem 23 anos e está no 5º período de educação física. Morou por um ano e meio em outra república antes de escolher a Cruz Vermelha. Inclusive, mudou-se para Ouro Preto no intuito de morar na mesma república em que seu irmão mais velho morou, entretanto, não aguentou o “exagerado” número de festas. Disse ele:

O próprio nome já diz, república de estudantes, [repetiu pausadamente] estudante. É uma casa de estudar. Não é só pra fazer festa. Tem gente aqui que vive de *sociais*. Conhece todo mundo das outras repúblicas, é popular, vai em tudo quanto é *rock*. Vive pros outros, mas, na sua casa mesmo, na república em que mora, não conhece ninguém. Isso pra mim, não dá.

E continuou ao justificar a sua mudança de casa:

Aqui eu já conhecia os cara, povo gente boa sabe. Todo mundo se conhece, bate papo. Se você estiver com algum problema você tem alguém pra desabafar. Às vezes, nem resolve, mas, só de ser ouvido ajuda. Aqui a gente é uma família mesmo.

Já Gabriel, é o único da casa vindo de uma capital. Ele é de Belo Horizonte e tem 22 anos. Está no 7º período de licenciatura em biologia e, ainda, trabalha como recepcionista. Embora nascido e crescido na capital, adora a vida em Ouro Preto e, segundo ele, não pretende voltar a morar em Belo Horizonte nunca mais.

Atualmente ele é o estudante mais antigo da casa, por isso é o decano. Como tal tem inúmeras responsabilidades dentro da república, tais como: zelar pelo bom

funcionamento da casa, convocar e presidir as assembleias de moradores, propor instruções complementares ao regimento da casa em relação ao funcionamento e à manutenção da república, analisar os casos de indisciplinas e, dentre várias outras, aplicar as devidas punições aos indisciplinados.

Sobre as punições, ele disse haver as mais brandas e as mais pesadas. Sobre as primeiras, citou como exemplo uma lâmpada da casa que por ventura queimada é esquecida de ser trocada pelo *bixo*. A penalidade pelo deslize é tirar a lâmpada do quarto do esquecido por uma semana e deixá-lo sem luz. Em relação às indisciplinas mais graves, as punições aplicadas poder ser o *varal*, o *vento* ou, em último caso, após de decidido por unanimidade em assembleia, a expulsão do morador da casa, este último, até então, nunca ocorrido³⁰.

Ainda segundo o Gabriel, alguns decanos não permitem nem sequer, que os *bixos* lhes dirijam a palavra, entretanto, disse ser menos conservador e menos rígido. Afinal, disse ele: “se a gente não se adaptar, a república acaba”.

Apesar da importância do posto de decano, a autoridade na casa é fragmentada e subdividida em cada um dos moradores, o marcador é basicamente o tempo de estadia de cada um na casa. Conforme dito pelo decano: “eu, por exemplo, tudo o que eu faço aqui, eu tenho que prestar contas com os caras ali”, disse apontado para a parede dos ex-alunos. “Sempre tem um acima de você”, concluiu.

Bruno é nascido em Silveirânia e tem 21 anos. Ele está cursando o 5º período de educação física e disse que também faz alguns “bicos” como cantor. Desde que se mudou para Ouro Preto, ele mora na Cruz Vermelha. Disse ter sido abordado por várias repúblicas ainda na fila da matrícula na UFOP. E foi através de uma dessas abordagens que ele se interessou pela Cruz Vermelha. No mesmo dia da matrícula foi conhecer acompanhado de seus pais a casa e por lá ficou.

Antes de se mudar para Ouro Preto, Bruno tocava na igreja. Ele disse ser católico, apesar de não frequentar a missa em Ouro Preto. Para ele, o que atrai a juventude para igreja é a música e quando a igreja quer ser muito moderna e tocar muita

³⁰ Diversas funções domésticas da república são realizadas pelos *bixos* e fazem parte da adaptação do estudante às regras da casa. *Varal* é uma espécie de trote em que os moradores pegam todas as roupas dos *bixos* e as amarram uma a uma, como um tipo de corda, que é pendurada (normalmente entre uma casa e outra) como um varal de roupas. *Vento* é a punição em que, os moradores da casa reviram o quarto de um colega, deixando móveis virados e/ou desmontados e objetos pessoais espalhados pela casa.

música desconhecida, o povo para de participar porque não conhece as músicas. “E eu não conheço as músicas que tocam aqui em Ouro Preto, são todas diferentes da minha cidade” disse se justificando por sua ausência aos rituais católicos que ocorrem na cidade. Atualmente ele toca em alguns barzinhos ou, quando é chamado, em algum *rock* de república.

Outro morador da república é o Vinícius. Ele tem 21 anos e iniciou seus estudos de engenharia sanitária e ambiental em Juiz de Fora, mesma cidade em que nasceu. Após algum tempo, resolveu mudar de curso e se mudou para cursar engenharia civil na UFMG em Belo Horizonte. Por lá, ele dividia um apartamento próximo à universidade com outras três pessoas, até resolver mais uma vez a mudar de curso. Desta vez, foi cursar engenharia de produção em Ouro Preto.

Ele está a oito meses morando cidade e como conseguiu reaproveitar algumas disciplinas já cursadas, está no 5º período. Fez questão de frisar que, com a última nota do ENEM, ele conseguiu ser aprovado no melhor curso de engenharia de produção do Brasil, contudo, preferiu permanecer em Ouro Preto.

Igual, eu morei por quase dois anos em BH. Dividi apartamento com três pessoas perto da federal. O apartamento era até organizado sabe era limpo e tal. Convivia bem com os caras lá mas, eles não viraram meus amigos. Tipo, eu tô morando aqui há oito meses e até hoje não recebi nenhuma ligação deles e eu também não senti vontade de ligar. Agora aqui não, aqui é diferente. Eu não ligo isso aqui por qualquer coisa não. Nós somos uma família. Aqui todo mundo chega, bate papo. Você pode passar aqui em casa o horário que você quiser que vai ter um de nós aqui pra te receber bem (Vinícius).

Leonardo tem 22 anos e veio de Virginópolis para cursar farmácia na UFOP. Mudou se para Ouro Preto há um ano e meio e está no 3º período. Chegou à Cruz Vermelha há poucos dias e, por isso, é chamado apenas de *bixo*. Morou em outra república, uma federal, mas, não se adaptou. Disse ele:

Era muito rock, não tinha muita regra sabe. Aqui em Ouro Preto, se a gente não tiver muita disciplina a gente se perde. Ouro Preto é muito carregado. Tem dia, na verdade uma semana inteira que o tempo fica todo neblinado. Você não consegue enxergar ninguém na sua frente. Cê se sente meio que

solitário sabe. Pode até ser coisa da minha cabeça, mas muita gente sente isso aqui. Meu amigo, por exemplo, veio de Brasília e direto ele me procurava pra desabafar. Falava tipo: “nó, a UFOP tá de boa já, tô de boa de república já, tô de boa de Ouro Preto já”.

Perguntei o que era estar de boa e ele respondeu que estar de boa era estar de “saco cheio”. Dito isso, prosseguiu:

ele só ficava bem nos *rock*. Nos *rock* ele se transformava, ali, sim, parecia que ele tava em casa. Mas como aqui a gente não pode viver só de *rock*, ele acabou não aguentando e foi embora. Foi tentar UNB mesmo. Muita gente aqui vai embora. Muita gente num aguenta isso daqui.

Após a primeira apresentação pedi para que cada um falasse um pouco sobre a convivência na casa. E o discurso geral foi que a relação entre os moradores da casa era a melhor possível. Após intitular de uma segunda família a relação cultivada entre os moradores da casa, Bruno prosseguiu: “é o que eu sempre falo, a gente aqui da casa vice como irmão. Claro que as vezes tem umas briguinhas, mas que família não briga?” Rafael continuou: “claro que aqui também tem regra. Tipo cê pode ver que a casa tá limpa. Aqui a gente preza pela limpeza”. Neste momento, perguntei se tinha algum tipo de organização em relação às tarefas da casa e foi o decano quem respondeu.

A gente aqui não tem mais comadre, então, as tarefas da casa precisam ser divididas. Igual à casa, a casa tem que ser arrumada todos os dias. Claro que não é uma faxina, mas, pelo menos, o chão tem que ser varrido. Não tem jeito, o *bixo* quando entra aqui já aprende que nesta casa a gente zela pela limpeza. Tem as funções e elas são divididas e trocadas direto, normalmente toda a semana. Igual agora. O Bruno é o responsável pelas contas da casa. Aqui não tem cargo fixo. As funções são trocadas direto³¹.

Como foi falado sobre contas, perguntei sobre as finanças da casa. E mais uma vez, o decano foi o primeiro a falar. A impressão que eu tive foi a de que estava diante

³¹ Comadre é a diarista ou mensalista contratada pelos moradores da república para a limpeza da casa.

de uma espécie de pai da república. Aliás, todos os outros moradores, ou esperavam primeiro o Gabriel falar para em seguida participar ou, caso contrário, olhavam para ele, meio que pedindo sua aprovação para falar. De qualquer forma, a interação era extremamente amistosa e a troca de olhares, aparentemente era a de docilidade.

Sobre as finanças, o morador mais antigo da casa disse ser “de boa”. As contas fixas da república como o aluguel, a energia elétrica, a internet e a TV por assinatura são divididas pelo número de moradores, por isso, a importância de tentar manter um número razoável de moradores na casa para que o valor a ser pago por cada um não seja muito alto. Mesmo sendo tudo dividido, disse Bruno:

ainda [assim] a gente passa aperto por causa de grana. Igual o cara que tá trabalhando agora. Graças a Deus ele conseguiu arrumar um trampo. É de garçom sabe. É só pra quebrar o galho mesmo, até mesmo porque, ele quase teve que voltar pra sua cidade por causa de grana. Se ele não arrumasse este serviço ele ia ter que voltar. Daqui a pouco ele chega aí. Ele rala até 1 h.

Eles disseram ainda, sobre a sorte de manterem na casa a caixinha de ex-aluno. Uma espécie de contribuição mensal espontânea, normalmente de R\$ 30,00, feita por alguns dos ex-moradores. A contribuição não é obrigatória e participa o ex-aluno que quiser. “Mas tem que prestar contas”, lembrou o decano prosseguindo: “Graças a estes cara aí, temos uma máquina de lavar [roupas] novinha. Graças a ajuda destes aí”, disse ele com orgulho apontando para a parede do ex-aluno.

Após conversado sobre o funcionamento da república, pedi para que falassem um pouco sobre a rotina na cidade. Gabriel foi o primeiro a falar.

Eu adoro esta cidade cara. Não sei como você aguentou largar isso daqui pra morar em BH. Por mim eu vivo o resto da minha vida aqui. Aqui ou em outra cidadezinha do interior. Eu gosto de cidadezinha, sem trânsito, sem shopping [despertando risadas de todos].

Aproveitei para perguntar sobre o lazer, queria saber o que costumavam fazer aos fins de semana. Rafael disse que todo sábado tem algum *rock* ou *sociais* para ir. “A Cruz Vermelha tem alguns *rock* também, mas não é sempre”, disse Bruno prosseguindo: “Igual, carnaval aqui, a gente não faz, mas a gente faz a ceia, inclusive agora dia 5 vai ter. Só nós aqui da casa e os nossos familiares que também vem”, concluiu.

Perguntei se os vizinhos costumam participar das festas da casa. Lembrei-me de uma entrevista feita com um ex-morador da casa, recém-formado. Ele tinha dito que nunca tiveram problemas com os vizinhos e que, inclusive, convidava-os para *rock* da casa quando eles aconteciam. Desta vez, Alex foi o primeiro a responder, disse que “a vizinhança é de boa”. Em seguida, disse Gabriel:

A vizinha aqui da frente, por exemplo, chama a gente de “meu amor”. Convivência melhor impossível. Às vezes, ela puxa nossa orelha, mas com razão. Sempre por causa de algum abusinho nosso. Tipo, por causa de som alto. Mas a gente sempre tenta manear, de vez em quando que não tem jeito, a gente empolga e acaba aumentando demais o som. Pro cê vê, ali na frente mora um padre, ele já é velhinho já, acho que já até se aposentou. A sobrinha dele veio aqui outro dia pra pedir pra fazer uma ligação. Ligou, agradeceu e tal. Não temos nada a reclamar.

Alex lembrou que a “boa convivência” dita pelo decano é uma exceção em Ouro Preto.

Até que parece, que as repúblicas em Ouro Preto estão evoluindo sabe. Na verdade, tudo tem que evoluir. Esse lance de multa também. Acho que a galera tá melhorando um pouco.

Referia-se às punições consequentes ao desrespeito a lei do silêncio mais rígida.

Perguntei se tinha outra coisa na cidade para fazer além dos *rock* de república. Foi aí que Gabriel, finalizando, disse que Ouro Preto foi feito para turistas. Tudo aqui é muito caro:

A passagem de ônibus aqui é R\$ 2,50 pra você andar cinco minutinhos de ônibus. Tem até muitos restaurantes, mas vai ver o preço. Somos estudantes, não dá pra ficar frequentando restaurante aqui. Daí, o quê que sobra? Cinema? O cinema daqui tem uma puta estrutura, mas cê você for lá hoje, deve estar passando *O Auto da Compadecida*. O que dá pra gente fazer é ir pra umas cachoeiras por aqui perto porque é de graça. Às vezes a gente até vai, mas não é sempre. O normal mesmo é tomar uma [cerveja] com os amigos na sexta feira, aqui perto, no Barroco mesmo ou no Glacial.

Considerações Finais

É frequente as *crenças coletivas* serem impermeáveis a qualquer dado que as contradiga ou a argumentos que revelem sua falsidade, pelo simples fato de serem *compartilhadas por muitas pessoas* com quem se mantém um contato estreito (Elias, 2000, p. 127, grifos meus).

Como já dito em outro momento, por longo tempo, acreditei piamente que encontraria em Ouro Preto, a exemplo da cidade fictícia de Winston Paiva, uma relação de estabelecidos e *outsiders*³². Afinal, cresci ouvindo hi[e]stórias que fomentavam a ideia de uma cidade quase que dividida, entre moradores originais e moradores falseadores. Sugiro que para muitos dos moradores locais da antiga Vila Rica, não importava, ou talvez, ainda não importe, quem são aqueles novos, [nem tão novos] moradores, afinal, estudante é estudante, pouco importa a classe, a cor, o gênero e, a proveniência, eles não são de Ouro Preto, eles são todos de fora.

Assim, ao iniciar a pesquisa tinha o intuito de observar, com um pouco mais de clareza, de que modo, esta suposta relação [imaginada conflituosa] entre os moradores locais e os moradores flutuantes, era produzida e, condicionava empiricamente a vida dessas pessoas. Embora já tivesse estudado em outro momento, o processo de instituição das primeiras moradias estudantis na cidade e, a conseqüente chegada de novos moradores [há mais de um século], foi somente no decorrer desta pesquisa que

³²

Sobre o estudo sobre a cidade fictícia de Winston Paiva, consultar Elias, 2000.

me atentei para o equívoco de pensar os estudantes universitários em Ouro Preto como sendo um novo agrupamento na cidade. Ademais, apesar de ter se intensificado o número de estudantes na cidade a partir de 2007, a convivência entre moradores locais e os estudantes já se arrastam há décadas. Basta lembrar que, a primeira instituição de ensino superior em Ouro Preto foi criada em 1839, sendo a primeira do Brasil dedicada exclusivamente ao ensino de farmácia, atraindo, também por isso, repito, há mais de um século, estudantes de diversas regiões do país³³.

Com o esvaziamento da cidade, ainda no século XIX, devido principalmente à mudança da capital mineira para Belo Horizonte, os imóveis, sobretudo, os localizados na área central da antiga Vila Rica, como já falado no início deste trabalho, foram sendo gradualmente ocupados pelos estudantes (na época, novos moradores), possibilitando por um lado, o desenvolvimento de um modelo de moradia estudantil bem peculiar e, por outro, uma outra configuração no distrito sede de Ouro Preto, que antes, ocupado por autoridades, servidores públicos e comerciantes, foi aos poucos, sendo transformada³⁴.

Talvez, a partir daquele momento, a fratura causada pela queda no prestígio social da cidade, articulou uma junção entre os moradores [nativos] empobrecidos e desprestigiados que restaram [por vários motivos] na cidade (esvaziada) e, os estudantes das Escolas de Minas e de Farmácia, formando assim uma outra comunidade local em Ouro Preto.

Por tudo isso, minha primeira sugestão é a de que não existe em Ouro Preto uma relação de estabelecidos e *outsiders*, pelo menos, não aos moldes eliasianos. Ademais, os estudantes da UFOP que são provenientes de outras regiões, já há bastante tempo, fazem parte da rede de relações sociais estabelecida na cidade. Esses dormem, comem, estudam, pagam impostos e trabalham por lá. Outros tantos estão nos carnavais e participam dos rituais católicos da semana santa. Eles participam tanto de manifestações, como a ocorrida contra a má qualidade dos transportes públicos na Praça

³³ Cito o ano de 2007 por se tratar este, o ano inicial das políticas de ampliação da universidade federais via o REUNI.

³⁴ Configuração é aqui compreendida na concepção elisiana, ou seja, com um "padrão mutável criado pelo conjunto dos [...] indivíduos não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros" (1999, p. 142).

Tiradentes em 2013 (*anexo 7*), quanto das procissões religiosas. Eles estão dos festivais, frequentam os botecos e, se divertem nas cachoeiras de Ouro Preto.

Embora o bairro onde está localizado o campus principal da universidade, seja considerado, por muitos, como tipicamente de estudantes, talvez, pelo grande número de repúblicas existentes por lá também, existem uma infinidade de moradores locais, e ademais, as moradias estudantis estão espalhados por toda cidade, principalmente nos bairros centrais do distrito sede. Logo, não existe em Ouro Preto nenhum lugar criado especificamente para receber e/ou instalar os discentes da UFOP³⁵. Não existe segregação espacial entre moradores locais e moradores flutuantes, eles convivem lado a lado e, talvez por isso, existam algumas rugas como em qualquer outra cidade em que seus moradores sejam impelidos a se instalarem próximos.

Entretanto, ao mesmo tempo, é inegável que o discurso da diferença existe, aliás, a meu ver, até então, não se trata de nenhuma novidade. Como brilhantemente constatou Pierucci (2013), [atualmente] não queremos mais a igualdade. Ou, a queremos menos. Se antes as lutas eram pautadas pelo direito à igualdade, nossas demandas atuais são pelo direito à diferença. Afinal,

motiva-nos muito mais, em nossas demandas, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros (2013, p.7).

Pouco importa se, para termos o “direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros”, o outro [quase sempre considerado como diferente] precise ser explorado, ser sitiado, ser massacrado, ou, em alguns casos limites, exterminado, o que importa é “que não somos como eles”. Afinal, a estrutura de diferenciação do homem ocidental, corresponde com à legitimação da violência contra o diferente e com a vida. Assim, nestes últimos dois anos, ouvi frequentemente as seguintes afirmações com forte tero de convicções:

³⁵ Talvez, uma exceção, seja o alojamento localizado no campus principal da universidade, chamado por muitos discentes como a favela vertical da universidade, devido principalmente, aos pouquíssimos e precários quartos oferecidos pela UFOP. Os quartos são tão pequenos, que alguns dos moradores se utilizam dos corredores para guardar alguns móveis e pertences.

“Nós que sustentamos essa cidade”.

“O povo daqui não estuda porque não quer”.

“eles só sabem fazer festa”.

“os nativos são muito diferentes”,

“eu por acaso sou índia pra ser chamada de nativa?”

“tinha que ter um lugar só pra colocar esse povo”,

“eles que não gostam de trabalhar”.

“esse povo só sabe estudar e, fazer festa”.

Como se vê, nos dois grupos, ora de modo sutil, ora de modo escancarado, o discurso nósXeles, é um dado compartilhado constantemente, inclusive, através de mexericos.

E dos mexericos depreciativos e degradantes, aparentemente inofensivos e, às vezes, contados mascaradamente em forma de desabafo, um grupo inteiro corre o risco de ser estigmatizado, mantendo o moinho de preconceito em pelo funcionamento. “A fofoca pode se tornar, assim, um instrumento de rejeição de extrema eficácia”. Como nos lembra Elias,

o sentimento de que a crença é verdadeira pode tornar-se quase inerradicável e persistir com grande intensidade, mesmo que, num nível mais racional, o indivíduo chegue a conclusão de que ela é falsa e venha rejeitá-la (2000, p. 128).

Sobre isso, ouvi de uma entrevistada uma hi[e]stória que ela disse ter feito questão de também compartilhar numa rede social, no grupo de moradores de Ouro Preto, aliás, ela acreditou que “alguém precisava tomar alguma atitude contra os estudantes”. Disse ela que uma de suas tias quase tinha morrido de susto “n’uns dias atrás”, por que:

em pleno dia de semana, numa terça-feira, quase três horas da madrugada. Tava todo mundo dormindo e, de repente, deu um barulhão na cozinha. Minha tia deu um pulo da cama, morrendo de medo, coitada. Só tinha mulher na casa. Ela mora com três primas

minha. Então, ela foi morrendo de medo ver o que aconteceu e, quando chegou na cozinha, um estudante tinha quebrado a porta e tava tentando abrir a fechadura. Eu acho que ele confundiu a casa, devia tá tentando entrar numa república, sei lá. Quando minha tia acendeu a luz, graças a Deus ele cascou o fora. Tava tontinho, trebado. Eu, particularmente, nem acho que ele tava querendo arrombar ou roubar alguma coisa, sabe. Minha tia falou que ele parecia que tava era drogado. Devia tá chegando de algum *rock*. Estes estudantes vêm pra cá só pra fazer *rock*. Cê vê, minha tia trabalha no [escola estadual] Marília. Ela tem que tá lá às 7h, todo dia. Ela tem que trabalhar, diferente desses vagabundos que vem pra cá só pra farrear. Eles não respeitam ninguém.

Após ouvir a hi[e]stória, fiquei curioso. Primeiro quis saber se tinha alguma república próxima à casa da tia da Luíza para que, o dito estudante, pudesse realmente ter se confundido de porta. Depois, perguntei sobre o reconhecimento de um estudante durante o ato do “arruaceiro”. Afinal, assim que a citada tia acendeu a luz, “graças a Deus”, o jovem que estava “tontinho”, aliás, “trebado” e, inclusive, com aparência de “drogado”, “cascou o fora”. Foi então que, para minha surpresa, Luíza meio que constrangida, disse que não tinha pensado sobre isso. E que “pensado bem”, na rua em que mora sua tia, nem tinha república. Quanto ao estudante, ela disse:

Se é que, pensando bem, aqui em Ouro Preto tá tudo tão mudado, que pode ser que tenha até sido *qualquer outro bandidinho* mesmo, desses viciados que roubam qualquer coisa mesmo pra trocar por droga. Não sei por que, mas minha tia jurava que era coisa de estudante (grifos meus).

No início da pesquisa, quando o meu olhar estava voltado para possíveis conflitos interacionais, bastava perguntar aos moradores locais se tinham algum conhecimento sobre algum tipo de desavença entre os dois grupos de moradores que prontamente uma hi[e]stória era contada. Hi[e]stória raras vezes experienciada ou presenciada, afinal, como alguns faziam questão de frisar, “comigo mesmo nunca aconteceu, mas eu já ouvi falar [sobre] um caso”, normalmente acontecido em uma das mais de 400 repúblicas, envolvendo “abusos” constantes cometidos durante uma festa e, outra. Como disse Luíza no relato acima, “Estes estudantes vem pra cá só pra fazer

rock. [Minha tia] trabalha, diferente desses vagabundos [estudantes] que vem pra cá só pra farrear”.

As reclamações sobre os *rock* dos estudantes eram tão frequentes que comecei a perceber que o incômodo maior [acredito que seja disso que se trata], não era relacionado diretamente aos estudantes mas, sim, as rotineiras festas promovidas por eles. “Se você quiser ir num *rock* de república hoje, tem. Aqui tem *rock* todo dia. Basta você querer”, disse um dos estudantes entrevistados. Como relatado, as festas estudantis em Ouro Preto, acontecem indiscriminadamente, com ou sem motivo aparente, alegrando e perturbando, renovando e pro- vocando, unindo e, ao mesmo tempo, separando.

Se, por um lado, a festa parece ter sido o meio encontrado pelos jovens para preencher o espaço livre, facilitar a interação social e se divertir, por outro, serviu para tirar o sono de alguns dos moradores locais, alimentar a crença depreciativa contra os estudantes e fomentar os mexericos. Aliás, é importante lembrar que festa não é coisa só de estudante, é coisa de muita gente e, também, coisa de muitos grupos de jovens, inclusive de jovens moradores locais. Como é o caso do Marcos que, no primeiro grupo focal, disse que embora saiba que sua vizinha continuará chamando a polícia, ele vai continuar fazendo festa, porque Ouro Preto não tem nada pra fazer.

Uma fala de outro jovem, também, morador local, me chamou atenção. Conversávamos sobre a frequência em que as viaturas policiais eram deslocadas para atender moradores descontentes com o barulho das rotineiras festas. Disse ele:

Antigamente não existia esse lance de vizinho chamar polícia pra acabar com festa não. E sabe por que? [respondeu rapidamente ele mesmo] Porque antigamente, tava todo mundo junto na mesma festa. O povo antes era mais unido. Tava todo mundo misturado na casa um do outro. Hoje não. Fica cada um no seu canto. Daí, cê não pode fazer nada que rapidamente um carro de polícia aparece [concluiu].

A partir desta constatação, desloquei o meu olhar para o grande contingente populacional jovem presente na cidade, principalmente no distrito sede. Sugiro que na evidente ausência de equipamentos públicos de sociabilidade, os jovens foram

impulsionados a criar pra si outras formas de sociação³⁶. Como disse um estudante morador de uma república particular: “Aqui em Ouro Preto, não tem nada fazer, ou se faz *rock* ou se vai pro *rock*”. Em sincronia, um morador local reclamou: “Esse povo daqui, tem que entender que não tem nada pra gente fazer aqui em Ouro Preto. A gente é jovem. Será que a gente não pode fazer um *rock* nem dentro da própria casa?”, concluiu.

Sugiro que os frequentes *rock*, refletem diretamente as configurações e os agrupamentos estabelecidos tanto dentro dos grupos de moradores flutuantes (sejam de moradores de república federal, de moradores de república particular, de pensionistas ou, de moradores locais que, também, são estudantes), quanto no grupo de moradores locais, principalmente dos que são vizinhos de uma das centenas repúblicas de estudantes que espalhadas pela cidade.

Assim, ao realizarem suas festas, os jovens mobilizam os moradores, “para o bem ou para o mal, para além do bem e do mal”, favorecendo o estreitamento ou, o alargamento das relações sociais. Ademais, a festa como forma de sociação, teria seu acento no unir e no relacionar-se, como bem lembrou nos Perez:

A forma lúdica de sociação não tem conteúdo, nem propósitos objetivos, nem resultados exteriores, é uma estrutura sociológica que, em sua relação com a sociação concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade (2002, p.19).

Enfim, embora a cidade de Ouro Preto tenha se tornado, desde o século XIX, um importante polo de formação intelectual e profissional e tenha, também por isso, atraído, há décadas, um expressivo contingente populacional jovem, provenientes de diversas regiões do Brasil, ela não foi e nem está sendo preparada para receber essa juventude. E como “precisamos levar em consideração os marcos sociológicos da ‘experiência

³⁶ Sociação é aqui compreendida tal qual, a concepção de Simmel (1983), ou seja, como uma forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade para satisfazerem seus interesses, sendo forma e conteúdo na experiência concreta, elementos intrínsecos. Como bem lembrou Perez, “a sociação como processo social básico, que denota o dinamismo constitutivo da vida social, não se confunde nem com a socialização nem como associação. Dá conta não de conteúdos, mas de ‘forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfação seus interesses’” (2011, p.24).

geracional’ de nossos jovens” (Perez, 2009), é preciso voltar o olhar a esta juventude que,

nasceu num mundo globalizado, mediático, tecnológico. Vivem em tempos de intensa efervescência, numa sociedade que passa por profundas modificações nas formas e constituição do vínculo e das modalidades de estar-junto [...]. A cultura de consumo pauta no par juventude-beleza um estilo altamente valorizado e almejado (Perez, 2009, p.116).

Ademais, gostaria de pontuar que, iniciei a pesquisa com o intuito de captar os aspectos interacionais [imaginados difíceis, conflituosos e por vez, desrespeitosos] entre moradores locais e moradores flutuantes na cidade de Ouro Preto. Para isso, busquei observar as formas de organização do tempo/espço e a maneira como os jovens [moradores locais e moradores flutuantes] preenchem assim, as suas horas vagas.

Já no início, constatei que eram frequentes os incômodos provocados, em grande parte, por alguns estudantes [moradores das repúblicas] e, também, por alguns jovens moradores locais, consequentes, sobretudo, pelo barulho e pela festa, *à la fois*. Logo, o problema interpretado como sendo tipicamente de estudante [de república], era na verdade, um problema da juventude como um todo, devido, principalmente, ao restrito leque de opções de lazer oferecidos a esta população na cidade. Assim, sugeri que, na ausência de opções de lazer, os jovens de Ouro Preto, encontraram no ato de fazer festa, a única alternativa [pelo menos, para aqueles que participaram desta pesquisa] para escapar da monotonia e do *bad*, para interagirem entre si e estreitarem os laços sociais.

A partir do dito, acredito que a crença coletiva [quase sempre, depreciativa], constatada contra os estudantes, é sustentada por alguns atos praticados por alguns poucos estudantes durante os momentos de efervescência. Através da propagação de mexericos, quer seja por meio do *tête-à-tête*, pelos meios de comunicação local ou pelas redes sociais, a imagem dos moradores flutuantes é frequentemente modelada baseada na “minoría dos piores” estudantes. Afinal, embora sejam propagados alguns atos intencionais e, ou acidentais de alguns estudantes transgressores, pelo menos, durante a

pesquisa, não constatei nenhum morador que tivesse sequer, presenciado algum tipo de interação abusiva ou problemática entre os dois grupos de moradores³⁷.

Talvez, no findar deste trabalho, seja plausível dizer que não se trata mais de conflito, mas de convergência, ou mais ainda, conformidade. Afinal, analisando de perto, percebe-se que, ao contrário do que se imagina, a grande maioria dos moradores locais e dos moradores flutuantes preserva uma amistosa convivência. Logo, a pergunta que me faço neste momento é: como é possível agrupamentos tão distintos conviverem juntos tão bem por tanto tempo? Arrisco-me a dizer que o modelo de moradia estudantil criado na cidade é uma das explicações, uma outra, que acredito que ser elementar, está diretamente relacionada a aspectos estritamente econômicos.

O modo de vida compartilhado adotado nas repúblicas, embora seja considerado extremamente rígido, preconceituoso e abusivo por muitos estudantes, segue um padrão que facilita a coesão social do grupo e, ao mesmo tempo, cria um outro modelo de relação social bem semelhante ao familiar, sustentando assim, laços de dependência afetiva e econômica³⁸. Como escreveu Silva, engenheiro metalurgista formado pela UFOP e, ex-morador de duas das repúblicas na cidade:

na república aprendemos a viver e a trabalhar em equipe e de uma forma fraterna. E isso me parece fundamental, porque ninguém vive sozinho. Além disso, ter espírito de equipe no mundo de hoje é básico. Numa república de estudantes você aprende a respeitar as opiniões das pessoas, a conviver com as diferenças e a argumentar, porque esse é um ambiente realmente democrático. Ali ninguém é superior a ninguém. Então, você tem que procurar defender seus pontos de vista com respeito, para viver em harmonia com pessoas que têm formações, histórias e visões muito diferentes umas das outras (2008, s/p).

³⁷ Sobre a minoria dos piores, consultar Elias (2000) p.175.

³⁸ Destaco que, embora este estudo não tenha focado diretamente no processo de admissão nas repúblicas ou no modo de vida compartilhado pelos estudantes nas moradias estudantis, existem inúmeras e duras críticas de, autoridades judiciais e estudantes, em relação à forma como praticados. Constantemente são publicados, em jornais e em redes sociais, relatos sobre abusos cometidos dentro de algumas moradias estudantis, principalmente durante o processo de *batalha* (admissão do estudante na república). Como disse um estudante em uma publicação no Jornal Estado de Minas em 2012: “Nos primeiros dias, eles (veteranos) dão uma aliviada. Depois começa o quebra-pau” (reportagem na íntegra no anexo 11).

Este modo de vida tradicionalmente compartilhado nas repúblicas se liga a outro fato estreitamente relacionado às instalações físicas das moradias estudantis. Com exceção dos pouquíssimos imóveis públicos [repúblicas federais] disponíveis a moradia estudantil, a grande parte das repúblicas em Ouro Preto [mais de 400 casas] é dependente de imóveis particulares e, pertencentes a alguns dos moradores nativos.

Acredito que este fato em si já gera um estreitamento na relação, por vezes, amistosa, entre estudantes e alguns dos moradores locais, além é claro, de criar uma dependência contratual. Por um lado, estão os inquilinos interessados em alugar e a permanecer por longo tempo nos imóveis, com a garantia de não serem despejados e, por outro, estão os proprietários que percebem nestes contratos, uma boa oportunidade de assegurar seus ganhos financeiros e, conseqüentemente, não verem seus imóveis ociosos ³⁹.

Para além da locação de inúmeros imóveis, os estudantes em Ouro Preto, movimentam diversas esferas da economia local, como o transporte público, os táxis, as academias de ginástica, os cursos de línguas, as farmácias, as distribuidoras de bebidas, os diversos setores alimentícios, principalmente, os ligados a tele entregas (marmitex, sanduíches, pizzas, etc.), dentre outros. Aliás, resgatando a fala de uma moradora local dita durante uma entrevista, “quando a UFOP entra em greve, o comércio em Ouro Preto hiberna”.

Logo, se por um lado, a chegada constante e cada vez maior de novos moradores na cidade evidenciou as reclamações, os incômodos e as rugas por parte principalmente, de alguns moradores locais descontentes com o barulho, por outro, se tornou um importante e eficiente meio de desenvolver a economia local e garantir lucro a alguns dos moradores locais, o que talvez, torne a convivência entre os dois grupos,

³⁹ Muitos destes contratos de locação são tratados diretamente com os proprietários. Numa oportunidade, conversei com um proprietário de uma casa de três andares, localizada na Barra e alugada há mais de 30 anos para repúblicas. Ele que é nativo, embora visite a cidade no mínimo duas vezes ao ano, mora em São Paulo há mais de 20 anos. Ele disse que o imóvel herdado, desde que foi comprado pelo seu pai, foi alugado para estudantes. Como a casa é muito grande, não é facilmente alugado por moradores locais e que os estudantes, são ótimos inquilinos, ficam por muito tempo no imóvel e nunca atrasam o aluguel.

minimamente, tolerada. Tenho ciência que, existem outras explicações possíveis que merecem ser exploradas. Eis uma janela que se abre para futuros pesquisadores.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Ed. Terceiro nome. 2011. 216pp.

ALVES, Flávia. *Turismo e Cultura: as representações sociais do Festival de Inverno na perspectiva dos moradores de Ouro Preto, Minas Gerais*. Monografia. (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG 2013.

ANDRADE, Cibele Yahn. “Ensino Superior: Expansão e Desafios”, in *Com Ciência, Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, número 54, maio de 2004.

ASSOCIAÇÃO DAS REPÚBLICAS FEDERAIS DE OURO PRETO- REFOP. Disponível em <http://refop.blogspot.com.br/>. Acessado em nov. 2014.

ATA DA Audiência Pública. Ouro Preto: Câmara dos Vereadores de Ouro Preto, 22 mar. 2006. Arquivo em áudio.

BARBALHO, Duarte M. Texto sobre a fundação de Arte & Manha: Um caso da construção da UFOP em Ouro Preto, In: MACHADO, Otávio Luiz (org.). *As repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas*. Recife: Proenge, 2007a (versão eletrônica). 141-143.

BARRAL, Gilberto Luís Lima. Considerações históricas e sociológicas sobre lazer e múltiplas identidades jovens na modernidade. 2004 (mimeo)

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. *Questões de sociologia*. 1983.

_____. The Social Space and the Genesis of Groups. *Social Science Information*, London, vol.24, no.2, p.195-220, 1985.

BRASIL. Decreto- Lei nº 25/1937, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 30 nov. 1937. 191

_____. Lei nº 10.257/2001, de 10 de julho de 2001. Estatuto da Cidade. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF, 10 jul. 2001.

_____. Lei nº 7.347/1985, de 24 de julho de 1985. Disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados ao meio ambiente, ao consumidor, a bens e

direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico (VETADO), e dá outras providências. Brasília, DF, 24 jul. 1985.

_____. Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996, v. 134, n. 248, Seção 1, p. 27834-27841.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes gerais do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: REUNI. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf> . Acesso em: abril. 2014.

_____. Ministério da Educação. Universidade Federal de Ouro Preto. Pró- Reitoria de Administração. Coordenadoria de Assuntos Comunitários. Instrumento de Cessão Onerosa de Imóvel Público. Ouro Preto, [200-]a.

_____. Ministério das Cidades. Perfil Municipal: Ouro Preto (MG). [200]c. Disponível em: <http://www.brasilemcidades.gov.br/src/php/frmPerfilMunicipal.php?idIBGE>>. Acesso em: set. 2014.

CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO. Disponível em: <http://www.cmop.mg.gov.br/>.

CAMPOS, Fernando Antônio Borges. Anexo. In: *Resposta ao Ofício do Tribunal de Contas da União*, nº ref.067, [S.I.], 1990.

CARTAS Patrimoniais. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em <http://www.iphan.gov.br/>>. Acesso em: set.2014.

CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. *A escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. São Paulo: Ed. Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1978.

CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO- CUNI. *Estatuto das Residências Estudantis*. Ouro Preto, 25 de agosto de 2006.

DAYRELL, J.T.; LEÃO, G.; BATISTA, J. Juventude, pobreza e ações sócio-educativas no Brasil. In: SPOSITO, M. (Org.). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades das regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. *A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil*. Simpósio Internacional “Ciutat Edu: nous reptes, nous compromisos”. Barcelona, outubro de 2006.

_____. *A Música entra em Cena: o Rap e Funk na Socialização da Juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. *O jovem como sujeito sócio-cultural*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n 24, set/dez. 2003, p. 40-53.

_____. A escola como espaço sócio-cultural. In: *Múltiplos olhares sobre Educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

_____. Juventude e Escola. In: SPÓSITO, Marília (org). *Juventude e escolarização*. Brasília: MEC/INEP/COMPED. 2002, p.67-93

DEQUECH, David. *Isto Dantes em Ouro Preto: Crônicas*. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1984.

DIAS, José Ramos. *Apontamentos históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto*. 3ed. rev. Ouro Preto: UFOP/Escola de Farmácia, 1989.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris : PUF, 1985.

ELIAS, Nobert, SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESCOLA DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Disponível em: <http://www.escoladefarmacia.ufop.br/>. Acesso em: set. 2014.

Escola de Farmácia de Ouro Preto. In: *DICIONÁRIO Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. [S.I.]: FIOCRUZ. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escfarop.htm> . Acesso em: nov. 2014.

Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto. Revista AP Cultural, Belo Horizonte, v.1, n.5, p.24-27, 1999.

ESCOLA DE MINAS. *A inauguração da Escola de Minas*. Disponível em: <http://www.em.ufop.br/em/apresentacao.php>>. Acesso em: setembro de 2013.

FESTIVAL de Inverno de Ouro Preto e Mariana. Disponível em: <http://www.festivaldeinverno.ufop.br/2015/index.php>>. Acesso em dez. 2016.

FESTIVAL de Jazz de Ouro Preto: Tudo é Jazz. Disponível em: <http://www.tudoejazz.com.br/>. Acesso em: dez. 2015.

FONSECA, Juliano. Os encantos e desencantos de Ouro Preto: *Os Encantos e Desencantos de Ouro Preto: uma leitura sócio antropológica sobre as repúblicas de estudantes*. Monografia. (Graduação em Ciências Sociais)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. 2013.

FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônio e memórias. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.12, nº33, fev.1997.

_____. *Centros Históricos e Patrimônios Culturais Urbanos: uma avaliação e duas propostas para Coimbra*. Oficina do CES, Coimbra, n. 254, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/254.pdf>>. Acesso em: nov. 2014.

FÓRUM das Letras. Disponível em: <http://www.forumdasletras.com.br/>. Acesso em out. 2015.

FRANÇA, Adriana Altíssimo. *O léxico da comunidade de Ouro Preto-MG: da (im) possibilidade de reflexos do contato linguístico*. Dissertação (mestrado em linguística) 2008. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. (Org.). *Universidade Federal de Ouro Preto: Plano de Estruturação e Implantação*. Diagnóstico. Belo Horizonte, 1976; 2 v.

_____. Centro de Desenvolvimento Urbano. *Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana: Relatório Síntese*. Belo Horizonte, 1975. Não paginado.

GOMES, Alberto Magalhães de. *Apontamentos Históricos da Escola de Pharmácia de Ouro Preto: comemorando seu centenário*. Ouro Preto: [s.n.], 1939.

GOMES, Carina. Imagens e narrativas da Coimbra turística: entre a cidade real e a cidade (re) imaginada. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 83. P. 55-78, 2008.

_____. Viver no centro da cidade: práticas, discursos e representações sobre a baixa de Coimbra. *Oficina do CES*, Coimbra, n. 280, jun. 2007.

GOMES, Saul António. Escolares e Universidade na Coimbra Medieval: Breves Notas Documentais. *Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, Porto, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2001, v.1, p. 509-531. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2854.pdf>>. Acesso em: nov. 2014.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

IBGE CIDADES. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314610&search=minas-gerais|ouro-preto>>. Acesso em: novembro de 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: set. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Lei Complementar nº 01/1996, de 19 de dezembro de 1996. Institui o Plano Diretor do Município de Ouro Preto e dá outras providências. Ouro Preto, 19 dez. 1996.

_____. Lei Complementar nº 30/2006, de 28 de dezembro de 2006. Estabelece normas e condições para o parcelamento, a ocupação e o uso do solo urbano no Município de Ouro Preto. Ouro Preto, 28 dez. 2006 d.

_____. Lei Complementar nº 60/2009, de 20 de março de 2009. Cria a Zona de Desenvolvimento Educacional, acrescenta o inciso VII no artigo 41 da Lei Complementar Municipal nº 29/2006, de 28 de dezembro de 2006, que estabelece o Plano Diretor do Município de Ouro Preto, e o inciso VII no parágrafo único do artigo 5º da Lei Complementar nº 30/2006, de 28 de dezembro de 2006, que estabelece normas e condições para o parcelamento, a ocupação e o uso do solo urbano no Município de Ouro Preto e dá outras providências. Ouro Preto, 20 mar. 2009.

_____. *Sinopse estatística da educação superior: 1980-1998*. Brasília, DF, 1999.

_____. *Sinopse estatística da educação superior: 2000*. Brasília, DF, 2001.

_____. Lei nº 29/1990, de 09 de julho de 1990. Dispõe sobre preservação e combate a incêndios no Município de Ouro Preto e dá outras providências. Ouro Preto, 09 jul. 1990.

IPHAN. *Ouro Preto*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=274>>. Acesso em: outubro de 2013.

JACOBINA, Emanuel. Coração de Estudante. Rede Globo, 2002. Telenovela, In: MORAES, CLAUDIA C. A. E MIRANDA, BRUNA P. *Introdução às repúblicas de Ouro Preto (MG)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

JARDIM, Wilson Figueiredo. *O desastre de Mariana é o retrato do Brasil*. 2015. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2015/11/23/artigo-o-desastre-de-mariana-e-o-retrato-do-brasil>>. Acessado em dez. 2015.

LIMA, Mario de. *Ouro Preto e a Escola de Minas: tradições da cidade e do instituto*.

LOPES, Tânia Fedotovas. *Ouro Preto: o drama social do direito ao patrimônio*. 2004. Dissertação (mestrado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

MACHADO, Brito. *Ouro Preto: crônicas*. Ouro Preto: Livraria Mineira, 1933.

MACHADO, Lucília Regina de Souza; ALMEIDA, Maria Elizabete dos Santos Guimarães de. *O Ensino Superior em Minas Gerais: cadastro e estatísticas*. Belo Horizonte: Delegacia do Ministério da Educação em Minas Gerais, 1980.

MACHADO, Otávio Luiz (org.). *As repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

_____. (Org). Depoimento por escrito de José Cesar Caiafa Junior a Otávio Luiz Machado. *Ouro Preto: Projeto A Atuação do Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto: o desenvolvimento e o radicalismo entre 1956 e 1969*, 2004.

MALTA, Eder. *Identidades e Práticas Culturais Juvenis: As Repúblicas Estudantis de Ouro Preto*. São Cristovão/ SE, Dissertação, UFS, 2010.

MAUSS, M. (1923-24) “Essai sur le Don. Forme et Raison de l’Echange dans les Sociétés Archaïques”. In: *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF. pp. 145-171, 1991.

MENEGUELLO, Caion. *Ouro Preto: a Construção de uma cidade histórica*. 2007. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. 3ª Promotoria de Justiça da Comarca de Ouro Preto. Peça de Informação nº 0461.09.000015-3. Assunto: Concessão de Alvará pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto às Repúblicas Estudantis. Representante: Carla Teixeira. Área de atuação: Patrimônio Histórico e Cultural. Ouro Preto, 27 fev.2009 a.

_____. 4ª Promotoria de Justiça da Comarca de Ouro Preto. Inquérito Civil nº MPMG-0461.09.000015-3. Representado: Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Representante: Carla Teixeira Santos. Responsável pela instauração: Ronaldo Assis Crawford. Área de atuação: Patrimônio Público. Descrição do fato: Apurar irregularidades na concessão de alvará pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto às Repúblicas Estudantis. Ouro Preto, 27 mar.2004 a.

_____. 4ª Promotoria de Justiça da Comarca de Ouro Preto. Apuração Preliminar nº 67/2004. Representante: Comissão Transitória da Organização do Carnaval 2005. Assunto: Carnaval 2005. Ouro Preto, 09 dez.2004b.

_____. 4ª Promotoria de Justiça da Comarca de Ouro Preto. Portaria nº MPMG-0461.09.000021-1. Descrição do fato: Suposto Descumprimento de função social dos imóveis da UFOP e Escola de Minas que abrigam as repúblicas estudantis. Ouro Preto, 27 fev.2009b.

_____. Procuradoria da República em Minas Gerais. Inquérito Civil Público nº 1.22.000.001327/2008-41. V. I. Requerente: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Requerido: Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Resumo: Falta de controle sobre construções e reformas das repúblicas de propriedade da UFOP localizadas em Ouro Preto/MG. Grupo Cível 1. 2º Ofício Cível. 4ª Câmara. Belo Horizonte, 15 maio 2008.

PAIS, J. M. Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica, *Análise Social*, vol. 25, nº 108/109, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, p. 591-644. 1990.

_____. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, Vol. 25, No. 105-106, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais p. 139-165. 1990.

_____. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1993.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5/6, p. 15-25, 1997.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.15-58.

_____. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2011.

PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, L.; MESQUITA, W. (Org.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Gramond, 2012.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *As ciladas da diferença*. São Paulo: 2013.

PINTO, Kleber Farias. Prefácio. In: MACHADO, Otávio Luiz (Org.). *As repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

PIRES, Eliane. Juventude e Noite: Espaços Diferenciados. In: Seminário Fazendo Gênero, 8., 2008, Florianópolis. *Anais...*, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2008. 1 CD-ROM, In: SAYEGH, Liliâne. *Dinâmica urbana em Ouro Preto: Conflitos decorrentes de sua patrimonialização e de sua consolidação como cidade universitária*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Salvador: UFBA, 2009.

PROGRAD. *Pró- Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto*. Disponível em: <<http://www.prograd.ufop.br/index.php/cursos>>. Acesso em: outubro de 2013.

QUEIROZ, J. J. *O mundo do menor infrator*. São Paulo: Autores Associados, 1984.

RACCIOPPI, Vicente de Andarde. *Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto*. Belo Horizonte: Typografia Castro, 1940.

_____. *Centenário da Escola de Pharmácia de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Typografia Castro, 1939.

REVISTA ESCOLHA. *Cursos de graduação da UFOP*. Ouro Preto: UFOP, ano 4. n.4. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *A Universidade no Século XXI: para uma Universidade Nova*. Coimbra: [s.n], 2008. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Secul%20XXI.pdf>>. Acesso em: nov. 2014.

SARDI, Jaime Antônio. Estratégias de auto regulação desenvolvidas por estudantes universitários em ambiente de exacerbação do prazer. *Revista Eletrônica da Universidade Federal de Mato Grosso*, Cuiabá, n. 15, jun./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev15/Sardi.html>>. Acesso em: nov. 2014.

SAYEGH, Liliane. *Dinâmica urbana em Ouro Preto: Conflitos decorrentes de sua patrimonialização e de sua consolidação como cidade universitária*. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. *Questões fundamentais de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SPOSITO, M.P. e CARRANO, M.C.R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, set a dez, 2003.

SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA. *A ameaça de desapropriação, República Pif-Paf mantém posse de imóvel*. Disponível em: <<http://nota-dez.jusbrasil.com.br/noticias/2219490/ameacada-de-desapropriacao-republica-pif-paf-mantem-posse-de-imovel>>. Acesso em: agosto de 2013.

TEODORO, Rosa Jaqueline, *Fazendo festa, criando história(s) e contando estória(s): o Doze em Ouro Preto, MG*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). 2003- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TONETTI, Flávio. *Repúblicas estudantis de Ouro Preto: uma educação para a vida*. Disponível em: <<http://www.ensino.blog.br/2007/11/30/republicas-estudantis-de-ouro-preto-uma-educacao-para-a-vida/>>. Acesso: setembro de 2013.

UNESCO. *Convenção sobre a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural*. Paris, 1972.

_____. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br/>>. Acesso em: set. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Moradias Estudantis*. Disponível em:<http://www.ufop.br/index.php?option=com_content&task=view&id=56&Itemid=157>. Acesso em: fev. de 2014.

_____. *Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação: 2010*. Ouro Preto 2010. Disponível em: <<http://www.prace.ufop.br/Perfil%20do%20Aluno%20UFOP%20-%202010.pdf>>. Acesso em: setembro de 2013.

_____. *Projeto REUNI: 2008-2012*. Ouro Preto, 2008. Disponível em:<http://www.ufop.br/downloads/JornalUFOP/reuni_09jun2008plusacordometas51.pdf>. Acesso em: outubro de 2013.

_____. *Resolução CUNI, n.779*. In: Estatuto das Repúblicas Federais de Ouro Preto, 2006.

Anexos

Anexo 1: Texto sobre a Lei Municipal do Silêncio

Author: angelapbs

Lei Municipal do Silêncio

nov. 29 Cartilhas comunitárias Comentários desativados

(por Flávio Andrade, Incansável na luta contra a perturbação do sossego em nosso bairro, a quem devemos sinceros agradecimentos pela sua valiosa contribuição)

* Texto publicado na íntegra

CARTILHAS COMUNITÁRIAS Nº 1 – LEI MUNICIPAL DO SILÊNCIO

Há alguns anos, os moradores da Baurita lutam contra a bagunça de algumas repúblicas estudantis da região. Em setembro de 2011, como o problema piorava, as três associações de moradores do bairro se uniram para intensificar o esforço.

Fui procurado em dezembro e me envolvi no trabalho. Na ocasião, as entidades promoveram uma grande reunião no Pró-Melhoramentos, com mais de 200 pessoas, e que foi um marco no movimento. Foi como um grito de indignação de pessoas que não conseguem dormir em função da algazara de algumas repúblicas.

Dentre as diversas propostas surgidas nesta reunião, as entidades apresentaram sugestões de mudanças imediatas na "Lei Municipal do Silêncio", para torná-la mais rigorosa. Cabe lembrar que a lei não vale só para as repúblicas, mas também para clubes, bares, festas familiares e outros.

Como é muito importante que todos conheçam as leis para cumpri-las ou exigir o seu cumprimento, produzi esta cartilha para que a nova lei seja amplamente conhecida.

Você encontrará nesta publicação:

- Parte 1 – Comentários sobre os pontos mais importantes da Lei Municipal do Silêncio.
- Parte 2 – Texto Integral da Lei.
- Parte 3 – Comentários sobre a Recomendação do Ministério Público – MP.
- Parte 4 – Texto Integral da Recomendação do MP.
- Parte 5 – Contatos para ajudar a cumprir a Lei.

Flávio Andrade (vereador 2008/2012)

PARTE 1

Pontos mais importantes da lei

Toda lei usa algumas palavras que dificultam a compreensão de quem as lê. Para facilitar a leitura desta, destaco abaixo alguns pontos mais importantes, colocando entre parênteses o artigo que fala daquele assunto.

Quem fiscaliza?

A fiscalização e o controle da aplicação desta lei são feitos pelo setor de Fiscalização de Posturas da Prefeitura (art. 3º parágrafo único).

Quem pode reclamar?

Qualquer pessoa tem o direito de reclamar de barulhos que perturbem o sossego da comunidade. Pode ser por telefone, pessoalmente, por e-mail ou de outras maneiras. A lei garante que o nome do reclamante será mantido em sigilo (art. 4º).

Quem acompanha o trabalho?

É a Comissão Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora. Ela estabelece as diretrizes do trabalho, articula as ações de órgãos internos e externos da Prefeitura e julga o recurso de quem é multado por fazer barulho. A Comissão é composta por sete membros, dentre representantes da Prefeitura e da comunidade (art. 5º e parágrafos).

Como se mede o barulho?

A lei obedece a algumas normas técnicas estabelecidas em todo o país. Geralmente o barulho é medido por um aparelho chamado decibelímetro e pode ser medido da rua próximo à casa de onde vêm os ruídos (artigos 7º e 8º).

Tem que ter licença pra festa?

As festas que se utilizem de sonorização e que vendam ingresso, comida ou bebidas têm que ter autorização da Prefeitura (art. 15 e parágrafo).

Quais são as penalidades para quem não obedecer à lei?

A penalidade depende de cada caso e da gravidade do mesmo. Pode ser uma notificação dando prazo para o infrator corrigir o problema (por exemplo no caso de uma fábrica que use máquinas barulhentas, por exemplo). Pode ser também a aplicação de multa simples ou multa diária. Podem ser apreendidos instrumentos ou equipamentos que fazem o barulho (art. 23 e parágrafos).

Quem paga a multa?

No caso de repúblicas, são responsabilizados o dono da casa e as pessoas, em geral estudantes, que moram na mesma (parágrafo 12 do art. 23).

Qual é o valor da multa?

As multas variam de 50 a 500 UPMs (Unidade Padrão Municipal) de acordo com a gravidade do caso. A UPM vale em fevereiro de 2012 R\$ 61,75 (art. 24).

PARTE 2**Lei Municipal do Silêncio**

Lei Complementar 15/2006, modificada pela Lei Complementar 111/2011

Dispõe sobre o controle e o combate à poluição sonora no âmbito do Município de Ouro Preto

Art. 1º- A emissão de sons e ruídos em decorrência de quaisquer atividades exercidas em ambientes confinados ou não, no Município de Ouro Preto, obedecerá aos padrões, critérios e diretrizes estabelecidas

por esta lei, sem prejuízo da legislação federal e estadual aplicáveis.

Art. 2º – É proibido perturbar o sossego e o bem estar público com sons excessivos, vibrações ou ruídos incômodos de qualquer natureza, produzidos de qualquer forma, que ultrapassem os limites estabelecidos nesta lei.

Art. 3º – Cabe à Administração Municipal:

I – Estabelecer programas de controle dos ruídos urbanos e exercer, diretamente ou através de delegação, poder de controlar e fiscalizar as fontes de poluição sonora, em ação conjunta com a Secretaria de Estado de Segurança Pública e outros órgãos afins da administração pública Federal e Estadual;

II – Estudar e decidir a localização de estabelecimentos recreativos, industriais, comerciais ou de outra espécie, que possam produzir poluição sonora em ruas, vilas, bairros ou áreas preponderantemente residenciais ou zonas sensíveis a ruídos;

III – Organizar o serviço de atendimento ao cidadão, de modo a atender às demandas de reclamações contra excesso de ruídos ou sons, adotando o procedimento administrativo e judicial necessário para colibi-lo;

IV – Aplicar as sanções previstas em lei.

Parágrafo único – Compete à Fiscalização de Posturas, ou órgão que venha a substituí-la em atribuições e funções, a fiscalização e o controle da poluição sonora no âmbito do Município de Ouro Preto.

Art. 4º – A qualquer cidadão é garantido o direito de proceder a reclamação pessoal, por telefone, fax ou outro instrumento adequado, desde que forneça dados que o identifiquem e possibilitem a localização do possível poluidor.

Parágrafo único – Será preservado o sigilo dos dados do cidadão reclamante, que só serão divulgados em processos ou ações judiciais pertinentes.

Art. 5º – Fica instituído o Programa Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora, vinculado à Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano e coordenado pela Comissão Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora, com os objetivos de:

I – Estabelecer as diretrizes e mecanismos de prevenção, fiscalização e controle da poluição sonora, através de Resoluções;

II – Implementar política de educação ambiental, visando conscientizar e envolver a sociedade na prevenção e solução dos problemas decorrentes da poluição sonora;

III – Articular intercâmbio interinstitucional e intergovernamental entre os órgãos que atuam no âmbito do problema da poluição sonora;

IV – Atuar como Câmara recursal nos casos de aplicação das penalidades estabelecidas nesta lei, não cabendo recurso a outra instância (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

§ 1º – A Comissão Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora é constituída por representantes dos diversos segmentos da sociedade civil e órgãos governamentais, e regulamentada através de decreto do Executivo Municipal com as atribuições descritas no caput deste artigo e a seguinte composição:

I – um representante da Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano;

II – um representante da Vigilância Sanitária Municipal;

III – um representante da Fiscalização de Posturas Municipais;

IV – um representante da Procuradoria Jurídica do Município;

V – três representantes da Sociedade Civil indicados pela FAMOP – Federação das Associações de Moradores de Ouro Preto (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

§2º – A Comissão Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora será presidida por um representante do Poder Executivo escolhido dentre os membros da própria Comissão, que poderá ter, além do seu voto comum, o voto de desempate (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

Art. 6º – Para os fins desta lei, aplicam-se as seguintes definições:

I – Poluição sonora: toda emissão de som, vibração ou ruído que, direta ou indiretamente, seja ofensiva ou nociva à saúde física e mental, à segurança e ao bem estar do indivíduo ou da coletividade, ou transgrida as disposições fixadas na lei;

II – Meio ambiente: conjunto formado pelo espaço físico e os elementos naturais nele contidos, até o limite do território do Município, passível de ser alterado pela atividade humana;

III – Som: toda e qualquer vibração acústica capaz de provocar sensações auditivas;

IV – Ruído: qualquer som que cause ou possa causar perturbação ao sossego público ou produzir efeitos nosológicos, psicológicos ou fisiológicos negativos em seres humanos e animais;

V – Ruído impulsivo: som de curta duração, com início abrupto e parada rápida, caracterizado por um pico de pressão menor que um segundo;

VI – Ruído contínuo: aquele com flutuação de nível de pressão acústica tão pequena que pode ser desprezada dentro do período de observação;

VII – Ruído intermitente: aquele cujo nível de pressão acústica cai abruptamente ao nível do ambiente várias vezes durante o período de observação, desde que o tempo em que o nível se mantém constante e diferente daquele do ambiente seja da ordem de grandeza de um segundo ou mais;

VIII – Ruído de fundo: todo e qualquer som que esteja sendo emitido durante o período de medições, que não seja objeto das medições;

IX – Vibração: movimento oscilatório, transmitido por meio sólido ou uma estrutura qualquer;

X – Decibel (dB): unidade de intensidade física relativa ao som;

XI – Nível de som dB(A): intensidade de som, medido na curva de ponderação "A", definida na NBR 10.151 da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT ou na que lhe suceder;

XII – Zona sensível a ruído: aquela que, em virtude das atividades ali realizadas, necessita de um silêncio excepcional e será determinada pelo raio de duzentos metros de distância de hospitais, escolas, bibliotecas, templos religiosos, creches e museus;

XIII – Limite real de propriedade: plano imaginário que separa as propriedades reais de pessoas físicas ou jurídicas;

XIV – Distúrbio sonoro ou distúrbio por vibração: é qualquer ruído ou vibração que:

- a) ponha em perigo ou prejudique a saúde física ou mental, o sossego e o bem estar público;
- b) cause danos de qualquer natureza às propriedades públicas ou privadas;
- c) ultrapasse os níveis fixados na lei.

XV – Horários:

a) diurno: compreendido entre as seis e dezoito horas;

b) noturno: compreendido entre as dezoito e seis horas.

Art. 7º – A emissão de sons ou ruídos, produzidos em residência ou em decorrência de qualquer atividade no município de Ouro Preto, e seus níveis de intensidade são fixados de acordo com as recomendações da NBR 10.151 da ABNT, ou da que lhe suceder.

Parágrafo único – A medição da intensidade física relativa ao som será realizada em qualquer logradouro público ou nos imóveis onde ocorrer o incômodo (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

Art. 8º – Quando o nível de ruído proveniente de tráfego, medido dentro dos limites reais da propriedade em que se dá o incômodo, ultrapassar os níveis aqui fixados, caberá à Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano articular-se com os órgãos competentes,

visando à adoção de medidas para a eliminação ou minimização da poluição sonora.

Parágrafo único – Os veículos de propaganda deverão respeitar os limites sonoros, conforme estabelecido no art. 7º desta Lei.

Art. 9º – Para a concessão de alvarás de construção, localização e funcionamento de atividades potencialmente poluidoras em termos sonoros, eventuais ou permanentes, o Município exigirá estudo técnico específico, podendo condicionar o alvará à implantação de isolamento acústico.

§ 1º – São atividades potencialmente causadoras de poluição sonora as que utilizam instrumentos mecânicos ou eletroacústicos de propagação de som ou ruído, ou equipamentos que emitem sons ou ruídos contínuos ou intermitentes.

§ 2º – Nos casos em que não se exigir o revestimento acústico adequado, o Município deverá estabelecer no alvará as condições, os critérios e os horários para funcionamento do estabelecimento.

Art. 10 – As atividades de trabalho manual e as de “carga” e “descarga” em geral, bem como toda e qualquer atividade que resulte prejuízo ao sossego público deverão ser realizadas no período diurno, com o respectivo licenciamento ambiental, e de acordo com as normas expedidas pelo órgão municipal de trânsito.

Parágrafo único. O Município poderá autorizar excepcionalmente tais atividades em horários noturnos.

Art. 11 – A emissão de sons ou ruídos produzidos por veículos automotores, ciclomotores ou de tração animal, e os produzidos no interior dos ambientes de trabalho, obedecerão às normas expedidas respectivamente pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente -CONAMA, e pelos órgãos competentes, devendo a Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano, em conjunto com os fiscais de Posturas, empreender a fiscalização e aplicação das penalidades previstas nas mencionadas normas.

§ 1º – O Departamento de Trânsito-Ourobran deverá empreender vistoria ambiental nos veículos que necessitem de seu licenciamento ou autorização, averiguando os níveis de emissão de sons e ruídos, de modo a compatibilizá-los com esta lei e com as normas estaduais e federais pertinentes.

§ 2º – Poderá o Executivo Municipal, através de decreto, estabelecer regulamentação específica com critérios para o licenciamento após realização da vistoria ambiental, estabelecendo outros limites, desde que compatíveis aos estabelecidos nesta lei.

Art. 12 – Os serviços de alto-falantes fixos somente poderão ser licenciados para ruas e áreas preponderantemente comerciais ou industriais, para funcionamento nos horários das dez às dezesseis horas em dias úteis.

§ 1º – É proibida a utilização de serviços de alto-falantes fixos em ruas, logradouros, praças ou áreas preponderantemente residenciais, bem como em zonas sensíveis a ruído.

§ 2º – No licenciamento ambiental constará todo o perímetro ou local em que será autorizada a instalação dos serviços de alto-falantes fixos.

Art. 13 – Os serviços de alto-falantes móveis, sons eletronicamente amplificados tais como carros de som, tríos elétricos e congêneres, e outras formas de transportar tais sons, bem como as atividades que os utilizem, deverão obter licenciamento da Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano, em que constarão o horário, dias e critérios com que poderão funcionar, incluindo o local.

§ 1º – Através de Resolução ou Portaria, a Comissão Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora definirá os limites para emissão de som e ruído por serviços ou atividades que utilizem sonorização móvel.

§ 2º – É proibida a realização de atividades que utilizem sonorização móvel em zonas sensíveis a ruído, especialmente nas ZPE's.

Art. 14 – A realização de atividades recreativas ou culturais que utilizem sonorização fixa ou móvel, em ruas ou áreas preponderantemente residenciais, deverá ser objeto de licenciamento especial da Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano.

Art. 15 – As festas eventuais realizadas em terrenos ou locais abertos, públicos ou privados, que utilizem sonorização, deverão ser autorizadas pela Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano e obedecerão aos limites estabelecidos por esta lei e critérios definidos no licenciamento.

Parágrafo único – As festas eventuais realizadas em imóveis particulares ou públicos que comercializem bens e/ou serviços deverão ser autorizadas pelo Município, nos termos da regulamentação (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

Art. 16 – Depende de prévia autorização da Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano a utilização das áreas dos parques, praças e jardins municipais com o uso de equipamentos sonoros, fogos de artifício ou outros que possam vir a causar poluição sonora.

Parágrafo único – No licenciamento deverão ser estabelecidas as condições, critérios e horários para realização de tais atividades.

Art. 17 – Fica proibida a concessão de autorização para funcionamento de serraia, marmoraria, metalúrgica ou empresa ou indústria congênera em rua, vila, bairro ou área preponderantemente residencial, sem prejuízo para aqueles que estiverem regularmente funcionando antes da vigência desta Lei.

Parágrafo único – Considera-se regular o empreendimento que possuir alvará de localização e funcionamento.

Art. 18 – Somente será licenciado funcionamento de indústria de fabricação de alarmes sonoros de segurança, de morteiros, bombas, rojões, foguetes ou fogos de artifício em geral fora da zona urbana, desde que os estampidos não ultrapassem o nível máximo de noventa decibéis medidas na curva "C" do medidor de intensidade de som, a distância de sete metros da origem do estampido ao ar livre, observando as disposições de determinações policiais e regulamentares a respeito.

Art. 19 – Não é permitido utilizar mairacas, cometas ou outros sinais exagerados ou contínuos, alto-falantes expostos no exterior ou com projeção externa de som, em casas comerciais, ambulantes, prédios residenciais ou de qualquer tipo, nem possuir ou alojar animais que frequente ou continuamente causem distúrbio sonoro.

Art. 20 – Não se compreendem nas proibições dos artigos anteriores ruídos e sons produzidos:

I – em propaganda eleitoral ou manifestação trabalhista, de acordo com as legislações específicas e

regulamento da Comissão Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora;

II – por sinos de Igrejas ou instrumentos de templos religiosos que sirvam exclusivamente para indicar a hora e anunciar a realização de atos ou cultos religiosos, nunca superiores a quinze minutos, em horário diurno, respeitados os limites estabelecidos nesta lei;

III – por fanfarras ou bandas de músicas em cortejos ou desfiles cívicos e religiosos;

IV – por sirenes, seretas ou aparelhos de sinalização sonora utilizados por ambulâncias, carros de bombeiros ou viaturas policiais;

V – por explosivos utilizados excepcionalmente e com autorização da Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano;

VI – por alarme sonoro de segurança, residencial ou veicular, desde que o sinal sonoro não se prolongue por tempo superior a quinze minutos;

VII – durante o período carnavalesco, Ano Novo, festividades religiosas, festas juninas e outras festividades municipais, casos em que a Comissão Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora deverá expedir regulamentação específica;

VIII – por obras e serviços urgentes e inadiáveis decorrentes de casos fortuitos ou de força maior, ou perigo iminente à segurança e ao bem estar da comunidade, bem como o restabelecimento de serviços públicos essenciais tais como energia elétrica, gás, telefone, água, esgoto e sistema viário.

Art. 21 – Os estabelecimentos que já obtiveram licenciamento e alvará de funcionamento e que são potenciais poluidores sonoros deverão obter o licenciamento ambiental, para tanto estabelecendo, em comum acordo com o órgão municipal responsável pela política ambiental, o plano de adequação a esta lei.

Art. 22 – Os técnicos da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, bem como os investidos dessa condição através de convênio, acordo ou qualquer outro instrumento utilizado pelo poder público local, no exercício da ação fiscalizadora, terão a entrada franqueada nas dependências das fontes poluidoras instaladas no Município, onde poderão permanecer pelo tempo que se fizer necessário.

Parágrafo único – Nos casos de obstrução à ação fiscalizadora, poderá ser requisitado auxílio das forças policiais.

Art. 23 – A pessoa física ou jurídica que infringir qualquer dispositivo desta lei, seus regulamentos e demais normas dela decorrentes, fica sujeita às seguintes penalidades, independente da obrigação de cessar a infração e de outras sanções cíveis e penais:

I – notificação por escrito, na qual deverá ser estabelecido prazo para o tratamento acústico, quando for o caso;

II – multa simples (modificado pela Lei Complementar 111/2011);

III – multa diária (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

IV – embargo de obra ou atividade;

V – demolição de obra ou instalação;

VI – interdição parcial ou total de estabelecimento ou de atividades poluidoras;

VII – apreensão dos instrumentos, apetrechos, equipamentos ou veículos de qualquer natureza utilizados na infração;

VIII – suspensão de venda e fabricação de produto;

IX – suspensão parcial ou total de atividades poluidoras;

X – intervenção em estabelecimento;

XI – destruição ou inutilização de produto;

XII – cassação de alvará de funcionamento de estabelecimento;

XIII – restritivas de direitos.

§ 1º – É reincidente o infrator que, depois de receber qualquer das penalidades prevista neste artigo, esgotada a via recursal, cometa nova infração no prazo de 36 (trinta e seis) meses.

§ 2º – Se o infrator cometer, simultaneamente, duas ou mais infrações, ser-lhe-ão aplicadas, cumulativamente, as sanções a elas cominadas.

§ 3º – A notificação será aplicada pela inobservância das disposições desta lei e da legislação municipal, quando constatada a primariedade do infrator.

§ 4º – A multa simples será aplicada sempre que o infrator, por negligência ou dolo:

I – após ser notificado por escrito, praticar, deixar que se pratique a infração e deixar de cumprir as exigências técnicas exigidas, no prazo estabelecido pelo órgão fiscalizador;

II – opuser embaraço à ação fiscalizadora;

III – for reincidente.

§ 5º – A multa diária será aplicada sempre que o cometimento da infração se prolongar no tempo.

§ 6º – A apreensão referida no inciso II do caput deste artigo será aplicada após a segunda reincidência.

§ 7º – A destruição referida no inciso XI do caput deste artigo obedecerá ao disposto em regulamentação específica.

§ 8º – As sanções indicadas nos incisos IV, V, VI, VIII e IX do caput serão aplicadas quando o produto, a obra, a atividade ou o estabelecimento não estiverem obedecendo às prescrições legais ou regulamentares.

§ 9º – A intervenção ocorrerá sempre que o estabelecimento estiver funcionando sem a devida autorização ou em desacordo com a autorização concedida.

§ 10 – As sanções restritivas de direito são:

I – suspensão de registro, licença ou autorização;

II – cancelamento de registro, licença ou autorização;

III – perda ou restrição de incentivos e benefícios fiscais;

IV – perda ou suspensão da participação em linhas de financiamento em estabelecimentos oficiais de crédito;

V – proibição de contratar com a Administração Pública, pelo período de até três anos.

§ 11 – A cassação dos alvarás e autorizações expedidas pelos demais órgãos do Executivo Municipal, bem como a perda dos incentivos e benefícios fiscais concedidos pelo Município, serão regulamentadas através

de decreto ou portaria entre os órgãos responsáveis por tais políticas.

§ 12 – Quando a infração for cometida em residência familiar, estudantil ou congênera, o proprietário e os residentes responderão solidariamente pelas multas, sendo notificadas para apresentarem defesa em procedimento administrativo (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

§ 13 – O proprietário de mais de uma residência será considerado reincidente ainda que a infração aos dispositivos desta Lei ocorra em diferentes residências.

§ 14 – As penalidades de que trata este artigo poderão ter sua aplicação suspensa quando o infrator obrigarse, por tempo de compromisso aprovado pela Comissão Municipal de Educação e Controle da Poluição Sonora, a adotar medidas específicas para cessar a poluição sonora comprovada (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

§ 15 – As multas não pagas serão inscritas em Dívida Ativa nos termos da Lei Complementar nº 105, de 25 de outubro de 2011, que institui o Código Tributário Municipal, que serão executadas judicialmente no prazo de até 180 (cento e oitenta) dias contados da data da inscrição da Dívida Ativa (modificado pela Lei Complementar 111/2011).

Art. 24 – As multas serão aplicadas no valor de 50 (cinquenta) UPM's a 500 (quinhentas) UPM's, graduadas segundo critérios de gravidade do ilícito ou reincidência, e serão arbitradas pelo Fiscal de Posturas no ato de autuação, podendo ser cumulativas com outras penalidades. (A UPM vale XX reais em fev.2012)

§ 1º – São consideradas circunstâncias atenuantes:

I – ser primário o infrator;

II – a infração não tiver sido cometida com finalidade lucrativa;

III – procurar o infrator, por espontânea vontade, reparar ou minorar as consequências do ato lesivo às disposições desta Lei;

IV – menor grau de compreensão e escolaridade do infrator.

§2º – São consideradas circunstâncias agravantes:

I – ter o infrator agido em dolo, fraude ou má-fé;

II – ter sido a infração cometida com fins de vantagens pecuniárias;

III – deixar o infrator de adotar as providências de sua alçada, com fins de evitar o ato lesivo;

IV – ser o infrator reincidente.

§ 3º – A multa poderá ser aumentada até cem vezes, se a autoridade considerar que, em virtude da situação econômica do agente, ela se revelar ineficaz, ainda que aplicada no seu valor máximo.

§ 4º – Sem prejuízo às circunstâncias agravantes e atenuantes, servirão de parâmetro para a fixação do valor da multa:

I – o benefício econômico esperado pelo infrator com a sua atividade ou conduta;

II- o local da infração, sendo considerada de maior gravidade as infrações cometidas em zona sensível a ruído, conforme a definição do inciso XII do artigo 6º desta Lei;

III – a intensidade medida do som;

IV – a capacidade econômica do infrator.

§ 5º – As medições dos níveis de som e ruído serão efetuadas através de decibelímetro.

Art. 25 – As receitas provenientes da aplicação desta lei integrarão o orçamento do Município e serão destinadas ao combate da poluição sonora.

Art. 26 – Os atos praticados pelos fiscais de Posturas, bem como o procedimento administrativo para a apresentação de recursos, são regulados pelo Código de Posturas, que se aplica subsidiariamente às disposições desta Lei.

Art. 27 – Esta Lei entra em vigor sessenta dias após sua publicação.

Angelo Oswaldo de Araújo Santos – Prefeito Municipal

PARTE 3

Comentários sobre a Recomendação do Ministério Público – MP

“Recomendação”, como o próprio nome indica, é um documento oficial do Ministério Público através do qual o Promotor apresenta algumas sugestões a serem observadas. Ninguém é obrigado a obedecer a uma Recomendação. No entanto, caso o Promotor entenda que a não observância da sugestão implique no descumprimento de alguma lei, ele pode abrir uma ação judicial contra a pessoa ou entidade.

No caso da perturbação do sossego, os quatro Promotores de Justiça de Ouro Preto assinaram uma Recomendação conjunta. Isto mostra a importância do assunto. O documento apresenta sugestões à Polícia Militar, à Polícia Civil e à Prefeitura Municipal.

A 1ª parte da Recomendação são os “Considerandos”, que são as leis diversas em que os Promotores se basearam para escrever o documento.

Destaco abaixo os pontos mais importantes da Recomendação em si.

A Polícia Militar deve “sempre” comparecer quando acionada por denúncia de perturbação do sossego e “adotar providências imediatas para interromper o barulho”, inclusive apreendendo equipamentos. Deve também ajudar a Fiscalização de Posturas da Prefeitura, “sempre que solicitada”. Deve ainda prender perturbadores que ofendam fiscais ou policiais envolvidos no caso.

A Polícia Civil deve promover o registro de ocorrências de perturbação do sossego imediatamente, concluindo os procedimentos “com a maior brevidade possível”. Deve ainda instaurar inquérito policial nos casos comprovados, remetendo-o à Vara Criminal.

A Prefeitura deve providenciar o funcionamento da Fiscalização durante 24 horas nos dias da semana em que haja maior número de ocorrências. Deve ainda encaminhar ao Promotor cópia de todos os autos de infração em decorrência de poluição sonora. Por último, deve incluir na dívida ativa e posterior execução todas as multas devidas em função da Lei do Silêncio.

PARTE 4

Texto Integral da Recomendação do Ministério Público – MP

Promotorias de Justiça da Comarca de Ouro Preto

Curadoria de Defesa do Cidadão

Curadoria de Defesa dos Idosos e Portadores de Deficiências

Curadoria de Defesa da Saúde

Promotoria de Justiça Criminal e da Infância e da Juventude

Recomendação Conjunta nº 01/2011

À Polícia Militar, à Polícia Civil e à Administração Municipal.

O Ministério Público do Estado de Minas Gerais, por meio dos Promotores de Justiça da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Promotorias de Justiça da Comarca de Ouro Preto/MG, no uso de suas atribuições legais, com fundamento nos artigos 127, caput, e 129, II, da Constituição da República, no artigo 67, Inciso VI, da Lei Complementar Estadual nº 34/1994 (Lei Orgânica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais), nos arts. 27, IV, c/c 80 da Lei nº 8.625/93 e art. 6º, XX, da LG nº 75/93; e:

Considerando que as peculiaridades da vida estudantil ouropretana e a tradição das repúblicas estudantis da cidade, tanto as federais quanto as particulares, não podem afrontar os Direitos Fundamentais previstos na Constituição Federal;

Considerando ser a saúde um direito de todos e dever do Estado (art. 196, CF) e que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, como condição essencial à sadia qualidade de vida (art. 225, CF);

Considerando que a poluição sonora é uma das formas de poluição previstas na Lei de Crimes Ambientais (art. 54, caput, da Lei nº 9.605/98);

Considerando que a Lei Federal nº 6.938/1981 fixa como um dos objetivos da Política Nacional do Meio Ambiente a compatibilização do desenvolvimento econômico e social com a preservação da qualidade do meio ambiente (art. 4.º, I), bem como o estabelecimento de critérios e padrões da qualidade ambiental (art. 4, III).

Considerando que o artigo 3º, Inciso III, da Lei Federal nº 6.938/1981, define poluição como a degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente: a) prejudiquem a saúde; b) criem condições adversas às atividades sociais e econômicas; c) afetem desfavoravelmente a biota; d) afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente e/ou e) lancem matérias ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos.

Considerando que a mesma Lei, no Inciso IV do artigo 3º, define poluidor como a pessoa física ou jurídica, de direito público ou privado, responsável, direta ou indiretamente, por atividade causadora de degradação ambiental. Assim, tanto a pessoa jurídica que desenvolve atividade geradora de ruído (ex. indústria, bar, discoteca, danceteria, oficina, escritório, empresas de transporte, construtora, igrejas etc.), como seus representantes (pessoas físicas) são responsabilizados administrativa, civil e criminalmente pelo dano ambiental.

Considerando que a poluição sonora, especificamente, é aquela degradação da qualidade ambiental, com as consequências especificadas nas alíneas "a" a "e", do Inciso III, do artigo 3º, da Lei 6.938/1981, fruto de som puro ou da conjugação de sons.

Considerando que os problemas relativos aos níveis excessivos de ruídos estão incluídos entre os sujeitos ao controle da poluição ambiental, cuja normatização e estabelecimento de padrões compatíveis com o meio ambiente ecologicamente equilibrado e necessário à sadia qualidade de vida é atribuída ao CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente), de acordo com o que dispõe o Inciso II do artigo 6º da Lei 6.938/81.

Considerando que a tutela jurídica do meio ambiente e da saúde humana é regulada pela Resolução do CONAMA 001, de 08 de março de 1990, que assim dispõe, nos seus itens I e II:

I – A emissão de ruídos, em decorrência de quaisquer atividades industriais, comerciais, sociais ou recreativas, inclusive as de propaganda política, obedecerá, no interesse da saúde, do sossego público, aos padrões, critérios e diretrizes estabelecidos nesta Resolução.

II – São prejudiciais à saúde e ao sossego público, para os fins do item anterior os ruídos com níveis superiores aos considerados aceitáveis pela norma NBR 10.151 – Avaliação do Ruído em Áreas Habitadas visando ao conforto da comunidade, da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, em seu item 6.2.1 – tabela 1.

Considerando que a NBR 10.151, que dispõe sobre a avaliação do ruído em áreas habitadas, visando ao conforto da comunidade, fixa as condições exigíveis para a avaliação da aceitabilidade do ruído em comunidades, independentemente da existência de reclamações.

Considerando os termos da RESOLUÇÃO CONAMA 002/1990, que institui o Programa Nacional de Educação e Controle da Poluição Sonora – Silêncio.

Considerando, pois, que as atividades sonoras serão havidas como poluidoras por presunção legal, na medida em que se situarem fora dos padrões admitidos em lei, nas resoluções do CONAMA e nas normas técnicas recomendadas.

Considerando que a legislação municipal sobre a poluição sonora também faz referência às limitações estabelecidas na NBR 10.151 – Avaliação do Ruído em Áreas Habitadas visando ao conforto da comunidade, da Ass. Brasileira de Normas Técnicas – ABNT;

Considerando que a privação do sono adequado é reconhecidamente causa de problemas de saúde, que afetam com especial gravidade crianças, adolescentes e idosos;

Considerando os incontáveis registros de perturbação da tranquilidade e do sossego alheios que aportam diariamente na 4ª Promotoria de Justiça de Ouro Preto, com atribuição para a defesa do cidadão e do meio ambiente, bem como nas demais Promotorias de Justiça, protagonizados, sobretudo, pelos moradores das repúblicas estudantis da cidade;

Considerando que as penalidades administrativas impostas pelo Município de Ouro Preto, notadamente as multas, bem como as transações penais havidas no Juizado Especial Criminal, não têm sido suficientes para coibir a prática reiterada;

Considerando a inconsistência dos argumentos que defendem a não atuação da Polícia Militar de Minas Gerais nos casos de flagrante por perturbação do sossego, pelo fato de a Instituição não possuir Medidores de Nível de Pressão Sonora (decibelímetros);

Considerando que o crime de poluição sonora, previsto no art. 54, da Lei de Crimes Ambientais, está caracterizado quando os ruídos produzidos ultrapassarem os limites previstos na legislação em vigor, especialmente a Lei Municipal Complementar nº 16/2006;

Considerando que, comprovada a perturbação do sossego por quaisquer outros meios de prova ilícitos, estará configurada a contravenção prevista no art. 42, do Decreto-Lei 3.688/41;

Considerando que não há vinculação necessária entre a atuação da Polícia Militar, no sentido da repressão dos atos ilícitos, e a necessidade de medição dos ruídos por decibelímetros, pois a perturbação do sossego alheio poderá ser comprovada por outros meios, notadamente pela prova testemunhal e pelas informações lançadas no Boletim de Ocorrência;

Considerando as disposições do Código Civil Brasileiro sobre uso anormal da propriedade, que proíbem as

interferências prejudiciais à segurança, ao sossego e à saúde dos vizinhos, interferências estas consideradas de acordo com a natureza da utilização, a localização do prédio e os limites ordinários de tolerância dos moradores da vizinhança;

Considerando que, segundo estabelece o art. 5º, XI, da Constituição da República, "a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial";

Considerando as disposições contidas nos arts. 6º, II, e 11 do Código de Processo Penal sobre a necessidade de apreensão dos objetos e instrumentos relacionados com o crime;

Considerando que o aparelho de som, as caixas amplificadoras e demais objetos capazes de produzir sinais sonoros são considerados instrumentos das infrações previstas no art. 42 do Decreto-Lei 3.688/41 e no art. 54 da Lei 9.605/98;

Considerando o dever legal das Polícias Civil e Militar de prevenir, reprimir, investigar e agir quando da ocorrência de toda e qualquer prática criminosa, especialmente quando de ação penal pública incondicionada;

RECOMENDA:

1. À Polícia Militar de Minas Gerais:

1.1. Que, sempre que acionada por qualquer cidadão, compareça no local da suposta perturbação do sossego e, constatada a prática do ilícito penal (crime ou contravenção), adote, imediatamente, as providências necessárias à interrupção do barulho, promovendo a apreensão dos aparelhos sonoros e demais instrumentos utilizados na prática infracional, como tambores, guitarras, violões, baterias, etc.

1.2. Que lavre Boletim de Ocorrência circunstanciado, confirmando ou não a ocorrência da perturbação do sossego, no qual deverão constar o nome e a qualificação completos de todos os moradores presentes, assim como das vítimas, a ser encaminhado à Polícia Civil e ao Ministério Público (4ª PJOP).

1.3. Que preste auxílio ao Serviço Municipal de Fiscalização, sempre que assim solicitado, lançando no Boletim de Ocorrência os valores obtidos pela medição efetuada pelos fiscais;

1.4. Que prenda em flagrante, pela prática de desacato, os suspeitos que ofendam os agentes, policiais ou civis, que efetuarem a diligência;

1.5. Que, havendo fundados indícios da existência de drogas no local onde se realiza a diligência, realize a busca e apreensão das mesmas, conduzindo os eventuais agentes à Polícia Civil;

1.6. Constatando-se a presença de crianças e adolescentes consumindo álcool ou outras substâncias ilícitas, que prenda em flagrante os infratores (art. 243, do Estatuto da Criança e do Adolescente), dando-se imediata ciência ao Comissariado de Menores ou ao Conselho Tutelar.

1.7. Caso no local sejam encontradas placas de trânsito ou mobiliário público (como cestas de lixo, bancos, postes, cones com identificação etc.), deverão tais objetos ser apreendidos e encaminhados à Polícia Civil, para apuração dos crimes de furto e receptação.

2. À Polícia Civil de Minas Gerais:

2.1. Que nas hipóteses de perturbação do sossego alheio, promova a lavratura do Termo Circunstanciado de Ocorrência de forma imediata, independentemente de anuência ou representação de eventuais vítimas, devendo concluir os procedimentos com maior brevidade possível;

2.2. Que, nas hipóteses de poluição sonora devidamente apurada mediante medição efetuada pelos fiscais municipais, instaure inquérito policial, com posterior remessa à Vara Criminal, uma vez que o crime do art. 54 da Lei nº 9.605/98 comina pena de reclusão, de um a quatro anos, e multa;

2.3. Na hipótese de apreensão de computadores utilizados na sonorização, que represente ao Juízo Criminal postulando a realização de perícia visando a apuração da violação de direitos autorais ou existência de material pornográfico envolvendo crianças e adolescentes (art. 241-B, do Estatuto da Criança e do Adolescente).

3. Ao Município de Ouro Preto:

3.1. Que adote as providências que assegurem o funcionamento do serviço municipal de fiscalização durante 24h, nos dias da semana em que se constate o maior número de ocorrências relacionadas à perturbação do sossego;

3.2. Que encaminhe à 4ª Promotoria de Justiça fotocópia de todos os autos de infração lavrados em decorrência de poluição sonora;

3.3. Que promova a inscrição na dívida ativa e posterior execução de todas as multas impostas em razão da violação da "Lei do Silêncio".

4. Dê-se ciência da presente recomendação aos MM. Juizes de Direito, à Câmara Municipal de Ouro Preto, ao Reitor da Universidade Federal de Ouro Preto, ao Diretor do Instituto Federal de Minas Gerais – campus Ouro Preto, à Imprensa e ao público em geral.

Ouro Preto, 12 de dezembro de 2011.

- André Cardoso Cavalcanti – Promotor de Justiça
- Edvaldo Costa Pereira Jr.- Promotor de Justiça
- Luiza Helena Tróculo Fonseca – Promotora de Justiça
- Flávio Jordão Hamacher – Promotor de Justiça



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO

PROJETO DE LEI Nº 041/98

**CRIA O CONSELHO MUNICIPAL DA JUVENTUDE - CMJ, E DÁ
OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

A Câmara Municipal de Ouro Preto, por seus representantes legais aprova e a Prefeitura Municipal sanciona a seguinte lei.

Art. 1º - Fica criado, junto ao Gabinete do Prefeito, o Conselho Municipal da Juventude - CMJ.

§ 1º - O Conselho terá natureza consultiva e deliberativa.

§ 2º - Ao Executivo caberá garantir a infra-estrutura para o funcionamento do Conselho.

Art. 2º - O Conselho, órgão de deliberação coletiva da juventude ouropretana, tem por objetivos:

I- Debater a realidade social, econômica, política e cultural de interesse da juventude, no município de Ouro Preto;

II- Propor e acompanhar políticas públicas globais e localizadas para o jovem, de modo a integrá-lo na visão de participação administrativa, a fim de garantir a realização de sua plena cidadania.

Art. 3º - Compete ao Conselho Municipal da Juventude:

I - Elaborar relatórios, apresentar à Administração Municipal projetos e programas referentes a questão e atividades relativas à juventude de modo a viabilizar e satisfazer suas aspirações e seus direitos;

II - Assessorar e acompanhar a implantação de política de seu interesse;

III- Propor o desenvolvimento de atividades;

IV- Encaminhar, após ampla discussão da Plenária do Conselho, as reivindicações de segmentados organizados da juventude;



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO

V- Promover, em conjunto com os órgãos a ele vinculados, eventos científicos, debates, estudos e pesquisas sobre as questões da juventude;

VI- Promover intercâmbio com entidades similares ou não, nacionais e estrangeiras, públicas ou privadas, com objetivo de implantar programas e projetos relacionados à juventude;

VII- Mobilizar recursos, governamentais ou não, para apoio de programas e projetos relacionados à juventude;

VIII- Convidar entidades governamentais e entidades ou pessoas integrantes da sociedade civil para colaborarem na execução das atividades que o Conselho venha realizar.

Art. 4º - São instâncias do Conselho Municipal da Juventude:

I - Plenárias Populares de Jovens, realizadas periodicamente;

II- Conselho de Representantes, composto de 21 (vinte e um) Conselheiros eleitos;

III- Comissões Regionais, atuando em âmbito regional.

§ Único - A Plenária Popular jovem é a instância de deliberação máxima do Conselho Municipal da Juventude.

Art. 5º - São atribuições do Conselho de representantes:

I - Debater problemas relacionados às áreas de interesse da juventude;

II- Encaminhar reivindicações do segmento de jovens, organizado ou não;

III- Debater e avaliar os programas governamentais e a atuação dos órgãos públicos no tocante às áreas de interesse da juventude;

IV- Elaborar propostas a serem encaminhadas ao Executivo para a sua implantação.



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO

VI- Constituir Grupos de Trabalho para estudar detalhadamente, se necessário com o auxílio de Técnicos da Administração Municipal, assuntos da competência do Conselho, auxiliando, assim, na formulação de pareceres finais do Conselho Municipal da Juventude.

Art. 6º- O Conselho Municipal da juventude será composto de jovens com mais de 14 anos, da sociedade civil, que desenvolvam atividades nas áreas de interesse da juventude, podendo votar e ser votados.

§ 1º - O Conselho de Representantes será dirigido de forma colegiada.

§ 2º - A eleição dos Conselheiros será realizada em plenária convocada, para esse fim, através do Diário Oficial do Município, devendo as chapas providenciar inscrição prévia junto a ela.

§ 3º - Na eleição votarão os jovens cadastrados individualmente no Conselho Municipal da Juventude.

§ 4º - O mandato dos membros será de dois anos permitida uma única recondução consecutiva, observando o limite de idade.

§ 5º - O Executivo designará um membro para participar do Conselho de representantes, que acompanhará os trabalhos desenvolvidos pelo Conselho Municipal da Juventude.

§ 6º - As funções dos membros do Conselho não serão remunerados, mas considerados como serviço público relevante.

Art. 7º - Fica assegurado a todos os segmentos juvenis existentes na cidade e as pessoas que desenvolvam trabalhos com jovens, ainda que não representados ou cadastrados no Conselho Municipal da Juventude, direito à participação nos Grupos de Trabalho, nas Plenárias e nas Comissões Regionais, observando o disposto no Art. 6º.

Art. 8º - As Secretarias Municipais que, de qualquer modo, estejam relacionadas às áreas de interesse da juventude juntamente com a Câmara Municipal de



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO

Ouro Preto e ONG,s Organizações Governamentais serão chamadas a participar e colaborar nos trabalhos desenvolvidos pelo Conselho.

Art. 9º - O Conselho elaborará, no prazo de 90 (noventa) dias, o seu Regimento Interno, submetendo-o à aprovação da Plenária e do Prefeito.

Art. 10º - O Conselho poderá expedir normas relativas à sua organização e ao seu funcionamento.

Art. 11º - As despesas com a execução desta lei correrão por conta das dotações orçamentarias próprias.

Art. 12º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Casa da Câmara Bernardo Pereira de Vasconcellos, aos 26 de junho de 1998.

Anexo 3: Fotografia da Rua Direita, Centro (às 23h: 30m de sexta feira, 06/03/15)



Foto: arquivo pessoal.

Anexo 4: Fotografia da fachada do bar Satélite (Sábado, 07/03/2015)



Foto: arquivo pessoal.

Anexo 5: Fotografia da Rua Paraná, Centro (Sexta-feira, 06/03/15)



Foto: arquivo pessoal.

Anexo 6: Fotografia da fachada do Bar Barroco, largo da Barra (sábado, 21/11/15)



Foto: arquivo pessoal.

Anexo 7: Fotografia da Manifestação contra o aumento das passagens, Praça Tiradentes, 2013.



Fonte: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/21/com-reducao-praia-grande-sp-deixa-de-ter-tarifa-de-onibus-mais-cara-do-estado.htm>

Anexo 8: Fotografia da Praça Tiradentes durante o Festival de Inverno 2015



Foto de Nathalia Torres

Anexo 9: Fotografia da Praça Tiradentes, Centro (Sábado, 12/12/15)



Foto: arquivo pessoal.

Anexo 10: Fotografia de alunos da UFOP na Cachoeira da Chapada localizada a 15 km do centro de Ouro Preto.



Foto: cedida por Matheus Fonseca

Anexo 11: Reportagem sobre os bastidores do processo de batalha em repúblicas de Ouro Preto



Ex- calouros revelam bastidores do processo de admissão em repúblicas de Ouro Preto

Tradição degradante vem de décadas. Mas há também moradias que repudiam a prática.

Postado em 16/12/2012 00:12 / atualizado em 17/12/2012 14:03

Tiago de Holanda



Intenso nas festas das repúblicas, consumo de álcool movimentava também ruas e bares do Centro Histórico. Pressão por aceitação social, constrangimento e intimidação são circunstâncias bem conhecidas de calouros que tentam uma vaga em algumas repúblicas estudantis de Ouro Preto. Eram novatos, ou “bichos”, como são pejorativamente chamados, os dois alunos da universidade federal ouro-pretana que morreram em pouco mais de um mês, entre outubro e novembro, possivelmente por causa da ingestão exagerada de álcool. “Os bichos acham que têm que beber muito para serem aceitos naquele círculo social”, diz Geraldo*, de 19 anos, estudante de filosofia da Ufop. No mês passado, no restaurante principal da instituição, ele participou de protesto contra o processo de admissão de

moradores em algumas repúblicas. “Quantas mortes ainda ocorrerão até que essa tradição mude ou acabe?”, questiona. O jovem não frequenta mais “rocks”, as festas feitas toda semana por repúblicas. “Já fui a algumas. Em quase todas vi gente passando muito mal, vomitando, caindo no chão. É só bebida, droga, pegação”, relata.

Festas quase diárias são tentação para jovens que reclamam da falta de alternativas

Em uma noite de sábado, sem saber que falava com um repórter, uma moça levemente alcoolizada disse que tinha 21 anos e morava em uma república particular feminina. “Na minha casa não tem trote, graças a Deus. Eles tratam o ‘bicho’ como se ele não soubesse de nada, como se fosse um retardado. As federais são piores que as particulares”, criticou. Para reforçar o que dizia, citou um dos trotes praticados em residências femininas: as moradoras apanham as peças íntimas da caloura e as distribuem por repúblicas masculinas. A novata é obrigada a recolhê-las.

Em Ouro Preto, o arsenal de trotes parece ser ilimitado. À equipe do **EM**, estudantes contaram que neste ano, em uma noite, um grupo de “bichos” se dirigiu ao quartel-general das festas universitárias, o Centro Acadêmico da Escola de Minas (Caem), na Praça Tiradentes, todos com sacos plásticos de lixo, com furos para a cabeça e os braços, à maneira de vestidos. O bizarro cortejo era tocado por veteranos, que ordenavam: “Desfila, bichão”.

Nas repúblicas, uma das punições mais comuns é o “vento”. Os veteranos espalham as roupas do “bicho” pela casa e, às vezes, também reviram guarda-roupas e camas. “O vento era todo dia, como um castigo para o bicho que tivesse deixado de fazer algo que eles pediam”, conta o estudante da Ufop Rafael*.

Depois de ser rejeitado para uma vaga em uma república federal, o jovem penou para continuar vivendo em Ouro Preto. Filho de lavradores aposentados, tinha pouco para gastar em aluguel. Acabou se instalando em um pequeno quarto em bairro distante do Centro, onde paga R\$ 150 por mês. “Pensei que somente a boa convivência, o fato de eu ajudar nas tarefas domésticas e dividir as contas seria suficiente para eu ser aceito. Mas são eles (os veteranos) que decidem o tanto que você vai beber, a hora que você vai e volta do rock”, diz Rafael.

Advertência

Antes de se mudar para a cidade, Rafael foi alertado por um amigo de que não

suportaria a “batalha”. Marcos*, hoje aos 24 anos, sabia do que estava falando. Ele diz que, em 2006, foi “bicho” por um mês na moradia particular Vaticano, quando estudava engenharia de minas na Ufop. “Nos primeiros dias, eles (veteranos) dão uma aliviada. Depois começa o quebra-pau”, define Marcos, que também foi exortado a beber, mas resistiu. “Sempre tem bicho que obedece para agradar, contrariado”, acrescenta. Ele afirma ter ido a uns 20 rocks. “Era quase um por dia. Vi muita gente ficar bêbada, vomitar, cair no chão. Isso tinha sempre.”

Marcos também sofreu trotes. Uma vez, para recuperar as roupas espalhadas por repúblicas, teria que tomar um copo de cachaça em cada uma. “Quem não bebia, tomava água quase fervendo. Foi o que eu fiz. É até pior do que álcool”, diz. Em sua casa, os “bichos” precisavam arrumar o quarto quase todo dia, sob ameaça de vento. Em algumas repúblicas, relata, calouros tiveram que sair nus à rua, de madrugada, enquanto veteranos os molhavam com água gelada. “Não há razão para isso, é só sadismo”, acredita Marcos, que hoje mora em BH e é recém-formado em ciência da computação.

Procurada, a república Vaticano não quis se manifestar. “Não entraremos nessa polêmica. As informações de vocês são parciais”, justificou o morador que atendeu o telefonema.

Fonte: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/12/16/interna_gerais,337290/ex-calouros-revelam-bastidores-do-processo-de-admissao-em-republicas-de-ouro-preto.shtml último acesso: 10 jan.2015



ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

- **TRAJETÓRIA NA CIDADE** *Proceder por ordem cronológica.*

Desde quando mora em Ouro Preto; desde quando mora na mesma casa; se mudou recentemente por que; pontos positivos e negativos de morar em Ouro Preto (lazer, cultura, comércio, vizinhança, transporte público...) rotina da família (o que costuma fazer nos dias de semana, principalmente à noite, o que costuma fazer nos fds), formas de lazer e interação;

RELIGIÃO, FORMAS DE PARTICIPAÇÃO E FREQUÊNCIA.

- **EIXO PRINCIPAL**

Questão central: *interação entre morador local e o morador estudante universitário.*

A- Visão sobre a UFOP- Me fale um pouco sobre a Universidade, 1-como você pensa que ela contribui para a cidade; para os moradores; para o comércio; 2-você pensa que tem algo que não seja muito positivo na universidade; há algo que poderia ser melhor; me fale um pouco sobre as dificuldades ou coisas não muito boas ligadas a Universidade.

B- Visão sobre a VIZINHANÇA- Me fale um pouco sobre a vizinhança; como são seus vizinhos; são moradores antigos ou novos; são de confiança; se pudesse mudar de casa você mudaria; principais vantagens de morar aqui; quais são as dificuldades de continuar morando aqui;

C- Visão sobre o ESTUDANTE- 1;Me fale um pouco sobre os estudantes da UFOP ; quem são os estudantes da UFOP; são muitos estudantes de fora?; da pra saber quem é estudante de OP e quem é estudante de fora?; você acha que tem alguma vantagem pra cidade receber estes estudantes?; me fale um pouco sobre a sua experiência com estes novos moradores; 2- Comportamentos nas áreas públicas você saberia me dizer onde eles costumam se divertir?; e comportamento nas áreas privadas (rotina e saída da rotina ; repúblicas particulares e federais, confraternização, vizinhança, festas).

- **CONFRATERNIZAÇÃO**

- a- Tipos de confraternização entre repúblicas; festa especial; quem participa ;
- b- Tipos de confraternização entre repúblicas e a vizinhança nativa
- c- Tipo de engajamento público (associação, ONGs, partidos, igreja, movimentos sociais, centro acadêmico)
- d- Participação em eventos públicos;1-quais? 2-quando? 3- onde;



ROTEIRO DE ENTREVISTA (A)

1-PERFIL DO ENTREVISTADO

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Estado civil:

Ocupação:

Cidade natal:

Tempo de moradia em OP:

Curso/ Período:

2-TIPO DE MORADIA:

Número de moradores na casa (estrutura familiar):

Tempo de moradia na residência:

3- PARENTESCO :

- Ano de nascimento dos pais (pai e mãe) da pessoa entrevistada, local de moradia, atividade profissional/ forma e frequência de contato ; mesmos (irmãos, irmãs) e/ou próximos, os seus cônjuges.

4-TRAJETÓRIA (profissional/acadêmica) Proceder por ordem cronológica.

Tipo de educação regular (escola pública ou privada)

Entrada na vida universitária:

Formas de ingresso e escolha da universidade, processo de escolha da moradia; custos mensais e formas de sustento; vantagens e desvantagens do tipo de moradia.

Trajetória na cidade:

Desde quando mora em Ouro Preto; desde quando mora na mesma casa; se mudou recentemente por que; pontos positivos e negativos de morar em Ouro Preto (lazer, cultura, comércio, vizinhança, transporte público...) rotina de estudos, formas de lazer e interação;

Transição entre a vida antes e após OP (*me conta como era a sua rotina antes e como é agora*). RELAÇÃO FAMÍLIA, REPÚBLICA, CIDADE/vizinhança.

5-CRENÇAS, FESTAS

Religião, formas de participação e frequência.

EIXO PRINCIPAL

DIMENSÃO, VARIÁVEIS E INDICADORES

(ONDE; QUANDO; COMO; COM QUEM;)

Questão central: *interação* entre morador local e o morador estudante universitário

A) Práticas: comportamentos nas áreas públicas (bares, campus, principais locais de interação e confraternização, praças, lazer e entretenimento) e áreas privadas (rotina e saída da rotina; repúblicas particulares e federais, confraternização, vizinhança, festas).

Tipos de confraternização entre repúblicas; festa especial; quem participa;

Tipos de confraternização entre repúblicas e a vizinhança nativa;

Tipo de engajamento público (associação, ONGs, partidos, igreja, movimentos sociais, centro acadêmico);

B) Representação (categorias de classificação) sobre os agentes (**quem são, como são, como vivem**): 1-moradores de repúblicas federais; 2-moradores de repúblicas particulares; 3- moradores locais "nativos"; 4-universitário "nativo"

Anexo 14 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Declaro, por meio deste termo, que concordei participar na pesquisa de campo provisoriamente intitulada “JUVENTUDE LÁ E CÁ: uma leitura sociológica sobre a interação entre a juventude local e a juventude flutuante, leia-se, estudantes universitários moradores das Repúblicas em Ouro Preto” através da participação em grupo focal⁴⁰.

Afirmo que aceitei participar por minha livre e espontânea vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que, em linhas gerais é analisar a relação entre os moradores “nativos” e os moradores universitários da Universidade Federal de Ouro Preto. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio da técnica determinada no grupo focal gravada a partir da assinatura desta autorização e observação. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores da equipe, sendo o presente entrevistador e sua orientadora de pesquisa, a professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Dra. Léa Freitas Perez.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar o (a) pesquisador, Juliano de Carvalho Fonseca, através do telefone (31) 8723-3220 ou pelo email: juliano.fonseca@gmail.com, igualmente, procurar o Programa de Pós-Graduação em Sociologia, localizado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Sala 4202, na Universidade Federal de Minas Gerais, através do e-mail: ppgs@fafich.ufmg.br, ou telefone (31) 3409-5031, a fim de esclarecer qualquer dúvida referente ao pesquisador.

Fui ainda informado (a) de que posso me negar a responder qualquer pergunta, ou ainda, solicitar uma cópia transcrita da entrevista, sem quaisquer prejuízos, sanções ou constrangimentos. O entrevistador me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Ouro Preto, de outubro de 2015.

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

⁴⁰ O grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa que, coleta dados por meio das interações grupais através de tópicos sugeridos pelo pesquisador.